UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

FACULDADE DE LETRAS - FALE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA - PPGLL

ELAINE RODRIGUES DE SOUZA SILVA

A EMERGÊNCIA DE PRONOMES NÃO BINÁRIOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

MACEIÓ-AL

2024

ELAINE RODRIGUES DE SOUZA SILVA

A EMERGÊNCIA DE PRONOMES NÃO BINÁRIOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) para a obtenção do título de mestra.

Orientador: Danniel da Silva Carvalho

MACEIÓ-AL

2024

Ficha catalográfica

Catalogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S586e Silva, Elaine Rodrigues de Souza
A emergência de pronomes não binários no português brasileiro : um estudo exploratório / Elaine Rodrigues de Souza Silva. – 2024.
102 f. : il. color.

Orientador: Danniel da Silva Carvalho.
Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 99-102.

1. Gênero gramatical. 2. Neopronome (Identidade não binária). 3. Referência identitária. I. Título.

CDU: 81'367.626

Folha de aprovação

ELAINE RODRIGUES DE SOUZA SILVA

A emergência de pronomes não binários no português brasileiro: um estudo exploratório

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) para obtenção do título de mestra, defendida em 26 de janeiro de 2024.

Banca Examinadora

gov.br Documento assinado digitalmente
DANNIEL DA SILVA CARVALHO
Data: 31/01/2024 20:50:43-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Orientador: Prof.Dr. Danniel da Silva Carvalho

(Universidade Federal de Alagoas - UFAL)

gov.br Documento assinado digitalmente
FERNANDA DE OLIVEIRA CERQUEIRA
Data: 31/01/2024 17:30:04-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Examinadora Externa: Profa. Dra. Fernanda de Oliveira Cerqueira

(Universidade Federal da Bahia - UFBA)

gov.br Documento assinado digitalmente
ADEILSON PINHEIRO SEDRINS
Data: 31/01/2024 20:43:14-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Examinador Interno: Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins

(Universidade Federal de Alagoas - UFAL)

Dedico aos meus pais, Quiteria Rodrigues e Expedito Félix.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por tudo.

À minha família, Seu Expedito (meu pai), Dona Quitéria (minha mãe), Edielson Rodrigues (meu irmão) e Dona Nete (minha avó) - minha Maria - que acreditaram na minha capacidade e que sempre me impulsionaram a seguir o caminho que escolhi, mesmo sem entender, muitas vezes, o significado de uma titulação.

Ao meu companheiro de vida, meu amor, Rafael Bezerra de Lima, por me fortalecer, por ter me abraçado em momentos difíceis, pela paciência, por saber escutar meus lamentos e por ter me apoiado em todos os passos da minha vida acadêmica, do tcc a seleção do doutorado.

Ao meu enteado, João Vitor, pelo carinho, pela convivência e pela força de abraços que muitas vezes me fortaleceram e me incentivaram nessa caminhada.

Ao meu orientador, Danniel Carvalho, pela confiança, pela dedicação, pela orientação, pelas discussões, por me acalmar em diversos momentos, pelo estímulo permanente e por provocar, com seu trabalho, uma inspiração em minha trajetória.

Aos meus amigos e amigas que me incentivaram e me descontraíram em diversos momentos.

Aos professores João Paulo Cyrinno e a Lorena Borges pela leitura atenciosa e pelas contribuições valiosas no exame de qualificação.

Ao professor João Paulo Cyrinno, em específico, pela disponibilidade e por ter me ajudado no trabalho estatísticos dos dados.

Ao professor Adeilson Sedrins pelas contribuições ao longo da minha formação acadêmica e por ter aceitado contribuir com o presente trabalho.

À professora Fernanda Cerqueira por toda contribuição, pelas referências dadas e pela leitura atenciosa deste trabalho.

À FAPEAL (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas) por ter possibilitado o desenvolvimento deste trabalho.

A todos autores e autoras que com seus estudos contribuíram para o desenvolvimento da ciência e para a realização deste trabalho.

RESUMO

As transformações no campo da identidade dos sujeitos chegam para o português brasileiro (doravante PB) ressaltando uma necessidade de ampliação de marcas de gênero e de referenciação dos sujeitos na língua. Com isso, os valores binários - masculino e feminino - têm se mostrado limitados diante das novas identidades, impulsionando, desse modo, a utilização de uma linguagem não binária no PB. Assim, o presente trabalho possui como objetivo verificar e analisar os usos de uma terceira marca de gênero no PB, realizado na utilização de *neopronomes*, como nos sistemas *elu*, *ile*, *ilu* e *el*, e na ampliação de marcas distintivas de gênero na língua, tal como o uso do *-e* no final de nomes. A justificativa desta investigação é pautada, portanto, pela novidade do fenômeno na língua e, de forma consequente, nos estudos linguísticos, formando-se como uma nova problemática de investigação. Para tanto, lançamos mão de estudos sobre a categoria de gênero gramatical desenvolvidos por Camara Jr. (1970), Rocha (1998), Corbett (1991), Carvalho (2020), como também os estudos gramaticais de Bechara (1997;2010), Neves (2000), Perini (2005), Castilho (2010), Cunha e Cintra (2017). Destaca-se também os estudos de Benveniste (1995) sobre a classe dos pronomes, com intuito de compreender a implementação dos *neopronomes* e sua relação com um terceiro gênero na língua. Além do trabalho de Hall (2006) que permeia as questões de identidade dos sujeitos. Desse modo, com a caracterização e o objetivo de um estudo exploratória, com base na novidade do fenômeno, foi realizada uma coleta de dados, em um período de três meses, de alguns sistemas de neopronomes no *Twitter*, por meio de um procedimento de raspagem, que consiste na busca por palavras-chave. Assim, o *corpus* de análise foi composto por 364 amostras de *neopronomes*, esses dados foram submetidos a um estudo estatístico através da plataforma R, com base nas variáveis: proporção de uso dos sistemas de *neopronomes*, a fim de verificar se há uma maior utilização de determinado sistema; semântica, analisando se o emprego de *neopronome* apresenta uma utilização mais marcada para uma recuperação genérica do referente; função sintática, com o objetivo de observar se há uma ligação entre a função sintática e o sistemas específicos de neopronomes; desinência não binária de gênero, a fim de analisar se os usos dos *neopronomes* produzem impacto na concordância, e coocorrência de sistema, verificando se os sistemas de *neopronomes e* pronomes canônicos coocorrem em uma mesma construção. Assim, como resultado foi observado que o sistema *elu* apresentou uma maior frequência de usos, e, portanto, uma maior possibilidade de implementação. Além disso, as utilizações de *neopronomes* no PB apresentaram uma maior relevância para uma referência genérica dos sujeitos, recuperando identidades binárias e não binárias na língua. Por fim, os *neopronomes* apresentaram pouco impacto nas relações de concordância, concordando mais com os valores canônicos de gênero, porém, nos casos em que houve uma utilização não binária do valor de gênero o *-e* apresentou uma maior proporção de usos.

Palavras-chave: gênero gramatical; *neopronomes*; referência identitária.

ABSTRACT

The transformations in the field of identity of individuals are reaching Brazilian Portuguese (hereinafter BP), emphasizing the need for an expansion of gender markers and reference for individuals in the language. Consequently, binary values - male and female - have proven to be limited in the face of new identities, thus driving the use of non-binary language in BP. Therefore, the present study aims to verify and analyze the use of a third gender marker in BP, carried out through the use of neopronouns, such as in the *elu, ile, ilu*, and *el* systems, and the expansion of distinctive gender markers in the language, such as the use of -e at the end of words. The justification for this research is based on the novelty of the phenomenon in the language and, consequently, in linguistic studies, forming a new research problem. To do so, we rely on studies on the grammatical gender category developed by Camara Jr. (1970), Rocha (1998), Corbett (1991), Carvalho (2020), as well as grammatical studies by Bechara (1997; 2010), Neves (2000), Perini (2005), Castilho (2010), Cunha and Cintra (2017). Benveniste's (1995) studies on the pronoun class are also highlighted to understand the implementation of *neopronouns* and their relation to a third gender in the language. In addition to Hall's (2006) work that addresses issues of subject identity. Thus, with the characterization and objective of an exploratory study, based on the novelty of the phenomenon, data collection was carried out over a period of three months from some *neopronoun* systems on Twitter, through a scraping procedure, which involves searching for keywords. Therefore, the analysis corpus consisted of 364 samples of *neopronouns*, and these data were subjected to statistical analysis through the R platform, based on variables: the proportion of neopronoun system usage to determine if a specific system is more commonly used; semantics, analyzing whether *neopronoun* usage is more marked for a generic referent recovery; syntactic function, aiming to observe if there is a connection between syntactic function and specific neopronoun systems; non-binary gender inflection to analyze if *neopronoun* usage impacts agreement, and system co-occurrence, checking if *neopronoun* systems and canonical pronouns co-occur in the same construction. As a result, it was observed that the elu system had a higher frequency of usage and, therefore, a greater implementation possibility. Additionally, the use of *neopronouns* in BP showed greater relevance for a generic reference of individuals, recovering binary and non-binary identities in the language. Finally, *neopronouns* had little impact on agreement relationships, agreeing more with canonical gender values; however, in cases where there was non-binary use of gender value, the *-e* had a higher proportion of usage.

Keywords: grammatical gender; neopronouns; identity reference.

Lista de tabelas

Tabela 1: *Neopronomes* do PB ……. 43

Tabela 2: Grupos de *neopronomes* para a pesquisa no *Twitter*…….. 60

Tabela 3: Quantitativo de ocorrência……... 62

Tabela 4: Quantitativo de amostras……. 64

Tabela 5: Exemplos das amostras coletadas……. 65

Tabela 6: Distribuição de sistemas de *neopronomes*, frequência, proporção e limites …… 72

Tabela 7: Pronomes canônicos x *neopronomes* ……. 72

Tabela 8: Sistemas *neopronominais* x semântica ……. 76

Tabela 9: Função sintática dos *neopronomes* …… 80

Tabela 10: Desinência de gênero x sistema de *neopronome*…….. 86

Tabela 11:Coocorrências x sistemas de *neopronomes* …… 89

Tabela 12: Valores gerais dos sistemas de *neopronomes* ……... 93

Lista de gráficos

Gráfico 1: Proporção de usos de sistemas de *neopronomes* …….. 70

Gráfico 2: Distribuição dos *neopronomes* ……. 74

Gráfico 3: Distribuição da semântica nos sistemas *neopronominais* ……. 77

Gráfico 4: Correspondência entre função sintática e sistema de *neopronome* 81

Gráfico 5: Função sintática x sistemas de *neopronomes* …….. 83

Sumário

Introdução…… 12

Apresentação do fenômeno…… 17

1. O que é gênero gramatical?..... 17

1.1 O gênero gramatical na gramática normativa…… 17

1.1.2 O gênero gramatical na gramática descritiva……. 21

1.2 Estudos sobre a categoria de gênero ……..…….. 24

1.2.1 Camara Jr.: a forma marcada e não marcada de gênero no PB ……. 25

1.2.2 Rocha (1998): o gênero como uma marca morfossintática……. 26

1.2.3 Greville G. Corbett: o gênero em uma compreensão canônica…….. 27

1.2.4 Carvalho: o gênero no português brasileiro como uma construção morfossintática……. 31

1.3 Considerações parciais……. 32

Pronome e gênero…….. 36

2. O que é pronome?..... 36

2.1 A classe dos pronomes……. 37

2.1.1 A não-pessoa…….. 40

2.2 Neopronomes, a marcação de gênero e o princípio de identidade ……..… 42

2.3 Considerações parciais…… 47

Língua e Identidade…… 50

3. A língua e o reconhecimento de identidades sociais……. 50

3.1 A historicidade da identidade e o seu impacto sobre a língua……... 52

3.2 Considerações parciais …… 57

Metodologia…… 59

4. Procedimentos metodológicos……. 59

4.1 Coleta de dados …… 59

4.1.1 Descrição dos dados …… 62

4.1.2 Limpeza dos dados ……... 66

Discussão e análise ……. 70

5. Sistemas *neopronominais* ……. 70

5.1 Proporção dos sistemas de *neopronomes* …….. 70

5.2 Semântica: emprego genérico ou especificado? ……. 76

5.3 Função sintática …… 80

5.4 Desinência não binária de gênero …… 85

5.5 Coocorrência de sistemas ……. 89

5.6 Considerações parciais …….. 92

Considerações finais ……... 95

Referências …….. 99

Introdução

O gênero gramatical é reconhecido nos estudos linguísticos por comportar-se como uma categoria complexa, com um desempenho bastante diversificado (Corbett, 1991). Desse modo, a sua atribuição atende a padrões amplamente variados, não sendo conferida, exclusivamente, a uma marcação associada com o sexo dos seres, cabendo a essa relação um paradigma mais próximo das línguas ocidentais, conforme Carvalho (2021).

Nesse ponto, de acordo com William Croft (1994 *apud* Carvalho, 2021), há línguas que codificam o gênero, relacionando-o ao formato do objeto que representa, como é o caso do *Chócue*, pertencente ao quadro de línguas bantu. Regúnaga (2011 *apud* Carvalho, 2021), por outro lado, verifica que no *guajiro*, língua da família Arawak, a distribuição de gênero não ocorre como algo determinado, ou seja, já atribuído a partir do léxico, constituindo-se, desse modo, a partir de uma escolha do falante em marcar distintivamente o gênero nos nomes sexuados, por meio do uso de alguns sufixos ou de formas concordantes de gênero. Nessa língua destaca-se ainda que a forma feminina é atribuída como um valor não marcado de gênero.

Além disso, Aikhenvald (2016 *apud* Carvalho, 2021) observa que línguas não ocidentais não passam, necessariamente, por uma distribuição de gênero relacionada às características associadas ao sexo dos seres. Por conseguinte, o padrão de uma atribuição de gênero relacionada à dicotomia sexual (Corbett, 1991), parte de uma visão de mundo ocidentalizada e não contempla toda a realidade de aplicação do gênero nas línguas (Carvalho, 2021).

No português brasileiro (doravante PB), língua ocidental, por sua vez, o gênero gramatical é correspondente a uma informação sintática e morfológica que agrupa os nomes em dois valores distintos: feminino (ex.: a aluna) e masculino (ex.: o aluno). Nessa perspectiva, o gênero gramatical é entendido e debatido por alguns gramáticos (Cunha e Cintra, 2017) e por teóricos (Camara Jr., 1970) como um elemento próprio do funcionamento linguístico, sem qualquer intervenção de uma informação não linguística, como o sexo dos seres.

Entretanto, a observação e o uso do gênero gramatical por parte dos usuários da língua têm destacado a importante função dessa categoria no reconhecimento e

na representação linguística dos sujeitos. Assim, a marcação de gênero gramatical é associada ao sexo e à identidade social dos sujeitos. Nesse sentido, o emprego binário dessa categoria tem se mostrado limitada diante das novas identidades sociais, fazendo surgir, desse modo, uma nova necessidade para a língua, que repercute na implementação de um terceiro valor de gênero e de formas inovadoras de pronomes, os denominados *neopronomes*.

Com base nisso, circulam no PB propostas para uma marcação não binária de gênero, como a ampliação de marcas distintivas de gênero, tal como o uso do *-e* no final de nomes e a implementação de *neopronomes*, isto é, formas pronominais que não atendem a um registro canônico, como o *-elu*, *neopronome* pessoal do caso reto. Desse modo, os sistemas de *neopronomes* chegam para a língua com o objetivo de ampliar as possibilidades de referenciação dos sujeitos, como ocorre nos sistemas *elu*, *ile, el* e *ilu*. Com isso, destaca-se que usos de um novo valor de gênero e de formas de referenciação já encontram realizações no PB, como consta nos exemplos abaixo:

1. “Att: Falei tudo certinho com Printi e **elus** foram super **fofes**! Entenderam a situação toda e disseram que vão reimprimir e enviar numa embalagem mais adequada pra evitar amassar. Me salvaram demaaais”

Fonte: *Twitter*

2.

Fonte: Site do departamento de Letras da Universidade de São Paulo (USP).

Nos exemplos em (1) e em (2), é possível verificar a utilização de uma linguagem não binária na língua, como mencionado. Em (1), construção retirada da rede social *Twitter*, observa-se um novo valor de gênero presente no adjetivo “fofes”, em que o *-e* é responsável por uma marcação de distintividade de gênero, que, por

sua vez, concorda com o núcleo nominal “elus[1]”. O exemplo em (2), publicado pela Universidade de São Paulo (USP), em uma chamada para um evento da pós-graduação em linguística, também utiliza de um valor inovador da categoria de gênero através do substantivo “alunes” e da preposição *de* mais o artigo definido não binário *es*[2], gerando “des”.

Dessa forma, o PB tem manifestado usos de uma linguagem não binária, porém, essa inovação é também marcada por enfrentamentos sociais e políticos que buscam proibir e frear o espalhamento e o reconhecimento linguístico de novas identidades na língua. Nesse viés, projetos de leis são constantemente apresentados em todo o Brasil, com o intuito de proibir o avanço da variação no uso dessa categoria. De acordo com o “Poder 360”, grupo de comunicação jornalística, entre os anos de 2019 e 2022, foram apresentados no território nacional 58 projetos desenvolvidos por deputados estaduais e distritais, buscando a proibição de uma nova marcação de gênero gramatical no PB.

Ademais, a discussão em torno do uso de uma linguagem não binária chegou ao STF (Supremo Tribunal Federal), em 2023, que decidiu como inconstitucional a lei aplicada no estado de Rondônia que proibia usos dessa linguagem em escolas, materiais didáticos e concursos públicos. Para o STF, essa proibição atinge a uma aplicabilidade das diretrizes educacionais, que por sua vez, não estão no âmbito de decisão e estadual.

Outrossim, a ampliação de valores de gênero e a criação de marcas de referenciação, os *neopronomes*, não são exclusivos do PB. Línguas como o sueco e o espanhol passaram e passam por processos semelhantes. No sueco, o *neopronome hen*, criado com a finalidade de ampliar os valores de gênero e a representação/referenciação do sujeito, ultrapassando o masculino e o feminino, foi dicionarizado em 2015. No espanhol, especificamente o da Argentina, o *neopronome elle* e as formas de ampliação de marcas de distintividade de gênero, como o *-e*, *-x*, e *-@* já encontram respaldo legal, com usos indicados pela lei denominada “Guía de Pautas de Estilo del Lenguaje Inclusivo”[3], desde 2020, que inclui em documentos oficiais o uso de uma linguagem mais inclusiva.

---

[1] *Neopronome* pessoal de terceira pessoa de caso reto.
[2] A morfossintaxe dos artigos definidos segue os mesmos padrões dos pronomes de terceira pessoa no português, visto que têm origem comum na história da língua (Coutinho, 1962).
[3] “Guia de diretrizes de estilo de linguagem inclusiva”, tradução nossa.

Desse modo, no PB, as utilizações dos *neopronomes* e de novos valores de gênero ganham bastante espaço nas discussões sociais, porém ainda são poucas as investigações linguísticas sobre esses novos usos, tendo em vista a novidade do fenômeno para a língua. Dessarte, propomos um estudo acerca das utilizações de um terceiro valor de gênero no PB, tendo como foco a implementação de novas marcas de referenciação dos sujeitos, os *neopronomes*, e seu impacto na concordância nominal, com a ampliação de marcas distintivas de gênero no final de palavras, como se observa no exemplo em (1).

Assim, destacamos como objetivo geral desta pesquisa verificar as utilizações dos *neopronomes* e os usos de um terceiro valor de gênero no PB, analisando os contextos semântico, sintático e morfológico dessas utilizações. A partir disso, almejamos alcançar respostas sobre como e de que forma a linguagem não binária vem ocorrendo na língua, especificamente, no *Twitter*..

Com esse propósito, foi realizada uma coleta de dados na rede social *Twitter,* para a constituição do nosso *corpus* de estudo. Esse levantamento foi realizado por meio de um procedimento de raspagem, que consistem em uma técnica utilizada para extração de dados de uma determinada plataforma, no qual foi feita a busca por um conjunto específico de palavras, ou seja, por sistemas de *neopronomes*, em específico, o sistema *el*, *elu*, *ile* e *ilu*. A escolha por esses sistemas, por sua vez, foi baseada em alguns manuais de linguagem não binária que circulam na *internet*, como o “Guia de ‘linguagem neutra”[4], por Ophelia Cassiano e o “Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa”[5], por Gioni Caê Almeida.

Com isso, no campo metodológico, este estudo enquadra-se como uma pesquisa exploratória (Richardson,1999), tendo como base o pouco conhecimento sobre o fenômeno em questão. Dessa maneira, os dados coletados foram analisados levando em consideração a proporção de usos dos sistemas, a função sintática cumprida pelos *neopronomes*, o valor semântico[6] (genérico ou especificado) desses usos, a desinência não binária de gênero gramatical utilizada e a coocorrência entre os sistemas *neopronominais* e/ou canônicos. Os dados

[4]Disponível:https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b. Acesso em: 01, junho de 2023.
[5]Disponível:https://www.researchgate.net/publication/341736329_Manual_para_o_uso_da_linguagem_neutra_em_Língua_Portuguesa. Acesso em: 01, junho de 2023.
[6] Entende-se como valor semântico genérico utilizações de neopronomes referenciando identidades binárias e não binárias, e especificado usos em que a marcação do *neopronome* encontra-se relacionada à referenciação de identidades não binárias.

coletados foram organizados em uma planilha dinâmica no *excel* e analisados estatisticamente por meio da plataforma R.

Ademais, para o desenvolvimento da pesquisa proposta, alguns estudos se fizeram importantes. Dessa forma, destacam-se os estudos sobre a categoria de gênero nas gramáticas normativos (Bechara, 1997, 2010; Cegalla, 2008; Cunha & Cintra, 2017) e nas gramáticas descritivas (Castilho, 2010; Neves, 2000; Perini, 2005), como também os estudos teóricos de autores que se dedicam exclusivamente à compreensão sobre a categoria gramatical de gênero (Camara Jr.,1970; Rocha, 1998; Corbett, 1991; Carvalho, 2020).

Para entender a classe de pronomes e sua relação com o gênero gramatical, ressalta-se os estudos de Benveniste (1995) acerca dessa classe de palavras. Por fim, é também importante para esta pesquisa o trabalho de Hall (2006) sobre as transformações das identidades dos sujeitos ao longo do tempo. Portanto, a escolha dos textos citados para a composição da fundamentação teórica desta pesquisa é baseada na relevância que alguns textos recebem no debate sobre a marcação de uma linguagem não binária, compreendendo, nesse ponto, os estudos gramaticais e nas contribuições de alguns trabalhos acerca da compreensão do gênero gramatical, dos pronomes e da conceituação de identidade.

Por fim, o presente trabalho encontra-se dividido, respectivamente, em: “Introdução”, com a justificativa, objetivo e abordagem do estudo proposto; “Apresentação do fenômeno”, dedicada à revisão teórica de textos acerca do gênero gramatical; “Pronome e gênero”, com a discussão da classe de pronome e sua associação com o gênero; “Língua e identidade”, abordando as transformações no conceito de identidade e sua consequência para a língua; “Metodologia”; com a delimitação dos procedimentos metodológicos utilizados; “Discussão e análise”, com a discussão dos resultados obtidos, e as “Considerações finais”, destinada ao apanhado geral da pesquisa realizada e das respostas alcançadas.

Apresentação do fenômeno

1. O que é gênero gramatical?

O gênero gramatical ainda é reconhecido como uma categoria muito desafiadora nos estudos linguísticos. Tal fato é observado, entre outras razões, pela falta de um consenso na definição de gênero, o que se torna notório por meio de diversos estudos que apontam conclusões e compreensões diferentes sobre a categoria em questão, bem como a própria variedade de desempenho do gênero gramatical nas línguas em que se faz presente. Toda essa dificuldade de encontrar um entendimento comum e a pluralidade de formas de realização do gênero nas línguas entrega a complexidade e a riqueza desse componente linguístico, assim como a importância da investigação sobre os processos que o envolvem.

Nesse sentido, na presente seção, serão revisadas as conceituações do gênero gramatical, partindo das descrições presentes em gramáticas de cunho normativo (Bechara, 1997, 2010; Cegalla, 2008; Cunha & Cintra, 2017) e descritivo (Castilho, 2010; Neves, 2000; Perini, 2005), bem como os estudos teóricos que se dedicam exclusivamente à compreensão da categoria de gênero gramatical (Camara Jr., 1970; Rocha, 1998; Corbett, 1991; Carvalho, 2020), observando ainda uma possível relação entre esses distintos trabalhos acerca do entendimento do gênero gramatical e de sua relação com a classe de pronome.

1.1 O gênero gramatical na gramática normativa

O gênero gramatical não se configura como uma categoria universal entre as línguas (Corbett, 1991), e, além disso, como já mencionado, sua manifestação pode ocorrer de formas bastante diferentes. No PB o gênero gramatical é realizado no masculino e no feminino, tendo como marcas morfológicas o *-a* para o feminino e o *-o* para o masculino. Essas formas, no entanto, não são exclusivas, uma vez que há outras formas morfológicas para a marcação de gênero no PB, como o *-e* e o *-u*, em tomate e em véu, ou mesmo os finais consonantais, tal como em lápis e tórax. Porém, muitos gramáticos, como Bechara (1997, 2010), Cegalla (2008), Cunha e

Cintra (2017), admitem o -a, marca de feminino, como única marca de gênero na língua.

Nesse sentido, o trabalho sobre o gênero gramatical em Bechara (1997, 2010) e em Cunha e Cintra (2017) consiste no detalhamento e na normatização da marcação da categoria no PB, como a formação do feminino (“os em -o formam geralmente o feminino com acréscimo de a” (Bechara, 1997, p. 83), comuns de dois (“são comuns de dois gênero todos os substantivos ou adjetivos substantivados terminados em -ista: o pianista, a pianista; um anarquista, uma anarquista” (Cunha & Cintra, 1997, p. 83), e sobrecomuns (“são nomes de um só gênero gramatical que se aplicam, indistintamente, a homens e mulheres: o algoz, o carrasco” (Bechara, 1997, p. 84), não havendo, desse modo, qualquer conceituação, isto é, detalhamento ou definição do que seria o gênero na língua.

Cegalla (2008, p. 135), por outro lado, conceitua o gênero como “a propriedade que as palavras têm de indicar o sexo real ou fictício dos seres”. Tal definição revela uma relação estabelecida pelo autor de uma categoria linguística alicerçada em uma informação extralinguística, uma vez que o gênero seria um indicador do sexo dos seres, o que remete a um saber não linguístico.

Assim, na “Novíssima Gramática da Língua Portuguesa”, Cegalla (2008) destaca que a atribuição de gênero para os nomes dos seres vivos é correspondente à característica de sexo biológico, enquanto para os substantivos inanimados a atribuição é dada de forma convencional, sem qualquer associação com o sexo dos seres. Dessa forma, é interessante destacar que o trabalho do gramático na categoria em questão, apesar de se dedicar ao processo comum de demarcação de um uso “correto” da língua, propõe uma compreensão do gênero que ultrapassa o viés puramente gramatical, ao entender o gênero dentro de uma associação com o sexo dos seres.

Ademais, a atribuição de gênero para Bechara (2010) divide-se em substantivos que não possuem qualquer motivação semântica para a sua marcação e em substantivos que apresentam uma relação semântica com o sexo dos seres. No primeiro caso, o autor destaca como substantivos sem qualquer motivação para marcação de gênero: os substantivos inanimados, dado que não há uma razão para “lápis” ser masculino ou “caneta” ser feminino; os epicenos, uma vez que a informação semântica cumpre apenas com uma demarcação da espécie dos seres;

os sobrecomuns, em que informação de gênero é obtida pelo contexto, e os comuns de dois, cabendo à concordância a explicitação de gênero.

No que diz respeito aos substantivos que marcam uma relação direta com o sexo dos seres, Bechara (2010) destaca uma atribuição de gênero que se estabelece entre os nomes que indicam o sexo masculino e os nomes que indicam o sexo feminino, havendo, desse modo, uma relação direta do gênero gramatical com o sexo dos seres.

Para além disso, é interessante ressaltar que o autor admite questões sociais como importantes para a realização e a mudança do gênero na língua, visto que a entrada das mulheres no mercado de trabalho possibilitou marcações antes não realizadas, tal como em “mestra”, “engenharia”, “advogada” etc., destacando, dessa forma, que há no PB uma relação do gênero com o sexo dos seres e com práticas sociais. No texto do autor há ainda a divisão da categoria na língua em dois processos distintos: a flexão, processo morfológico que, de acordo com Camara Jr. (1970), atende às variações morfológicas de um mesmo vocábulo, de forma sistemática e regular, adicionando informações gramaticais (caso, número, gênero etc.) a um dado vocábulo; e a derivação, destinada à criação de novos vocábulos, não atendendo a um caráter sistemático e regular na língua, dado que nem todos os vocábulos da língua derivam novas palavras, em conformidade com Camara Jr (1970).

Assim, segundo Bechara (1997, 2010), a marcação de gênero no substantivo acontece de uma forma diferente da que ocorre com o adjetivo e o pronome, pois nesses dois o gênero é manifestado pelo processo de flexão, enquanto no substantivo ocorre de acordo com a derivação. Essa divisão é explicada por Bechara (2010) com base na função cumulativa derivacional de *-a*. Isto é, Bechara (2010) observa que o *-a* pode cumbrir com a função de atualizar o léxico, formando novas palavras, ou ter função de morfema, estando presente em “gata de gato” e em “fruta de fruto”. Desse modo, para o autor, o que ocorre com a marcação do gênero nos substantivos é uma atualização do léxico, visto que em “lobo” e “loba” a adição do *-a* ao tema promove “a capacidade de significar uma classe distinta de objetos, que em geral constituem uma espécie do gênero designado pelo tema primário” (Bechara, 2010, p. 89).

Nesse sentido, essa atualização do léxico como acontece em “loba” (fêmea do lobo) é uma capacidade apenas dos substantivos, no caso de adjetivos, como em

“bonito” e “bonita”, o acréscimo do -*a* corresponde à variação de gênero que ocorre, por sua vez, por meio do processo de flexão, não formando classes distintas de objetos. À vista disso, Bechara (2010) descreve o gênero dos substantivos como próprio da derivação.[7]

Outrossim, a gramática de Cunha e Cintra (2017) segue a atribuição de gênero destacando o masculino como a forma não marcada, e o feminino como a forma marcada, o que se assemelha à compreensão apresentada por Camara Jr. (1970), apesar dos autores não fazerem qualquer menção ao linguista. Os gramáticos destacam ainda que o gênero do substantivo não é apreendido nem por seu significado, nem por sua terminação, isto é, os significados dos nomes não denotam seu gênero, bem como não há como definir o gênero de um nome apenas por sua terminação.

Entretanto, os autores apresentam alguns pontos para tornar a tarefa de verificação/apreensão do gênero mais objetiva, como: são geralmente masculinos os nomes de animais do sexo masculino, os nomes de homens ou de funções por eles exercidas ou geralmente femininos os nomes de animais do sexo feminino, os nomes de mulheres ou de funções por elas exercidas; são masculinos os nomes terminados em -*o* átono, são geralmente femininos os nomes terminados em -*a* átono. Tais simplificações contradizem a afirmação inicial da forma masculina ser a forma não marcada, ao admitirem que o -*o* átono é característica de nomes masculinos, permitindo a identificação do -*o* como uma marca de gênero, bem como ao afirmarem não haver possibilidade de verificar o gênero por meio do significado e da terminação, uma vez que palavras associadas ao campo semântico de profissões femininas são, em sua maioria, femininas, havendo assim uma associação com o significado.

Além disso, a simplificação dos nomes dos animais do sexo masculino como pertencentes ao gênero masculino também pode ser questionada, dado que animais não domesticados ou de menos convivência com os humanos, tais como girafa, elefante, peixe etc., geralmente apresentam apenas uma forma para ambos os sexos, isto é, são nomes epicenos.

Embora Cunha e Cintra (2017) não realizem nenhuma definição do gênero ou associação do gênero com o sexo dos falantes, há uma indicação de que os

[7] A discussão sobre o processo em que o gênero gramatical é realizado no português, flexão ou derivação, não constitui um objetivo deste trabalho, não fazendo parte, portanto, do nosso escopo.

substantivos referentes a pessoas e a animais apresentarem uma flexão para os seres do sexo feminino e outra para o sexo masculino. Com base nisso, a gramática em destaque manifesta algumas contradições ao discorrer sobre a categoria de gênero.

Dessa forma, nas gramáticas revisadas acima (Bechara, 1997, 2010; Cegalla, 2008; Cunha & Cintra, 2017), observa-se que todas apontam para uma relação do gênero com o sexo dos seres, apesar de apenas Cegalla (2008) pontuar essa relação de forma mais direta ao afirmar que a função do gênero é a de indicar o sexo dos seres. Com isso, o autor recupera uma discussão secular de que gênero é um reflexo do sexo em alguns substantivos, já apontado por Jespersen (1924), que adota a visão oitocentista dos gramáticos comparativistas.

Nesse sentido, a relação do sexo dos seres com gênero gramatical revela-se na gramática de Bechara (2010) por meio da distribuição dessa categoria, em alguns nomes sexuados, com base no sexo masculino e no sexo feminino. Em Cunha e Cintra (2017), a evidência de uma relação da categoria com o sexo é também presente na compreensão de marcas dedicadas a seres do sexo masculino e outras a seres do sexo feminino. Por fim, nota-se ainda que somente Bechara (2010) compreende o gênero em um fazer derivacional (substantivo) e flexional (adjetivo, pronome, artigo numeral).

1.1.2 O gênero gramatical na gramática descritiva

A gramática descritiva estabelece a descrição dos itens e dos mecanismos linguísticos a partir da observação de seu uso efetivo. Tal gramática tem como um dos objetivos entender e descrever a língua em um dado contexto, desvinculando a percepção da língua de um saber fundamentado na prescrição. Com base nisso, a observação do gênero gramatical em gramáticas descritivas é de importante realização, visto que essas gramáticas apresentam uma descrição dos elementos linguísticos a partir da observação do seu funcionamento na língua. Assim, são destacados os trabalhos desenvolvidos por Neves (2000), Perini (2005), Castilho (2010) para a verificação do gênero gramatical em gramáticas descritivas.

A “Gramática de Usos do Português”, de Neves (2000), trata da categoria de gênero gramatical na parte dedicada ao estudo do substantivo, mais precisamente no apêndice desta seção. No entanto, dada à complexidade do fenômeno, em

Neves (2000) não há resultados muito distantes daqueles verificados nas gramáticas normativas. A autora preocupa-se essencialmente com a formação do feminino nos substantivos, através de uma listagem de como ocorre o feminino em determinadas condições, tal como em "alguns nomes em *-ÃO* mudam a terminação em *-Ã*, outros em *-OA* e outros em *-ONA* (se aumentativos)" (Neves, 2000, p. 145).

Além disso, no apêndice da seção dedicada ao estudo dos adjetivos também apresenta uma descrição acerca da formação do feminino na classe dos adjetivos. Em suma, destaca-se que, em Neves (2000), há apenas uma descrição não detalhada da categoria de gênero, havendo somente algumas descrições acerca da formação do feminino nos nomes.

Outrossim, em Perini (2005), há uma discussão sobre a categoria de gênero na seção dedicada ao estudo da sintaxe, mais precisamente no campo da concordância, sendo essa categoria resultante do processo de flexão. Em seu estudo sobre o gênero gramatical, alguns pontos são de importante destaque. O autor considera duas motivações para a atribuição de gênero: semântica e idiossincrática.

Assim, "o gênero e o número são determinados, para os SNs, por razões semânticas, quando cabe; ou por marca idiossincrática [...]: *testemunha* é idiossincraticamente marcado como feminino" (Perini, 2005, p. 85). Apesar de considerar o fator semântico como um dos responsáveis na atribuição de gênero e de admitir que pode existir alguma correlação do gênero gramatical com sexo dos seres, destaca um entendimento exclusivamente formal da categoria. Isso porque interpreta como imperfeita qualquer relação dada com sexo dos seres, sendo, dessa forma, o gênero apenas morfossintático.

Ademais, é ainda de destaque na gramática de Perini (2005) a distinção do processo de atribuição de gênero nos nomes. Segundo Perini (2005), a manifestação do gênero ou é realizada como uma marca inerente de um item lexical ou é resultante de uma variação flexional (ex.: *novo* é masculino e *nova* é feminino). A marca inerente ao nome é comum aos substantivos, enquanto a variação é comum aos adjetivos.

Desse modo, para Perini (2005) o vocábulo "gata" não deve ser entendido como uma flexão de "gato", uma vez que a diferença de "gato" e "gata" não é dada por ocasião da sintaxe, mas sim por uma questão de referenciação, visto que não é possível escolher o sexo do referente. Diferente do que ocorre com a variação

presente em “meu” e “minha” que altera por uma questão própria da sintaxe, a concordância.

Nesse sentido, é possível compreender que o gênero, em conformidade com o autor, é uma propriedade que envolve a sintaxe, visto que é um componente fundamental na concordância, e a semântica, ou seja, envolve a escolha dos itens empregados em uma dada construção, por meio de um processo de referenciação. À vista disso, observa-se que o atual uso de *neopronomes*, como em “@xxxxxx **Elu** tão comportadinhe quase não reconheci”, marcando um terceiro valor de gênero no PB, está atrelado ao que Perini (2005) entende como uma realização semântica do gênero, dado que assim como ocorre em “gato” e “gata”, com a escolha da marcação do valor de gênero a partir do princípio de referenciação, as novas marcações dessa categoria na língua propõem uma correção das questões de referência, em vista dos novos gêneros sociais dos sujeitos.

Na análise da categoria gramatical de gênero na “Gramática do Português Brasileiro”, de Castilho (2010), observou-se a não existência de uma seção ou subseção dedicada ao estudo/descrição da categoria. O gênero encontra-se citado na seção de substantivo e de adjetivo, somente como uma categoria presente no processo de flexão dessas classes. Para além disso, o autor faz uma indicação do gênero masculino ser a forma não marcada “o adjetivo cristaliza-se no masculino singular, forma não marcada em gênero e número em nossa língua” (Castilho, 2010, p. 519). Aqui é perceptível que ainda que exista esse entendimento do masculino ser a forma não marcada, não há qualquer citação a Camara Jr. (1970) ou desenvolvimento dessa ideia apresentada.

Com isso, os trabalhos gramaticais comentados até o momento permitem a consciência da variedade de compreensão da categoria de gênero na língua, apesar das gramáticas não realizarem um estudo/descrição muito aprofundada acerca dessa categoria. Os processos que envolvem esta categoria também demonstram distintas percepções, sendo o gênero resultante de um processo de flexão ou derivação, pertencente ao campo morfológico e/ou sintático e/ou semântico, associado a uma informação extralinguística ou apenas formal. De toda forma, é observado que as gramáticas concordam sobre a existência do gênero no PB e sobre os valores de gênero presentes na língua, o masculino e o feminino.

Assim, o gênero é compreendido como uma categoria encontrada nos substantivos, mas que apresenta um impacto em outras classes, como os adjetivos,

pronomes e os artigos. Observa-se ainda que as gramáticas citadas não estabelecem uma relação direta entre o gênero e o pronome, algumas ressaltam somente o reflexo que o gênero pode causar no pronome, em relação a sua concordância, como observa Perini (2010).

Ademais, ressalta-se que a definição de gênero, diferente da definição de número, por exemplo, não é algo tão simples de ser realizado, tendo em vista a ausência de um entendimento geral sobre o gênero gramatical na maioria das gramáticas, e a própria variedade de descrição dessa categoria. Além disso, chama atenção também o fato de o trabalho acerca do gênero se apresentar de forma muito concisa nas gramáticas normativas, mais ainda nas de cunho descritivo, não havendo muita diferença nas constatações apresentadas por ambos os tipos de gramáticas, apesar de cada uma apresentar uma finalidade e modos diferentes de observação da língua.

Desse modo, destaca-se que a gramática normativa e descritiva, muito utilizadas para contestar uma possível ampliação nos valores de gênero no PB, apresentam uma discussão breve sobre a categoria de gênero gramatical na língua. Diante disso, finalizada a etapa de verificação do gênero em algumas gramáticas, procuraremos observar o gênero gramatical em estudos teóricos, tendo como base a compreensão dessa categoria no PB.

1.2 Estudos sobre a categoria de gênero

Na linguística o gênero gramatical é também apresentado em um quadro rico em análises e em diferentes conceituações sobre a categoria. Assim, há estudos que enquadram o gênero como pertencente ao campo morfológico, outros compreendem-no dentro do aparato sintático, e há ainda aqueles que o definem pertencente a um limite que ultrapassa o fazer formal, com informações não-linguísticas. Aqui, serão apresentadas algumas contribuições teóricas acerca da categoria gramatical de gênero nas línguas, partido dos estudos elaborados por (Camara Jr.,1970), gênero como fruto de um processo de flexão, (Rocha, 1998), gênero resultante de um processo morfossintático, (Corbett, 1991), com o estudo tipológico de gênero em diversas línguas e (Carvalho, 2020) o gênero dentro de um processo morfossintático.

1.2.1 Camara Jr. (1970): a forma marcada e não marcada de gênero no PB

Um dos trabalhos mais influentes na compreensão de gênero no PB é atribuído a Camara Jr. (1970), em uma das suas mais emblemáticas produções “Estrutura da Língua Portuguesa”, a qual se destina à discussão de alguns pilares do português, a fonologia e a morfologia, realizando uma associação da descrição gramatical com a linguística. Na parte dedicada à descrição morfológica da língua, há um estudo fundamental acerca do gênero gramatical.

Para o autor, a categoria de gênero é dada por uma marca exclusiva de flexão, que implica em uma “obrigatoriedade e sistematização coerente” (Camara Jr., 1970, p. 80). Nesse ponto, algumas questões são postas, o português é formado por feminino e masculino, a forma masculina é tida como a forma não marcada de gênero, ou seja, o morfema zero (Ø), enquanto o feminino é correspondente à desinência *-a* (átona final), a forma marcada. Por corresponder à forma não marcada na língua, o masculino é admitido aqui como um uso mais genérico, ao passo que o seu oposto se destina a um uso mais especificado.

Em conformidade com as características citadas acima sobre o gênero, Camara Jr. (1970) chama atenção para a impossibilidade de associação do gênero com o sexo, assim como da confusão que é dada pelo não entendimento do gênero como parte de um processo estreitamente flexional. No primeiro caso, o autor afirma não haver uma possibilidade de associação do gênero com o sexo dos seres, uma vez que, todos os substantivos possuem gênero, mesmo os substantivos que não se referem aos seres apresentam uma marcação de gênero.

Para além disso, é ainda destacado que não pode haver entendimento de gênero, senão pela flexão. Isto é, processo de derivação ou regras sintáticas não indicam o gênero gramatical da palavra por um parâmetro de regularidade e distintividade - próprio da flexão - mas buscam, em alguns casos, indicar o sexo dos seres. Assim, "homem" não pode ser compreendido como o masculino de “mulher”, bem como, a adição de especificação “macho” ou "fêmea" em algumas palavras epicenas não correspondem à atribuição de gênero gramatical.

Observa-se, desse modo, que a categoria de gênero é analisada por Camara Jr. (1970) como uma categoria puramente formal. Com isso, a marcação de gênero na língua não deve ser indicativa do sexo dos seres, cabendo a essa categoria apenas uma distinção dos seres dentro de algumas categorias semântica. Diante

disso, há, exclusivamente, uma marca de gênero -*a* (átona final), e a compreensão da vogal -*o*, no final de palavras, como desinência de gênero, é discutida pelo autor como um possível desconhecimento das vogais temáticas da língua (-*a*, -*o*, -*e*) que distribuem os nomes em suas conjugações.

Por fim, Camara Jr. (1970) ressalta também a existência de um gênero neutro presente na classe de pronomes - característica que diferencia essa classe dos nomes. Esse valor de gênero é encontrado em função substantiva referente a pronomes inanimados, tais como os demonstrativos “isso”, “isto”, “aquele”. É presente ainda em pronomes indefinidos: “alguém”, “ninguém”, “outrem”.

Desse modo, observa-se que apesar do autor apresentar um terceiro valor de gênero nos pronomes do PB, a sua aplicação difere-se das propostas atuais de uma linguagem não binária na língua. Visto que essa nova marcação está atrelada ao componente de referenciação linguística, especificamente, os pronomes de terceira pessoa, aplicando um contraste entre as formas canônicas ela/ele e os *neopronomes*, tal como “elu”.

Para além disso, o autor ainda destaca a importância do artigo na explicitação do gênero de alguns nomes. Apoiado nisso, Camara Jr. (1970) descreve a utilização do artigo como uma forma facilitadora para o ensino do gênero gramatical dos nomes. Assim, em “a creche” o gênero seria identificado por meio da leitura do artigo. Por fim, ressalta-se que o estudo do autor sobre a categoria de gênero alicerça, portanto, uma das definições mais trabalhadas em gramáticas e no debate em defesa do conservadorismo de formas de gênero na linguística.

1.2.2 Rocha (1998): o gênero como uma marca morfossintática

O estudo sobre o gênero no PB desempenhado por Rocha (1998) parte da revisão crítica de alguns apontamentos realizados por Camara Jr. (1970) acerca da categoria em questão. Em sua obra “Estruturas morfológicas do Português”, o autor defende a existência do gênero gramatical no PB como resultante de um processo sintático, e não puramente morfológico, contrariando a análise apresentada por Camara Jr. (1970).

> O gênero do substantivo em português é caracterizado por um determinante flexionado. Trata-se de uma relação sintática. Em alguns poucos casos, o substantivo é também marcado morfologicamente. Como se trata de uma

> minoria absoluta, não se pode generalizar e dizer que o substantivo se caracteriza pelo fato de receber flexão de gênero. Não está correto, portanto, a afirmativa das gramáticas de que o substantivo se flexiona em gênero (p. 196).

O caminho pelo qual o autor admite o gênero a partir de um fazer sintático é iniciado pela observação da categoria dentro do processo flexional. Assim, Rocha (1998) leva em consideração três princípios básicos presentes na flexão, verificando se esses se fazem presentes na atribuição de gênero do PB, são esses: a regularidade, a concordância e a não-opcionalidade. No primeiro critério é constatado que o gênero foge a um dos padrões da flexão, isto é, não há regularidade no desempenho de gênero no PB.

A explicação para essa falta de regularidade é dada pelo fato de que apenas uma parte muito pequena dos substantivos varia em gênero por meio de uma marca morfológica. Nesse sentido, somente 4,5% dos vocábulos desta classe, correspondente aos substantivos sexuados, que ainda assim não constituem totalidade dessa porcentagem, apresentam gênero através de um registro morfológico *(*Rocha, 1991 ***apud*** Rocha, 1998, p. 195). Dessa forma, de acordo com o autor, a regularidade não é um princípio que se admita na atribuição de gênero, visto que a maioria dos substantivos não flexionam em gênero, ou seja, não distinguem gênero por uma marcação morfológica específica.

Os dois outros critérios, concordância e não-opcionalidade, enquadram-se na flexão. No primeiro caso, apesar de muitos nomes não serem atribuídos ao gênero pela natureza da frase, como em “o ônibus é azul”, em que “ônibus” é um substantivo masculino em qualquer contexto. O autor entende que a categoria em questão pode corresponder à flexão, uma vez que “o gênero do adjetivo, bem como de algumas classes lexicais, como o artigo, o numeral e o pronome, poderá ser descrito em termos de natureza da frase” (Rocha, 1998, p. 201).

Outrossim, em relação à característica da não-opcionalidade verifica que não é possível, na maioria das vezes, marcar o gênero por um padrão de escolha do falante, a maioria dos nomes possuem o gênero específico, sendo assim, possível optar entre masculino e feminino em um número muito restrito de nomes em PB. Dessa maneira, com base nos critérios descritos acima, o autor assume não haver espaço para a atribuição do gênero no PB em um processo unicamente flexional.

Rocha (1998), portanto, entende o gênero gramatical dos substantivos como sintático, já que a maior parte dos substantivos possuem seu gênero expressado por

meio do expediente sintático, restando uma parte muito pequena destinada à atribuição dessa categoria por regras morfológicas. Assim, o autor destaca que se uma regra de atribuição sintática é ativada, a morfológica não é, sendo esta destinada somente aos substantivos sexuados. De forma geral, Rocha (1998) determina que o gênero gramatical é indicado na língua através de um determinante flexionado no PB.

Ademais, é observado também a compreensão de Rocha (1998) em relação à desinência de gênero na língua. Segundo o autor, não há uma marca específica de gênero gramatical no PB, podendo o *-a*, *-o*, *-esa* etc. ter como função a explicitação do gênero. A ausência de uma marca específica para o gênero é justificada, em conformidade com Rocha (1998), pelo fato de ser a função de uma dada marcação nas palavras, o imperativo para se entender como uma marcação distintiva de gênero. Dessarte, em “gata” o *-a* seria compreendido como uma marca de gênero, bem como o *-essa* em “condessa”, tendo como critério a função que essas formas desempenham na palavra.

Por fim, ressalta-se que nos estudos desenvolvidos pelo autor não há uma discussão acerca da relação da classe dos pronomes com a categoria de gênero gramatical. Rocha (1998) destaca apenas que o gênero no pronome, tal como no adjetivo, no artigo e no numeral pode ser manifestado pela natureza da frase, ou seja, pelo padrão de concordância, atendendo, desse modo, à uma característica de flexão.

1.2.3 Greville G. Corbett (1991): o gênero em uma compreensão canônica

O linguista Greville G. Corbett possui um dos trabalhos considerados seminais nos estudos sobre a categoria gramatical de gênero, tendo como foco a sua descrição tipológica em diferentes línguas. Seu estudo é um dos primeiros a considerar o componente semântico como fundamental para o gênero gramatical, tirando este de uma análise puramente formal, tal como também pontuam Greenberg (1963) e Aksenov (1984).

Na definição da categoria em questão, Corbett (1991) baseia-se na compreensão dada por Hockett (1958): “Gênero são classes de substantivos refletidos no comportamento de palavras associadas” (Hocket, 1958, p. 231 *apud*

Corbett, 1991, p.1, tradução nossa)[8]. Assim, o gênero é designado, segundo o autor, pelo comportamento que reflete em outras palavras, ou seja, pela concordância. Vale ressaltar que não há uma determinação limitada para o número de gêneros nas línguas, mas para que haja um sistema de gênero é necessário de pelo menos dois gêneros distintos, como aponta o linguista.

Dessa forma, no levantamento desenvolvido por Corbett (1991), efetuando uma análise em um universo 257 línguas, observa que: o gênero não é uma categoria universal entre as línguas; algumas línguas ganham ou perdem gênero; algumas possuem um número claro de gênero, enquanto outras não. Apesar de toda essa irregularidade no comportamento dessa categoria, o autor destaca que há propriedades comuns entre as línguas, o que permite uma compreensão geral sobre o estudo da categoria, como é o caso da atribuição de gênero.

Nesse sentido, Corbett (1991) revela duas possíveis formas de atribuição do gênero nas línguas: por meio de uma informação semântica ou por meio de uma informação semântica complementada por um conteúdo formal. Isso significa dizer que há línguas em que a presença do gênero é marcada apenas pela significação das palavras, tal significado é, muitas vezes, baseado na visão de mundo de uma dada comunidade, o que determina a atribuição de gênero dessa língua, como é o caso do Tâmil[9], língua de atribuição semântica, que marca o gênero de divindades de acordo com seu papel na mitologia.

Outras línguas, por outro lado, terão sua atribuição de gênero marcada por uma informação semântica junto a um componente formal. Como exemplo desse tipo de sistema tem-se o português brasileiro que apresenta uma marca morfológica, o *-a* átono de feminino, de acordo com Camara Jr. (1970), para distinguir o gênero dos nomes, ex.: “professor, professor(a)”, além da referência semântica que esses nomes possuem aos seres que fazem distinção, isto é, a informação de sexo dos seres. Com isso, percebe-se que não há como compreender o gênero como um fator apenas formal.

Ademais, ainda pensando nesse campo da atribuição de gênero é importante entender o que seria o componente formal que complementa a informação semântica. Nesse contexto, são duas as possibilidades apontadas por Corbett

[8] “Gender are classes of nouns reflected in the behavior of associated words’ (Hocket *apud* Corbett, 1991, p.1).
[9] Língua dravidiana, falada por povos localizados no sul da Índia e zonas sul e leste da África, contabilizando cerca de 77 milhões de falantes.

(1991): regras fonológicas ou regras morfológicas. Assim, um dado sistema de gênero pode apresentar uma informação semântica que se complementa com uma questão fonológica presente na língua para designar o gênero ou uma marcação morfológica que também exerça essa função.

Dessa maneira, segundo Corbett (1991), em todas as línguas que apresentam gênero gramatical, há uma questão semântica, não havendo, por outro lado, uma informação formal em todas as línguas, ou seja, não é possível, em conformidade com o autor, compreender o gênero dentro de uma realização unicamente formal, dado que todas as línguas estudadas pelo autor apresentam uma informação semântica na atribuição de gênero. Além disso, Corbett (1991) também destaca que as mudanças nos sistemas de gênero tendem a favorecer uma atribuição cada vez mais semântica de gênero gramatical nas línguas.

> Para que um sistema seja exclusivamente formal, não haveria correlação entre o gênero estabelecido e a semântica: a atribuição dos substantivos pelos gêneros seria completamente aleatória quanto ao seu significado. Tal sistema não é encontrado em nenhuma língua natural: o gênero sempre tem uma base na semântica." (p. 63, tradução nossa)[10]

Outrossim, o trabalho desenvolvido pelo autor faz destaque também à importante relação do gênero com a classe dos pronomes, em especial, do pronome pessoal, e, nesse viés, observa-se que há línguas em que essa categoria é marcada e evidenciada apenas nos pronomes pessoais. O inglês, dessa forma, é um exemplo de língua com sistema pronominal de gênero, em que os pronomes de terceira pessoa "*he*" (valor masculino) e "*she*" (valor feminino) carregam na língua a categoria de gênero gramatical.

Em efeito, Corbett (1991) destaca algumas características específicas do pronome de terceira pessoa que condicionam tal comportamento, e, para tanto, partem de um universal dado por Greenberg (1963) no que diz respeito ao pronome e sua relação com o gênero. Na descrição desse universal, é afirmado que a distinção de gênero em um pronome de primeira pessoa nunca ocorre de forma isolada, uma vez que também será marcado na segunda ou na terceira pessoa, ou em ambas.

---

[10] No original: For a system to be exclusively formal, there would also be no correlation between the genders established in this way and semantics: the distribution of the nouns across the genders would be completely random as far as their meaning was concerned. Such a system is not found in any natural language: gender always has a basis in semantics (Corbett, 1991, p. 63).

Com base nesse universal, Corbett (1991) observa que o pronome de terceira pessoa funciona bem como o único a distinguir gênero. E isso é possível, de acordo com autor, porque esse pronome atende a características específicas, tais como: não está associada a quem fala ou para quem se fala, como ocorre, respectivamente, com os pronomes de primeira e de segunda pessoa; é o mais provável para que ocorra uma referência ambígua, o que, por sua vez, torna esta forma dependente de uma referenciação mais clara, para que não haja ambiguidade e o gênero é usado para tal fim.

Além disso, Corbett (1991) destaca também que o pronome possui uma característica de funcionamento distante da sua referência. Isto é, funciona bem mesmo em construções em que seu referente se encontra muito distante, o que condiciona a aplicação de regras semânticas sobre essa classe.

Por fim, o gênero gramatical é, para Corbett (1991), realizado a partir de sua relação com outras palavras, sendo atribuído sempre com uma base semântica, que, por vezes, pode ser complementado por um componente formal. É importante observar que o estudo categórico apresentado por esse autor diz respeito a um número ainda restrito de línguas e sob influência cultural muito específica, como aponta Carvalho (2021) ao estudar o gênero gramatical e sua influência com culturas dominantes. Assim, é necessário alertar que o comportamento do gênero não se encerra na variedade apresentada nessa descrição, uma vez que a maior parte das línguas estudadas partem somente de um tronco, o indo-europeu.

1.2.4 Carvalho (2020): o gênero no português brasileiro como uma construção morfossintática

Com foco na análise do gênero gramatical no PB, Carvalho (2020) adota uma concepção de gênero que ultrapassa o campo da morfologia, sendo essa compreendida como uma categoria de comportamento morfossintático. Para tanto, o autor baseia-se em dois conceitos fundamentais: a concordância na tipologia canônica de gênero, sendo esta um componente definidor de gênero, com base em Corbett (2006), e o princípio da teoria-phi (Harbour et al. 2008). Assim entende que,

> gênero gramatical é um traço-phi e, como tal, obedece a princípios estabelecidos pela Gramática Universal sobre o funcionamento das línguas. Tal assunção desonera o núcleo nominal da exclusividade deste traço, visto

> que, na condição de traço formal, deve obedecer a regras de boa formação da sentença na derivação e, assim, não pode ser apanágio de um ou outro item lexical (cf. Chomsky 2008). (Carvalho, 2020, p. 371).

Dessa maneira, ao assumir o gênero como um traço-phi, Carvalho (2020) entende que a categoria pode ser manipulada polos módulos - semântica, sintaxe, morfologia - além de ser tratado desde o léxico. Com base nisso, o autor admite que, ao contrário do que é assumido por outros teóricos, tal como Camara Jr. (1970), o gênero ultrapassa o núcleo nominal, podendo ser controlado por diferentes tipos de núcleo. Em relação à tipologia canônica, o autor defende a ideia de que é necessário de pelo menos dois elementos para que compartilhem o traço-phi no processo de concordância, e que tenha em pelo menos um valor privativo, isso envolve uma situação de controlador e controlado.

Por fim, a constatação do gênero como uma categoria de domínio da morfossintaxe é ressaltada tanto por seu efeito na concordância, se realizando por meio desta, quanto por mecanismos sintáticos como anáfora sentencial, uma vez que, a retomada anafórica é sensível ao gênero, sendo dependente de um determinante nominal. Assim, de acordo com o autor, a ausência do determinante bloqueia a possibilidade de uma retomada anafórica, tal como em: “Cervejas são boas, mas não posso bebê-las” (Carvalho, 2020, p. 372). Segundo Carvalho (2020), esse comportamento do gênero permite a leitura de que o gênero também participa da relação de referencialidade.

1.3 Considerações parciais

Na presente seção, procuramos revisar algumas conceituações do gênero gramatical, partindo da análise dessa categoria em textos gramaticais e teóricos. Tal revisão possibilitou observar que o gênero é compreendido em diferentes ângulos, ou seja, como parte da morfologia, da sintaxe ou da morfossintaxe. Apesar das diversas percepções acerca dessa categoria, observa-se que os textos gramaticais revisados apresentam, em maioria, o gênero gramatical como resultante de uma marca morfológica (Bechara, 1997, 2010; Castilho, 2010; Cunha & Cintra, 2017).

Nesse sentido, nos estudos gramaticais - normativos e descritivos - a categoria foi apresentada de forma concisa, sem um aprofundamento de suas características. Essa observação faz-se pertinente diante da importância desses

textos na defesa da preservação de valores binários no PB, uma vez que as gramáticas são utilizadas como referência para um “bom” funcionamento e a “integridade” da língua.

Somado a isso, alguns projetos de leis que buscam proibir o uso de uma linguagem com novas marcas de gênero apontam como argumento central, contra essas novas marcações, o respeito às normas gramaticais. Com isso, o projeto de lei de nº 452/2021, protocolado pela vereadora Sonaira Fernandes (Republicanos), da Câmara da Municipal de São Paulo, destaca, em sua ementa, o respeito às “regras gramaticais consolidadas no país e aprovada pela comunidade lusófona”.

No entanto, ainda que as justificativas contra as inovações na categoria de gênero sejam fundamentadas em textos normativos e descritivos, que, por sua vez, apresentam uma discussão breve e concisa acerca dessa categoria, é importante pontuar que as gramáticas não formam um gênero textual dedicado a análises aprofundadas sobre os elementos linguísticos. Isto é, os textos gramaticais possuem como preocupação a prescrição de normas e descrições de usos. Dessa forma, a fundamentação de argumentos embasados em um saber gramatical distancia a discussão dos estudos e das análises linguísticas sobre o fenômeno em destaque, e, consequentemente, da real caracterização, papel e desempenho do gênero gramatical, de forma específica, e da língua, de modo geral.

Ademais, nos estudos visitados nesta pesquisa a relação do gênero gramatical com a concordância é destacada de maneira quase consensual entre os diferentes autores, especialmente, os teóricos – Corbett (1991), Carvalho (2020). Essa relação é verificada com base no efeito que a categoria provoca nas classes de palavras, como os adjetivos, os pronomes e os artigos.

Com base nisso, alguns dos autores e autoras apresentados admitem o gênero como um componente estritamente formal, como já apontado. Outros admitem que o gênero ultrapassa a questão formal, contendo informações de cunho semântico, como é o caso do estudo gramatical de Cegalla (2008) e das investigações teóricas realizadas por Corbett (1991). Nessa conjuntura, as informações semânticas apontadas por esses autores podem ser resumidas como o caráter de animacidade das palavras e o sexo dos seres, no caso do PB.

Outrossim, Carvalho (2021) chama atenção para essa delimitação e caracterização do gênero nas línguas, especialmente no trabalho de Corbett (1991). De acordo com Carvalho (2021) essa generalização da estruturação do gênero nas

línguas, mais especificamente, as do tronco indo-europeu, é fruto de uma herança de uma visão de mundo dada pela antiguidade clássica, a qual tem sido base e "verdade" na tradição gramatical.

Com efeito, Carvalho (2021) ressalta que o gênero está comprometido com a forma que as pessoas enxergam uma sociedade, atrelado às práticas sociais. Assim, as generalizações sobre o gênero gramatical estão fortemente ligadas às línguas indo-europeias, que marcham para um comportamento padronizado por uma esfera de poder branca, em conformidade com o autor. Com isso, é possível alertar a existência de diferentes realizações de gênero que se baseiam em outras formas, senão a sexualidade dos seres ou outras questões semânticas tidas como universais.

Diante disso, dos textos admitidos até aqui, uma reflexão também se faz pertinente, especialmente para o escopo da atual pesquisa: a relação do gênero gramatical com o pronome. A pertinência dessa relação é observada, especialmente, a partir das alterações propostas por alguns usuários do PB que buscam uma nova marcação de gênero nos pronomes, como reflexo das novas identidades sociais dos sujeitos. Essa nova marcação na classe de pronomes ocorre por meio do uso dos *neopronomes*[11], referenciando identidades para além da feminina e da masculina, como a marcação em "ile[12]", por exemplo. Assim, nas gramáticas verificadas, de cunho descritivo e prescritivo, não há uma discussão em torno da relação do pronome e do gênero, o que se encontra em algumas é a admissão de um reflexo da categoria de gênero no pronome por meio do processo de flexão.

Contudo, é interessante destacar que o terceiro valor de gênero, como se observa nos *neopronomes*, procura reparar questões de referência linguística aos novos gêneros sociais, reconhecendo e referenciando linguisticamente as novas identidades. Essa relação entre o traço de referenciação linguística e o gênero gramatical é observada, como já mencionado, no trabalho de Perini (2005), visto que o autor entende que algumas marcas de gênero no PB não estão relacionadas ao processo de flexão, mas sim a uma questão de referenciação, tal como ocorre em "lobo/loba", "menino/menina" em que o emprego de valor de gênero depende da informação semântica (como o sexo) do ser/ elemento a ser referenciado.

---

[11] São novos pronomes, ou seja, pronomes não canônicos, que buscam incluir na língua a referenciação de identidades que ultrapassam a esfera binária.

[12] Neopronome pessoal de terceira pessoa.

Nos estudos teóricos, por outro lado, algumas considerações sobre o gênero e a sua relação com a classe dos pronomes são levantadas. Nesse sentido, Camara Jr. (1970) aponta para a existência de uma classe neutra de gênero que estaria estabelecida apenas em alguns pronomes (ex.: isto, aquele), o que indicaria um comportamento interessante dessa classe perante a categoria em estudo, visto que seria a única a admitir um valor neutro. Em contrapartida, esse terceiro valor de gênero, próprio de alguns pronomes, como indica o autor, apresenta a problemática de possuir uma concordância masculina, o que revela um valor também masculino desses pronomes, de acordo com Schwindt (2020).

Ademais, a relação do gênero com o pronome é também destacada por Corbett (1991). Em sua análise, o autor estabelece uma relação mais aprofundada entre essa categoria e a classe de pronome, principalmente, ao destacar a existência de sistemas pronominais de gênero, como é o caso do inglês, e da verificação de um comportamento único do pronome de terceira pessoa, como aquele que pode distinguir gênero sozinho, sem que haja a necessidade dessa marcação na primeira e/ ou na segunda pessoa.

Com base no exposto, nota-se que apesar de ser tratada como alicerce para debates relacionados à mudança na marcação do gênero gramatical, as gramáticas, de forma geral, apresentam um estudo/descrição/normalização breve. Por fim, é inegável que gênero é uma categoria rica e de ampla discussão, envolvendo diferentes classes de palavras, entre essas, a classe de pronomes que apresenta uma relação especial com o gênero, especialmente o pronome pessoal de terceira pessoa. Assim, na próxima seção, questões que envolvem o pronome e a sua relação com gênero serão melhor abordadas, com o intuito de discutir e analisar o papel do pronome na marcação de gênero do PB.

Pronome e gênero

2. O que é pronome?

O gênero gramatical atinge diferentes classes de palavras, como já mencionado, tais como os adjetivos, os artigos e os pronomes, e isso ocorre devido ao seu efeito na concordância, espalhando a informação de gênero em diversas propriedades linguísticas, assim como acontece no PB. A título de exemplo, na construção “Ana é estudiosa, conseguiu passar na prova. Ela conseguiu um 10.”, percebe-se que o substantivo “Ana”, atribuído ao gênero feminino, provoca no adjetivo “estudiosa” uma concordância de gênero também no feminino, essa informação de gênero vai se estender para o pronome de terceira pessoa que faz a retomada do nome na sentença.

Desse modo, é nítido que a categoria de gênero estabelece uma relação direta com diferentes elementos linguísticos, e essa relação também pode ser verificada nos novos usos de gênero, ou seja, na denominada linguagem não binária. Os exemplos abaixo, retirados do *Twitter*, demonstram a utilização de formas inovadoras de gênero, que possuem como preocupação primária o reconhecimento e o respeito linguístico diante das diferentes identidades de gênero dos sujeitos.

3. “Att: Falei tudo certinho com Printi e **elus** foram super **fofes**! Entenderam a situação toda e disseram que vão reimprimir e enviar numa embalagem mais adequada pra evitar amassar. Me salvaram demaaais”[13]

4. “**elus** viram e não falaram nada tá bem a vez **delus** vai chegar”[14]

As sentenças em (3) e (4) utilizam de uma marcação nova no PB, tal marcação é referente a um terceiro gênero na língua, com a finalidade de abrir espaço para a referenciação linguística de uma identidade que ultrapasse o binarismo (feminino e masculino). Nessas construções, chama atenção o papel do pronome como explicitador de gênero, em que em (3) “elus” é um *neopronome* de terceira pessoa, isto é, um pronome não canônico na língua, e estabelece uma

[13] Dado do nosso *corpus* de análise.
[14] Dado do nosso *corpus* de análise.

concordância com o adjetivo “fofes”, marcando um valor de gênero não binário. Em (4) é também observado a utilização de “elus”, com a mesma função que se observa em (3), porém, nessa sentença, há a concordância/retomada com o pronome possessivo de terceira pessoa “delus”.

Assim, ambas as construções foram coletadas do *Twitter* e produzidas na modalidade escrita por usuários da língua. As duas dispõem da marcação de um novo valor de gênero e da preservação da estrutura de concordância, isto é, do reflexo da presença do gênero em diferentes elementos na sentença. Com base nisso, se retornamos aos exemplos acima, podemos dispor de uma relação do gênero com alguns itens, em especial com o pronome pessoal de terceira pessoa, por ser em (3) e em (4) o único a marcar o valor de gênero, essa característica está presente também nos pronomes canônicos de terceira pessoa “ela/ele”, como observada na retomada realizada pelo pronome “ela” em “Ana é estudiosa, conseguiu passar na prova. Ela conseguiu um 10.”.

Dessarte, nesta seção, buscaremos analisar a relação gramatical do gênero com a classe de pronomes, em específico os pronomes pessoais de terceira pessoa. Para tanto, partiremos dos seguintes questionamentos: O que é pronome? Qual é a relação do pronome de terceira pessoa com o gênero gramatical e quais características do pronome permitem tal associação? E, por fim, o que são os *neopronomes*?

Dessa forma, a presente seção encontra-se dividida em três momentos, com o intuito de obter respostas para as questões apresentadas. O primeiro momento, “A classe dos pronomes”, é dedicado ao entendimento da classe de pronomes, seguida da discussão acerca do pronome de terceira pessoa - “A não-pessoa” - e por último um estudo sobre os “*Neopronomes*, a marcação de gênero e o princípio de identidade”.

2.1 A classe dos pronomes

A classe dos pronomes é formada por um extenso quadro de itens, distribuídos de acordo com as suas características em: pronomes demonstrativos, pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes possessivos, pronomes relativos e pronomes indefinidos. Essa atual composição da classe de pronomes foi constituída apenas após o século XVII, como aponta Castilho (2010), visto que as

primeiras gramáticas entendiam como pronomes somente os pessoais, os relativos e os possessivos, como é o caso específico da gramática de Port Royal, a qual definia o substantivo como parte central, ao passo que o pronome ao substituir o substantivo detinha a informação de caso, número e gênero.

Nesse sentido, ao longo dos estudos gramaticais é observado que a classe dos pronomes é definida por meio de critérios formais de classificação, como defendem os gramáticos latinos e ibéricos. Desse modo, Donato (séc. IV d.c. *apud* Castilho, 2010), gramático latino, apresenta uma divisão dos pronomes em: finitos, ou seja, dêiticos, responsáveis por designar as pessoas; infinitos, aqueles que não apresentam designação de pessoa, e não apresentam a propriedade de serem dêiticos ou de serem anafóricos; menos que finitos, aqueles que podem ser dêiticos ou anafóricos; e os possessivos. Nebrija (1492/1980, 180 *apud* Castilho, 2010), gramático ibérico, por sua vez, discutia a classe em questão como aquela que substitui o nome próprio e declina para caso e possui pessoa.

Dessarte, Castilho (2010), ao contrário dos gramáticos destacados acima, chama atenção para uma compreensão do pronome, perpassando por critérios discursivos, semânticos e gramaticais. Assim, o autor observa que a característica de realizar retomada ou antecipação de elementos no texto (através da foricidade) e de marca/representar as pessoas do discurso (por meio da dêixis) demarcam critérios semântico-discursivo nessa classe.

Além disso, Castilho (2010) destaca como propriedade gramatical algumas características morfológicas: caso[15], pessoa, número e gênero. Dessa forma, essas informações gramaticais são, portanto, definidas como essenciais para a classe de pronomes, como conceitua o minimalismo de Chomsky (1995), sendo o pronome nesse programa compreendido como unidades referenciais.

Outrossim, observa-se que a classe de pronome pode ainda atender a dois comportamentos distintos: dêitico ou fórico. Com base nisso, em um emprego dêitico o pronome possui como característica a indicação de uma pessoa, um lugar, o tempo em uma enunciação. Já em um uso fórico apresenta como propriedade o resgate (anáfora) ou adiantamento (catáfora) de elementos citados no texto. Destaca-se ainda que os pronomes dêiticos são comuns à primeira e à segunda

[15] De acordo com Castilho (2010), o português manteve do latim o aspecto de caso em alguns pronomes, sendo, como exemplo, as formas “eu, tu, ele nós” do caso nominativo, e o “mim, ti, si, lhe” do caso aditivo.

pessoa, enquanto o comportamento fórico é próprio da terceira pessoa. Nessa conjuntura, Neves (2000) classifica os pronomes como a classe com “a função particular de fazer referenciação, sem, entretanto, nomear, ou denominar como os substantivos”, sendo, dessa forma, a referenciação uma característica fundamental dos pronomes.

Assim, a classificação dos pronomes em dêiticos ou fóricos indica umas das diferenças essenciais entre as pessoas do discurso, como já visto, porém há ainda algumas peculiaridades importantes. De acordo com Benveniste (1995), os pronomes dividem-se em três pessoas, as quais apresentam configurações específicas: primeira pessoa, aquela que fala, definida enquanto realidade do discurso, uma vez que não é possível ser usada como referência; segunda pessoa, aquela a quem se fala, também presente na instância do discurso; terceira pessoa, aquela que não apresenta a condição de pessoa.

Diante disso, a terceira pessoa diferencia-se diretamente da primeira e da segunda pessoa, dado que não apresenta a condição de “pessoa”, e tal característica é de fundamental compreensão, diante das atuais variações observadas nos valores de gênero gramatical. Nesse sentido, a introdução de um terceiro valor de gênero no PB promove também a implementação de um novo valor de gênero na terceira pessoa do discurso, em oposição aos valores canônicos: ela (feminino, ele (masculino), elu[16] (não-binário[17]). É também importante observar que a terceira pessoa pronominal é a responsável, em algumas línguas, por realizar a única marcação de gênero, ou seja, sistemas pronominais de gênero, como ocorre no inglês.

Dessa maneira, a classe de pronome comporta uma grande relevância para a categoria de gênero, como já mencionado. Seu comportamento nas línguas e em específico no PB denota um padrão de referenciação, nos termos definidos por Neves (2000).

Assim, entendendo a referenciação como função dos pronomes e analisando as singularidades da terceira pessoa, sendo a única que se encontra fora da

[16] Elu representa apenas uma das alternativas apontadas para um uso inclusivo do pronome.
[17] A denominação de valor não binário de gênero foi adotada em oposição a ideia de um valor neutro dessa categoria, tendo em vista que a manifestação e a luta pela implementação dessas marcas são pautadas no reconhecimento de identidades na língua. Com isso, a denominação “neutra” não corresponde ao reconhecimento de valores identitários, que, por sua vez, não se formam dentro do campo da neutralidade, mas sim da singularidades dos sujeitos.

instância do discurso, a única a marcar distintivamente o gênero no PB, e aquela diretamente envolvida no desenvolvimento de uma linguagem não binária, focaremos nossa atenção em torno da terceira pessoa do discurso, buscando compreender, entre algumas das questões: quais as características dessa pessoa que permitem a marcação de gênero e qual o seu papel na enunciação?

2.1.1 A não-pessoa

O pronome pessoal de terceira pessoa é definido por Benveniste (1995) dentro daquilo que o diferencia da primeira e da segunda pessoa. Assim, as características que definem as duas primeiras pessoas pronominais são dadas como ausentes na terceira pessoa, como é o caso da marcação de pessoa. Enquanto, a primeira e a segunda pessoa possuem uma marca muito específica para pessoa, a qual se encontra definida dentro daquilo que constitui o “eu” (aquele que fala) e o “tu” (aquele com quem se fala), a terceira pessoa não apresenta tal característica, sendo definida como a não-pessoa.

Dessarte, estando fora da instância discursiva (quem fala e para quem se fala), a terceira pessoa é marcada como aquilo de que se fala, podendo ser sobre alguém ou sobre um objeto. Essa propriedade da “não-pessoa” permite, segundo o autor, que esse pronome designe qualquer substantivo ou mesmo nenhum, servindo ainda como uma marca de indeterminação. Porém, essa ausência de pessoa nesse pronome não deve ser confundida como uma despersonalização do pronome, é apenas a falta de uma especificação, diferente do ocorre na primeira e na segunda pessoa.

Ademais, outra característica presente na primeira e na segunda pessoa é o padrão inversível entre o “eu” e o “tu”, ou seja, o “eu” pode tornar-se “tu” e o “tu”, “eu". Essa relação não é possível entre qualquer uma dessas pessoas e a terceira pessoa, justamente por esta não apresentar uma marca específica de pessoa, não participando da instância discursiva.

A terceira pessoa tem ainda a propriedade de ser: “a única pela qual uma coisa é predicada verbalmente” (Benveniste,1995, p. 253), isto é, no ato da enunciação esta forma é a única que não fala de si, mas de um objeto ou uma situação objetiva, atendendo a forma daquilo de que se fala, podendo ser uma

pessoa ou um objeto, como é possível observa em: “Ele dançou muito na festa”, o pronome “ele” em tal construção não representa uma pessoa do discurso, apenas indica de quem se fala. Destaca-se também que esta forma pode ser utilizada com um valor semântico positivo de tratamento que reflete uma “autoridade”, na maioria das vezes, como o exemplo de se dirigir a alguém com um emprego em terceira pessoa, como em “majestade”, ou com um valor semântico negativo, demonstrando uma indiferença por meio da utilização da terceira pessoa.

Outrossim, a terceira pessoa é ainda definida, em conformidade com Benveniste (1995), como a única que apresenta a forma de plural de acordo com a formação do plural da língua, diferente do que acontece na primeira e na segunda pessoa. O “nós” que convencionalmente é discutido como a forma de plural de “eu” é na verdade uma pessoa ampliada, isto é, constitui-se pela união do eu + outra pessoa (eu + tu, como exemplo), não compondo a forma de plural de “eu”. O “vós”, por outro lado, constitui duas possibilidade, pode atender a forma plural de “tu’, caso seja empregado em um contexto em que o “eu” esteja falando sozinho para mais de uma pessoa, mas também pode comportar-se como uma pessoa ampliada, atendendo a junção de “tu + ele”. Dessa forma, a terceira pessoa configura-se como a pessoa que sempre apresentará plural, e não uma forma ampliada de pessoa.

Há ainda que se destacar duas características que particularizam o pronome de terceira pessoa: é o único a marcar distinção de gênero e o único que atende a uma referência objetiva. Assim, diferente do “eu” e “tu”, o pronome de terceira pessoa admite uma variação na marcação de gênero, havendo no PB a forma masculina “ele” e a forma feminina “ela”. É desse pronome ainda a característica da objetividade, em oposição à subjetividade própria dos pronomes de primeira e de segunda pessoa, isso ocorre em acordo com a sua referência objetiva para alguém ou para um objeto, estando este fora da esfera da enunciação, como afirma Benveniste (1995).

Com base no exposto, o pronome de terceira pessoa pode ser resumido como aquele que apresenta uma referência do que está fora da enunciação, uma vez que este se comporta como o assunto. É utilizado como referência a seres animados e a seres inanimados, podendo marcar ainda a indeterminação. Além disso, vale lembrar que sua referência é sempre de um padrão objetivo, diferente do que ocorre com a primeira e a segunda pessoa.

Ressalta-se também que a terceira pessoa é a única pessoa que apresenta

plural e é a única que varia em gênero. A partir dessas peculiaridades do pronome de terceira pessoa, é possível observar que a marcação de gênero presente nesses pronomes, como em “ele/ela”, se faz diante da sua referência objetiva aos seres a que se refere. Nesse sentido, o emprego do gênero atende a um padrão semântico de atribuição, quando usado para designar pessoas ou seres animados, estando ligado, com isso, a um padrão de referenciação.

Por outro lado, quando não é possível identificar o sexo da pessoa de quem se fala, o uso desse pronome segue como padrão da língua a utilização da forma masculina, tida como forma genérica. Assim, a característica de marcação de gênero e o comportamento objetivo de referenciação presentes na terceira pessoa são fundamentais para compreender a implementação de novos pronomes, uma vez que a terceira pessoa reflete e permite a variação de gênero gramatical associada a uma referência objetiva dos sujeitos referenciados, marcando, desse modo, um novo valor de gênero relacionado com a identidade social de seus referentes, que, por sua vez, busca fugir dos valores binários no PB.

2.2 *Neopronomes*, a marcação de gênero e o princípio de identidade

O debate em torno do gênero gramatical e a representação linguística de sujeitos tem crescido em diferentes línguas, sendo socialmente apontada a necessidade de uma marcação de um valor de gênero que abarque identidades para além de um padrão binário. Nesse sentido, diversas línguas, tal como o inglês, o espanhol portenho, o sueco, o PB etc., têm implementado novas maneiras de marcar/referenciar linguisticamente os sujeitos, seja por meio da implementação de novas formas, assim como ocorre na Suécia com uso de uma terceira marca de gênero no *neopronome* “*hen*”, dicionarizado desde 2015, ou por meio de uma espécie de reajustamento semântico de formas já existentes, como a utilização do “*they*[18]” - pronome canônico referente à terceira pessoa do plural - com um valor não-binário de gênero no inglês.

Dessa maneira, as inovações presentes na categoria de gênero, e, consequentemente, na classe dos pronomes, propõem, em diferentes línguas, a garantia da representação linguística das identidades dos sujeitos, não apenas a

[18] Marcado com número singular, o pronome *“they”* foi considerado em 2019 como a palavra do ano para o dicionário Merriam- Webster.

feminina e a masculina. Para tanto, uma das estratégias bem-marcadas para a expressão/representação dessas identidades em algumas línguas, e em específico no PB, é a utilização de *neopronomes*, isto é, de novas formas pronominais.

Assim, no PB, a implementação de *neopronomes*, com o objetivo do reconhecimento de novas identidades, encontra um diverso quadro de propostas, as quais constituem diferentes sistemas de *neopronomes*. Na tabela abaixo é possível visualizar alguns desses sistemas.

Tabela 1: *Neopronomes* do PB

Pronomes Canônicos	Sistema El	Sistema Elu	Sistema Ile	Sistema Ilu
Ela/ Ele (Pronomes pessoais do caso reto)	El	Elu	Ile	Ilu
Elas/ Eles (Pronomes pessoais do caso reto)	Els	Elus	Iles	Ilus
Dela/Dele (Formas *neopronominais* formadas pela junção da preposição “de” e dos *neopronomes* pessoais do caso reto)	Del	Delu	Dile	Dilu
Delas/ Deles (Formas *neopronominais* formadas pela junção da preposição “de” e dos neopronomes pessoais do caso reto)	Dels	Delus	Diles	Dilus

Nela/ Nele (Formas *neopronominais* formadas pela junção da preposição “em” e dos *neopronomes* pessoais do caso reto)	Nel	Nelu	Nile	Nilu
Nelas/ Neles[19] (Formas *neopronominais* formadas pela junção da preposição “em” e dos neopronomes pessoais do caso reto)	Nels	Nelus	Niles	Nilus
Aquela/ Aquele (Pronomes demonstrativos)	Aquel	Aquelu	Aquile	Aquilu
Aquelas/ Aqueles (Pronomes demonstrativos)	Aquels	Aquelus	Aquiles	Aquilus

Fonte: Elaboração própria.

Dessa forma, a tabela (1) apresenta, além da coluna com os pronomes canônicos, quatro sistemas de *neopronomes*: sistema el, sistema elu, sistema Ile e sistema ilu. Cada um dos sistemas destacados possui como finalidade a implementação de um terceiro valor de gênero nos pronomes de terceira pessoa, possibilitando um contraste/oposição de gênero com os pronomes canônicos do PB. Isto é, o *neopronome* “ile”, a título de exemplo, marca na língua um valor não-binário de gênero, em contraste com a forma masculina “ele” e a feminina “ela’’ do pronome

[19] Dele/ dela e nele/nela formam-se pela junção da preposição de/em+ele/ela, não correspondendo a um pronome, no entanto, observa-se que dele/dela e nele/nela cumprem com uma função pronominal. Com base nisso, adotamos como também importante para a amostra, dado ainda que essas formas se encontram destacadas nos guias de linguagem inclusiva.

pessoal de terceira pessoa.

Outrossim, cada sistema destacado realiza uma estratégia específica para a sua criação de novas formas pronominais, como: a eliminação da vogal final dos pronomes (sistema el); substituição da vogal final dos pronomes canônicos pela vogal -u (sistema elu); alteração na raiz dos pronomes, ou seja, substituição da primeira vogal do pronome pessoal de terceira pessoa do caso reto e troca do “e” por “i” no pronome demonstrativo “aquile” e utilização do -e e do -u como vogal final (respectivamente, sistema ile e ilu).

Com base nisso, observa-se que os pronomes canônicos são tidos como base para a criação dos sistemas de *neopronomes* apresentados acima. Isso pode ser percebido pela preservação de alguns segmentos próprios das formas canônicas, como é o caso da estrutura silábica: o pronome pessoal do caso reto de terceira pessoa se mantém com duas sílabas na maioria dos sistemas “ela, elu, ile, ilu”; os demonstrativos “aquele, aquela, aquelu, aquilu, aquile” preservavam uma divisão silábica de três sílabas; e as formas pronominais “dele, dela, delu, dilu, dile” e “nele, nelu, nilu, nile” mantém uma divisão de duas sílabas. A preservação da estrutura silábica é presente em todos os sistemas de *neopronomes* na tabela (1), exceto no “sistema el” em que há o apagamento da vogal final de todos os pronomes (ex.: el, del, aquel), alterando a estrutura silábica desses *neopronomes* em relação às formas canônicas (ex.: ele/ela, dele/dela, aquele/aquela).

Ademais, nos sistemas de *neopronomes* acima, o *neopronome* pessoal de terceira pessoa “ile” chama atenção diante de sua similaridade com o pronome demonstrativo de língua latina, “ile”, correspondente no PB aos pronomes “aquela/aquele/aquilo”. No latim, essa forma demonstrativa era também utilizada como um pronome de terceira pessoa no caso nominativo, posto que nessa língua não havia possibilidade do uso dos pronomes de terceira pessoa para esse caso, de acordo com Comba (1998).

Nessa perspectiva, percebe-se que há uma semelhança tanto na forma do pronome, como no seu uso, dado que ambos, tanto o “ile” do latim, quanto o “ile” do PB são marcas utilizadas para a terceira pessoa. No entanto, esta semelhança não necessariamente licencia um melhor desempenho desse sistema de *neopronome* no PB, dado que todos os casos correspondem à implementação de novas formas na língua, portanto, apesar do latim ter dado origem ao português, a forma “ile” não faz parte do PB.

Além disso, a partir da análise da tabela (1), observa-se também que todos os pronomes e os *neopronome*s apresentados são de terceira pessoa. Nesse ponto, o seguinte questionamento se faz pertinente: por quê os sistemas de *neopronomes* propõem um terceiro valor de gênero especificamente para a terceira pessoa? A resposta para essa pergunta pode ser simples, se relembrarmos algumas singularidades dessa pessoa: é a única a distinguir gênero e a possuir como referência uma pessoa fora da instância da enunciação, sendo o assunto de que se fala. Assim, com base nessas características, os *neopronomes* são usados na terceira pessoa justamente por terem a peculiaridade de distinguir gênero e marcar uma referência que se encontra fora do discurso, sendo, portanto, uma pessoa mais objetiva do que a primeira e a segunda pessoa, o que é fundamental no campo da referenciação de identidades.

Desse modo, a relação observada entre o gênero gramatical, os pronomes de terceira pessoa e a identidade dos sujeitos constroem, através dos *neopronomes* e dos pronomes canônicos, o que denominamos como *referência identitária*, isto é, a marcação de gênero na classe de pronomes cumpre com a função de realizar uma referência objetiva dos sujeitos, respeitando suas identidades no fazer linguístico. Com isso, a *referência identitária* (doravante RI) é, portanto, uma forma de realizar/marcar na língua uma referência objetiva dos sujeitos, respeitando e reconhecendo suas identidades.

A partir disso, é possível pontuar que o gênero gramatical é atribuído no PB, em consonância com a definição apresentada de Corbett (1991), por meio de regras semânticas e formais, visto que se propõe marcas específicas de gênero para a referenciação de identidades não-binárias, masculinas e femininas. Nesse sentido, os pronomes e os *neopronomes* possuem como uma das suas funções fundamentais a referenciação dos sujeitos na língua.

Além disso, há no PB uma indicação de três gêneros canônicos presentes na classe dos pronomes, de acordo com Camara Jr. (1975), o terceiro gênero estaria presente, como já mencionado, em alguns pronomes demonstrativos “isso”, “isto”, “aquilo”, pronomes inanimados e “alguém”, “ninguém” e “outrem” marcando uma referência animada.

Esses pronomes, no entanto, como aponta Schwindt (2020), seguem uma concordância no masculino, assim em “isto é um carro”, o pronome desempenha uma concordância no masculino com o determinante “um” e o substantivo “carro”.

Nesse sentido, os pronomes ditos neutros por Camara Jr. (1970) não exercem uma referência identitária, uma vez que não exercem uma concordância não-binária e não podem ser utilizados como referência fórica, assim como ocorre com a terceira pessoa.

Ademais, a *RI* presente nos *neopronomes* e nos pronomes canônicos está atrelada ao reconhecimento de formas de identidades sociais de gênero, podendo esta ser uma forma de padrão binária ou não-binária. Esse ponto liga a língua a uma relação direta com padrões sociais de identidade. O estabelecimento dessa relação é, destarte, uma propriedade da língua, uma vez que esta sofre influência de diversos fatores, tais como cultura, política, localização geográfica etc.

Assim, não se deve negligenciar o fato de que as necessidades sociais ditam muito sobre o comportamento da língua em diferentes fatores. O caso específico da cobrança social por uma marcação de um terceiro gênero no PB revela uma necessidade marcada por questões de identidade, esta que tem apresentado mudanças consideráveis, como descreve Hall (2006),

> A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado (p. 7).

Dessa forma, em conformidade com Hall (2006), o sujeito que até o século XX possuía uma identidade unificada passa a sofrer uma fluidez após esse marco. Toda essa singularidade da identidade do sujeito do século XXI acompanha, portanto, novas necessidades na língua, como é perceptível na implementação de um terceiro valor de gênero no PB. Diante disso, é inegável que a identidade dos sujeitos produzam um efeito direto nas práticas linguísticas, visto que há um debate e uma demanda social por um marcação na língua que abarque identidades antes não reconhecidas, e nesse sentido, a implementação dos *neopronomes* demarcam uma possível resolução para tal reivindicação.

2.3 Considerações parciais

As discussões apresentadas nesta seção buscaram traçar uma relação entre a classe de pronomes e a categoria de gênero gramatical no PB. Nessa conjuntura, foi visto que a classe de pronomes não se constitui de uma forma unificada, é formada por subgrupos de pronomes que apresentam características distintas, tais como: o pronome interrogativo que possui como função a formulação de perguntas e os pronomes pessoais que realizam o papel de referenciação, segundo Neves (2000). Entre esses subgrupos de pronomes, o pronome pessoal é o que exerce uma relação mais direta com o gênero gramatical, sendo esses divididos em: fóricos e dêiticos.

Assim, os pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa cumprem a função dêitica, isto é, indicam um lugar, uma pessoa, o tempo em uma enunciação. A função fórica, ou seja, a retomada ou a antecipação de elementos no texto é, por outro lado, realizada apenas por pronomes de terceira pessoa.

Benveniste (1995) observa ainda que os pronomes pessoais se diferenciam por seu comportamento na enunciação. Desse modo, a primeira e a segunda pessoa são as únicas a fazerem parte da esfera enunciativa, de modo que a primeira é atribuída a “quem fala” e a segunda pessoa corresponde à pessoa “com quem se fala”. Por outro lado, a terceira pessoa comporta-se como aquela que está fora da enunciação, isto porque é o assunto de que se fala, isto é, a não-pessoa, de acordo com o autor.

Ademais, entre as peculiaridades que compõem a terceira pessoa destaca-se a propriedade de marcar distintivamente o gênero, sendo, portanto, uma pessoa importante para o emprego do gênero gramatical na língua. E, nesse sentido, algumas línguas, como o inglês, apresentam marcas de gênero apenas nos pronomes pessoais de terceira pessoa, formando o sistema pronominal de gênero.

Com tais características, as singularidades presentes na terceira pessoa favorecem a implementação de uma nova marca de gênero no PB na classe de pronomes, com o intuito de realizar e reconhecer linguisticamente identidades sociais antes não apresentadas na língua, tal como visto no exemplo em (c). À vista disso, o PB tem proposto, por meio dos chamados *neopronomes*, ou seja, formas não canônicas envolvidas no processo de referenciação, a implementação de novas formas pronominais que surgem com a finalidade de realizar uma *RI* na língua.

Perante o exposto, defendemos a *RI* como a função dos *neopronomes* e, consequentemente, dos pronomes pessoais de terceira pessoa, uma vez que esses

podem marcar na língua identidades sociais distintas, a feminina, a masculina e a não-binária. Dessa maneira, os *neopronomes* surgem na língua através de uma necessidade social diante das novas identidades de gênero dos sujeitos, assim observa-se a influência de elementos não linguísticos, como o caso da identidade de gênero dos sujeitos do século XXI, no desenvolvimento e na realização da língua. Em vista disso, na próxima seção será proposta uma discussão mais aprofundada sobre a relação e o impacto das novas identidades sociais e a língua, mais especificamente, o reflexo que o comportamento social causa na marcação e compreensão de gênero gramatical.

Língua e Identidade

3. A língua e o reconhecimento das identidades sociais

A língua em sua composição e realização é atravessada por fatores externos - política, cultura, religião etc. - que dialogam diretamente com os usos e com as suas variações linguísticas. Nesse sentido, o surgimento, a mudança ou a morte de uma língua pode estar associada aos padrões sociais, tal como ocorreu com o declínio do Império Romano e a consequente morte da língua latina. Com isso, a relação entre a língua e a sociedade dá-se de forma contínua e profunda, baseando-se em grande medida nas necessidades dos seus usuários, nas relações de poder e na cultura de um povo.

Dessa forma, as variações em uma dada língua podem ter como desencadeador uma questão social, como revela o caso estudado por Labov (2008), na ilha Martha's Vineyard, em que a mudança do ditongo /ay/ e /aw/ na fala de alguns moradores possui uma associação direta com o sentimento de pertença/identidade ou não à ilha por parte dos falantes. Assim, observa-se que fatores sociais produzem impactos importantes na língua, sendo a estrutura linguística sensível às transformações sociais.

À vista disso, o PB, língua oficial de mais de 213 milhões de brasileiros, de acordo com o IBGE de 2022, comporta em seu funcionamento uma forte influência dos fatores sociais que o permeiam, sendo observado nos últimos anos uma necessidade social por um uso mais inclusivo da língua, tendo como uma das estratégias para a sua efetivação a implementação de novos valores de gênero e de *neopronomes* no PB. Logo, percebe-se que essa nova necessidade posta para a língua reflete a mudança no padrão da identidade social dos sujeitos do XXI, havendo como interesse uma marcação linguística que considere as novas identidades que, por sua vez, ultrapassam a órbita binária.

Com base nisso, o PB tem registrado usos como observado em (5) e (6):

5. "To no show da potyguara b. mas eu nao sei nem os pronomes **dilu**[20]"
6. "Escrevo para aquelas que não são desejadas. Aquelas, aqueles e **aquelus** que, assim como eu, têm marcado em suas vivências o peso adoecedor da

[20]Dado do nosso *corpus* de análise.

rejeição, negligência, preterimento. Para **todes** que, por tudo o que passaram e passam, questionam o amor.”[21]

As formas pronominais presentes em (5) e (6) designam novas construções pronominais, os *neopronomes*. Esses, por seu turno, possuem como finalidade a representação linguística de sujeitos, fugindo à lógica binária, como já mencionado. Assim, o uso de “dilu” em (5) e “aquelus” em (6) reflete um novo condicionamento social que busca nas formas linguísticas o reconhecimento das novas identidades e tendem a negar o masculino como marca genérica para referenciação, como é possível perceber em (5), em que o uso de “dilu” faz referência a um uso genérico, dado que o falante sinaliza desconhecer os pronomes dos referentes e com isso usa o *neopronome* para essa marcação. Nota-se ainda que em (6) “aquelus” é utilizado em contraste com os pronomes demonstrativos “aquelas” e “aqueles”, o que indica uma referência distinta das formas canônicas.

Outrossim, a implementação dos *neopronomes*, como vistos em (5) e (6), encontram-se atrelados às novas identidades dos sujeitos e à luta LGBTQIAPN+. Nesse sentido, um dos argumentos centrais está na necessidade de romper com a noção e a construção linguística pautada apenas nas formas binárias, reconhecendo linguisticamente as novas identidades. Assim, em uma entrevista para “GZH comportamento”[22], Dani Bestetti, pessoa não-binária, afirma que essa mudança na língua tem por objetivo a inclusão de “todes[23]”, como elu[24] afirma, ou seja, incluir pessoas que possuem identidades para além da feminina e da masculina. Dani Bestetti aponta ainda que o uso dessa linguagem parte de um processo de aceitação “é sobre aceitar se uma pessoa é não-binária e usa o pronome neutro, se refere a essa pessoa com ‘elu’, se refere a essa pessoa com ‘linde’. É só isso, não é mudar toda língua, acabar com todo o português.” Para Isadora Gurski, estudante de biblioteconomia, também entrevistada pela GZH comportamentos, essa linguagem parte também de um princípio de inclusão e respeito, destacando ainda que não é algo obrigatório, mas destinado a quem quer e precisa.

---

[21] Dado do nosso *corpus* de análise.
[22] Jornal digital do grupo RBS. O material em questão foi publicado em 22 de fevereiro de 2023 e tinha como preocupação a compreensão desses novos usos na língua por meio de entrevistas de usuários da linguagem inclusiva.Link: https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2023/02/jovens-contam-como-quando-e-por-que-usam-a-linguagem-neutra-clefpcih9001e017lzuhkpjlo.htmlAcesso em: 01, jun de 2023.
[23] Marcação inclusiva do pronome indefinido.
[24] Neopronome de preferência de Dani Bestetti.

Diante disso, esta seção tem como foco discutir a relação entre a língua e a identidade dos sujeitos, visto que esta relação tem ditado importantes mudanças em diferentes línguas, e em específico, no PB. Desse modo, buscaremos compreender as transformações sociais no campo da identidade dos sujeitos do séc. XXI que levaram a esses novos usos linguísticos. Para tanto, é fundamental o estudo empreendido por Hall (2006) com a historicidade da identidade a partir dos sujeitos.

3.1 A historicidade da identidade e o seu impacto na língua

A nova marcação de gênero gramatical, a exemplo da implementação de *neopronomes,* propõe para a língua o reconhecimento linguístico de questões sociais, mais especificamente, das novas identidades dos sujeitos. Essa marcação na língua é, portanto, recente e reflete as transformações operadas na sociedade que levaram à pluralização das identidades, característica importante do sujeito pós-moderno. Com isso, faz-se pertinente compreender quais foram as mudanças que ocorreram no campo da identidade dos sujeitos, possibilitando o desenvolvimento de novas questões para a língua, como é o caso do emprego da *RI* presente nos pronomes e *neopronomes*. Para tanto, voltaremos nossa atenção ao trabalho de Hall (2006) acerca das diferentes concepções de identidade entre o século XVIII e XX.

Nessa perspectiva, Hall (2006) destaca que as diferenças presentes no campo das identidades sociais observadas entre o século XVIII e o final do século XX formam-se de maneira antagônica. Isto é, os sujeitos do século XVIII possuíam uma identidade unificada, sólida, muitas vezes considerada inata e que, portanto, se caracterizava como algo do interior de cada sujeito. Por outro lado, com a chegada do período moderno as identidades passam a ser compreendidas e realizadas como algo não fixo, não permanente, constituída pela junção do mundo interior e do mundo público, não mais admitida como uma característica particular. Consequentemente, a identidade passa a ser uma questão política e histórica, e não uma condição biológica.

Dessa maneira, toda transformação na identidade dos sujeitos é comportada por Hall (2006) em três distintas concepções: o sujeito iluminista (século XVIII), o sujeito sociológico (século XIX) e o sujeito pós-moderno (século XX). A identidade do sujeito iluminista é “baseada numa concepção da pessoa humana como um

indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo o “centro” consistia num núcleo interior” (Hall, 2006, p.10). Nesse sentido, o sujeito iluminista apresentava uma identidade fixa que o acompanhava desde o seu nascimento, marcada por uma certa individualidade, visto que o “eu” é o centro propulsor dessa identidade.

Para o sujeito sociológico, por outro lado, a identidade era concebida em um espaço que vinculava o mundo exterior/público e o mundo inteiro. Desse modo, a identidade forma-se na interatividade do “eu” com a sociedade, não cabendo mais a ideia de um sujeito autônomo, como visto no sujeito iluminista. Essa interatividade com o mundo social provocou a fragmentação do sujeito, tendo em vista as transformações institucionais e estruturais do campo social, promovendo, nesse contexto, diferentes identidades.

Assim, diante das complexidades do período moderno, o sujeito pós-moderno é, por sua vez, marcado por uma identidade móvel, não essencial, sendo “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” (Hall, 2006). Com base nisso, o sujeito pós-moderno é formado por diversas possibilidades de identidades, podendo assumir diferentes identidades em diferentes momentos. Para esse sujeito, as instituições participam de sua formação e influenciam na formação de suas identidades.

Além disso, a transição de uma identidade unificada (sujeito iluminista) para uma pluralidade de identidades (sujeito pós-moderno) é marcada por acontecimentos/processos sociais que influenciaram na mudança de compreensão do sujeito e, consequentemente, de sua identidade. Dessarte, Hall (2006) ressalta que o sujeito iluminista exerce uma ruptura com um sujeito frisado em conceitos divinos, em que o sagrado era centro de todas as coisas, não havendo espaço para mudanças.

Nessa conjuntura, o sujeito e a concepção de identidade focada na razão - próprios do iluminismo - evidenciam processos sociais que encaminharam a compreensão de um "indivíduo soberano”, nos termos utilizados pelo autor. Assim, a Reforma Protestante, o Humanismo Renascentista, as revoluções científicas e o próprio iluminismo conduziram o sujeito a um contato com o sagrado sem a necessidade de um intermédio pelas instituições religiosas e colocaram o sujeito no centro do universo, avançando para um pensamento racional.

Outrossim, o sujeito sociológico é concebido em sociedades que entendem a formação do sujeito, através da junção do campo individual e do campo social. Com isso, a industrialização e os avanços dos estudos sociológicos impulsionam um sujeito mais coletivo, embutidos na estrutura dos Estados, condicionada às regras.

Para além disso, Hall (2006) destaca dois eventos importantes para a conceptualização do sujeito sociológico: a biologia Darwiniana e o as novas ciências sociais. Isto significa que os estudos de Darwin implicam uma característica do sujeito como biologizado e, portanto, tem uma base na natureza, ou seja, formando-se por meio das questões que o rodeiam. Somado a isto, os estudos das novas ciências acarretam cada vez mais o impacto do social na formação de cada sujeito, compondo assim o sujeito sociológico.

Ademais, o sujeito pós-moderno, destacado por possuir uma identidade fragmentada, tem a sua descentração associada a, em conformidade com Hall (2006), em cinco importantes acontecimentos nas teorias sociais: as tradições do pensamento marxista; a descoberto do inconsciente por Freud; o trabalho realizado pelo linguista Ferdinand de Saussure; o estudo sobre o poder disciplinar por Michel foucault e as lutas feministas. Desse modo, nas tradições do pensamento marxista é admitido uma rejeição à compreensão humanista do sujeito, ou seja, Marx observa que o sujeito se faz diante das condições históricas em que está inserido, negando, dessa forma, a ideia de um sujeito no centro de seu sistema teórico, tal como é apresentado no sujeito iluminista.

O segundo acontecimento na modernidade tardia, apontada pelo autor, diz respeito à descoberta do inconsciente por Freud. Logo, a sexualidade, a identidade e os desejos, como exemplo, passam a ser entendidos como manifestações do inconsciente.

A formação do inconsciente do sujeito é dada, por sua vez, pela junção de partes contraditórias, tal como a identificação com o feminino e a negação com o masculino. Essas características contrastantes permanecem com os sujeitos ao longo de toda sua vida. Desse modo, a identidade, dentro desse estudo, é constituída por meio de processos inconscientes durante toda a vida, não sendo algo racional ou determinado, mas vivenciada diante das práticas sociais.

Outro acontecimento importante para a formação e configuração da identidade do sujeito pós-moderno são os estudos linguísticos desenvolvidos por Ferdinand de Saussure. As ideias apresentadas por este autor apontam que a língua

demarca um uso e um significado social, isso implica a constatação de que nada que afirmamos é dado por meio de um mérito autoral, uma vez que utilizamos um sistema de signos organizados no interior da própria língua e de significados vinculados ao campo de uma cultura social. Além do mais, os significados que empregamos formam-se em um sistema de oposição. Nessa condição, um elemento linguístico só significa em comparação com aquilo de que é oposto.

Assim, “o significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). Ele está constantemente escapando de nós” (Hall, 2006, p. 41). Essa condição da língua e de seu uso é, portanto, comparada de forma análoga com a identidade, visto que nossa identidade é também constituída a partir do que não somos.

Hall (2006) destaca também o trabalho do filósofo Michel Foucault com a “genealogia do sujeito moderno”, na construção do sujeito pós-moderno. Para Foucault o sujeito pós-moderno é marcado por aquilo que o autor denomina como o “poder disciplinar", o qual cumpre com a função de controle, regulamentação e governo da espécie humana, do corpo e do indivíduo. Nesse cenário, o “poder disciplinar” impõe um controle sobre a vida dos sujeitos e das suas diversas relações. Por fim, Hall (2006) observa como o quinto descentramento do sujeito e da sua identidade, o feminismo e os movimentos sociais.

Dessarte, de acordo com o autor, a luta feminista e outros movimentos sociais, tais como os movimentos antibelicistas, juvenis contraculturais e as luta pelos direitos civis, tinham como uma das suas pautas o reconhecimento de suas identidades, cabendo a cada movimento a luta por uma identidade diferente, dando início a "política de identidade”, conforme o autor. No entanto, Hall (2006) ressalta que feminismo, em específico, causou um importante impacto na descentração do sujeito, isso porque esse movimento, entre outras coisas: questionou o limite entre o “privado” e o “público”; trouxe para o debate político a família, a atividade doméstica, a sexualidade etc.; questionou e colocou na pauta política a forma como as subjetividades, a identidade e o processo de identificação são construídas em um sistema de generificação; incluiu a pauta sobre identidade sexual e de gênero, e contestou o enquadramento de homem e de mulher como parte de uma só identidade, a humanidade, refletindo, com isso, a diferença sexual. Dessa forma, as lutas feministas e sociais balançam o conceito de uma identidade fixa, apontando a necessidade de reconhecimento das diferentes identidades.

Em suma, no trabalho de Hall (2006), há um delineamento do conceito de identidade a partir do sujeito, ao longo do século XVIII e XX, apontando as mudanças e os avanços sociais que implicaram a descentração do sujeito e de sua identidade. Assim, o conceito identidade parte de uma concepção fixa e racional, compreendida pelo autor como uma "celebração móvel", alcançando uma pluralidade de formas de identificação na pós-modernidade.

Essa nova configuração da identidade, como móvel e plural, e as lutas pelo reconhecimento dessas identidades tem gerado uma reflexão social sobre a necessidade de um uso de marcas linguísticas que representem/reconheçam na língua as diversas identidades dos sujeitos, como já mencionado. Dessa maneira, os *neopronomes* e o acréscimo distintivo de um terceiro valor de gênero no final de palavras refletem a luta pelo reconhecimento de novas identidades, principalmente, de sujeitos pertencentes a identidades LGBTQIAPN+.

7. "**Iles** não te respeite por que **Iles** não sae **bixes**"[25]
8. "@xxxxxxxxx disk a Mendes que editou pra **elUs**"[26]

Nesse sentido, os *neopronomes* em (7) e (8), "iles" e "elus" cumprem com uma função referencial, padrão da classe de pronomes, e, de modo consequente, com uma função de *RI.* Isso ocorre diante do reconhecimento das identidades dos sujeitos na língua, com marcas específicas de gênero e de formas pronominais, os *neopronomes*.

Diante disso, o que denominamos de *RI* pressupõe um conhecimento comum que associa o gênero gramatical e os pronomes com as identidades pessoais dos sujeitos, ou seja, a categoria e a classe em questão são tidas como fundamentais para a marcação/ reconhecimento linguísticas das identidades dos sujeitos na língua. Com isso, os valores canônicos não comportam mais todas as identidades dos sujeitos no PB, o que se reflete nas inovações no gênero gramatical e nos pronomes.

Por fim, destaca-se também a presença da *RI* em construções em que há uma "incompatibilidade" de gênero, como em: Meu deus do céu a Pablo vittar da altura de um demogorgon mano eu não tinha percebido que ela era tão alta boy, tipo,

[25] Dado do nosso *corpus* de análise.
[26] Dado do nosso *corpus* de análise.

sabia que era alta mas não TÃO ALTA assim[27]". Nesse exemplo, apesar do nome "Pablo" ser masculino, a concordância de gênero empregada e o pronome de retomada utilizado possuem valor feminino. Isso é possível pela associação da identidade e da performatividade de gênero da "Pablo", ou seja, a marcação de gênero e o pronome utilizados no feminino revelam na língua a identidade do sujeito referenciado.

Com base no exposto, é notável que ao longo do tempo o conceito de identidade mudou, configurando, atualmente, uma pluralidade de formas de identificação, de acordo com Hall (2006). Nessa perspectiva, tais mudanças afetaram também o uso e a compreensão do gênero gramatical e dos pronomes no PB, sendo, desse modo, uma alteração linguística associada aos padrões sociais.

3.2 Considerações parciais

As transformações no quadro social atingem diferentes campos da atividade humana, entre essas, como já mencionado, a língua. Nessa conjuntura, as mudanças marcadas no campo das identidades dos sujeitos ao longo do tempo, como discutido por Hall (2006), revelam a constituição da identidade do sujeito atual, que, por sua vez, não se restringe a um padrão binário. Assim, inovações na marcação do gênero gramatical e nas formas de referenciação chegam para o PB como uma consequência do comportamento social.

Dessa forma, o período entre o século XVIII e XX demarca a transição de uma identidade unificada para uma identidade móvel, plural e política (Hall, 2006). Posto isso, os elementos linguísticos utilizados no século XVIII para referenciação dos sujeitos na língua não provocavam dúvidas ou questionamentos, dado que a identidade apresentava um conceito fixo. Por outro lado, a era pós-moderna, caracterizada por conceito de fluidez no campo das identidades, introduz a necessidade da ampliação de elementos que transparecem no fazer linguístico as diversas identidades dos sujeitos.

Nesse viés, os *neopronomes* e os pronomes canônicos, como forma de referenciação (Neves, 2000), passam a formar o que denominamos de *RI,* recuperando e reconhecendo linguísticamente as identidades dos sujeitos na língua.

[27] Dado coletado do Twitter no dia 13 de junho de 2023.

Nesse sentido, “ela”, “ele”, “elu” revelam e cumprem com o não apagamento da identidade do sujeito referenciado. Essa marcação é também presente nos valores empregados na categoria de gênero gramatical, a um terceiro valor de gênero, tal como em “aluna”, “aluno” e “alune”.

À vista disso, o PB, assim como outras línguas, passa pelo processo de implementação de um novo valor de gênero e de formas de referenciação, os *neopronomes*, havendo, desse modo, diferentes sistemas de *neopronomes*, utilizados com o objetivo de cumprir com essa nova necessidade na língua. Entre esses destacam-se o *sistema el*, o *sistema elu*, o *sistema ilu* e o *sistema ile*, como já mencionado. Diante disso, na próxima seção será analisada a presença desses sistemas no PB, buscando compreender os usos dessas formas inovadoras.

Metodologia

4. Procedimentos Metodológicos

A implementação de novas marcas de gênero gramatical e de referenciação – os *neopronomes* – forma-se para a língua, e, consequentemente, para os estudos linguísticos como uma nova questão. Nesse cenário, com poucos estudos e com bastante especulações sobre o fenômeno, adotamos uma pesquisa exploratória (Richardson,1999), com o intuito de formular e estabelecer uma visão mais ampla sobre o emprego de uma linguagem não binária no PB. Acerca disso, a atual investigação parte de uma abordagem quantitativa (Severino, 2007) dos dados, destacando as proporções de frequência de usos dos sistemas de *neopronomes* e seus contextos de realização. Para tanto, foram estabelecidas as seguintes variáveis: semântica, observando se há uma preferência de um emprego genérico[28] ou específico dos *neopronomes*; função sintática, investigando em qual função os *neopronomes* são mais utilizados; desinência não binária de gênero, compreendendo qual marca está sendo utilizada com um terceiro valor de gênero, e a coocorrência de sistemas, verificando se há utilização de mais de um sistema pronominal e/ou *neopronominal* em uma só construção.

4.1 Coleta de dados

Para o proceder da investigação e análise de usos de uma linguagem não binária no PB, mais especificamente da utilização de *neopronomes* e de formas de ampliação de marcas distintivas de gênero, tal como o uso do “-e” (ex.: linde) no final das palavras, partimos de uma coleta de construções marcadas para um terceiro valor de gênero na rede social *Twitter,* seguido de um estudo morfológico, sintático e semântico, com base nas variáveis adotadas, e de um tratamento estatístico dos dados, através da plataforma R.

Assim, o *corpus* de análise foi constituído por meio de uma coleta realizada no *Twitter*, importante veículo de divulgação de notícias, ideias, comentários etc., no

[28] A denominação como valor genérico nesse trabalho é adotado para marcar uma construção com valor geral, isto é, em que a retomada pronominal de sujeitos é relativa a identidade binárias e não binárias de gênero. Dessa forma, não se caracteriza como sinônimo a uma marcação não especificada, mas a uma marcação com um valor geral.

período de três meses, de dezembro de 2022 a fevereiro de 2023. A escolha por essa rede social foi pautada pela característica de espontaneidade do uso da língua, sem muito compromisso com regras gramaticais, por parte dos seus usuários.

Com base nisso, o procedimento utilizado para o levantamento dos dados no *Twitter* foi o de *raspagem*[29], que consiste na busca por palavras-chave na plataforma estipulada, utilizando a linguagem *Python*[30]*.* Para tanto, foram delimitados dois parâmetros para essa raspagem: palavras-chave e o intervalo de tempo.

No primeiro parâmetro, foram destacados alguns sistemas de *neopronomes*: sistema el (el, els, del, dels, nel, nels, aquel e aquels), sistema elu (elu, elus, delu, delus, nelu, nelus, aquelu e aquelus), sistema ile (ile, iles, dile, diles, nile, niles, aquile e aquiles) e o sistema ilu (ilu, ilus, dilu, dilus, nilu, nilus, aquilu e aquilus). A seleção desses *neopronomes* foi baseada nos manuais de linguagem não binária: Guia de ‘linguagem neutra” por Ophelia Cassiano e o “Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa”, por Gioni Caê Almeida.

Dessa forma, a busca por esses *neopronomes* no procedimento de raspagem foi realizada a partir da divisão de cada sistema em dois grupos, cada um com quatro *neopronomes*, como demonstra a tabela abaixo. Essa divisão foi necessária, uma vez que a raspagem no *Twitter* com um número menor de palavras-chave por busca poderia comprometer os dados, visto que há maiores chances da rede social em questão entregar palavras que possuem sequências semelhantes aos *neopronomes*, como o *neopronome* “el” que poderia ser confundido, por exemplo, com as iniciais do substantivo próprio “Elaine”.

Tabela 2: Grupos de *neopronomes* para a pesquisa no *Twitter.*

Sistemas de *neopronomes*	Subgrupo 1 de *neopronomes:* Pronomes pessoais do caso reto e as formas *neopronominais* formadas pela junção da preposição “de” e dos *neopronomes* pessoais do caso reto	Subgrupo 2 de *neopronomes*: Formas *neopronominais* formadas pela junção da preposição “em” e dos *neopronomes* pessoais do caso reto e pronomes demonstrativos

[29] Para realizar esse procedimento contamos com a ajuda de Daniel Calado (danielcalado159@gmail.com), técnico em informática e estudante do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, pelo Instituto Federal de Pernambuco (IFPE).
[30] Linguagem utilizada em práticas de programação.

Sistema el	*el, els, del, dels*	*nel, nels, aquel, aquels*
Sistema elu	*elu, elus, delu, delus*	*nelu, nelus, aquelu, aquelus*
Sistema Ile	*ile, iles, dile, diles*	*nile, niles, aquile, aquiles*
Sistema Ilu	*ilu, ilus, dilu, dilus*	*nilu, nilus, aquilu, aquilus*

Fonte: elaboração própria.

Com isso, as buscas[31] pelos neopronomes foram feitas através dos grupos de palavras-chave destacadas na tabela acima, formando oito grupos de buscas, constituindo dois grupos de cada sistema de neopronome. O segundo parâmetro adotado na raspagem foi a delimitação do período[32] da busca dos dados. Nesse ponto, foi estipulada uma data específica para a coleta, como 01 de dezembro de 2022, e a partir dessa data foram coletados dados correspondentes a quinze dias subsequentes. Com efeito, o intervalo de tempo de uma coleta para outra foi também de quinze dias.

Diante disso, finalizada a etapa de coleta, os dados foram organizados, passando por um processo de limpeza, no qual foram deletadas construções não correspondentes ao fenômeno em estudo. Com isso, os dados foram analisados com base na variável semântica, na qual foram observados se os empregos dos neopronomes possuíam como referente um valor genérico, referindo-se a um coletivo, contemplando, com isso, identidades binárias e não binárias, ou um valor especificado, com uma referenciação objetiva dos sujeitos. A observação desta variável foi realizada com base em cada construção coletada.

Ademais, na variável função sintática, foram analisados os empregos dos neopronomes em relação a sua função sintática, destacando se houve preferência de alguma função em um sistema específico e qual função sintática foi mais realizada entre esses sistemas de neopronomes. Outrossim, na variável “desinência de gênero não binário”, foi analisada se havia concordância nominal entre esses

[31] Importa destacar que as buscas pelos dados no *Twitter* são limitadas, podendo ir de 100 a 10000 mil *tweets* por dia, por exemplo, sem a possibilidade de exercer qualquer comando para o controle dessas informações.

[32] O intervalo de tempo utilizado para coleta dos dados não constitui uma variável dessa pesquisa (para investigar se houve alguma variação na frequência de uso dos sistemas em um determinado período, por exemplo), tendo em vista o curto intervalo de tempo.

neopronomes e qual marcação tem sido mais relevante para a implementação de um valor não binário no PB. Por fim, foi observado, por meio da variável coorrêncencia de sistemas, se houve realização de mais de um sistema em uma só construção.

Com isso, para organizar e quantificar os dados de acordo com as variáveis, foi criada uma tabela dinâmica no programa *excel*. Em sequência, os dados e as variáveis selecionadas foram atribuídos a um tratamento estatístico, por meio da *plataforma R*. Dessa maneira, foram observadas as proporções de usos dos sistemas de neopronomes, verificando qual sistema é mais produtivo nas construções coletadas no PB, e as proporções das variáveis consideradas.

4.1.1 Descrição dos dados

A coleta de dados, realizada através de uma raspagem no *Twitter*[33], como já mencionado, possibilitou a informação do número de ocorrências dos neopronomes pesquisados no período de tempo determinado. Além disso, foram disponibilizadas, em cada raspagem, amostras de maneira aleatória desses usos. Assim, a tabela abaixo demonstra um quantitativo de ocorrências desses sistemas de neopronomes no período pesquisado. Ressalta-se ainda que pronomes canônicos “ela” e “ele” foram adotados como dados de controle.

Tabela 3: Quantitativo de ocorrências

Sistema de neopronome	Número de ocorrências no período de 01 a 15/12/22	Número de ocorrências no período de 16 a 31/12/22	Número de ocorrências no período de 01 a 15/01/23	Número de ocorrências no período de 16 a 31/01/23	Número de ocorrências no período de 01 a 15/02/23	Número de ocorrências no período de 16 a 02/03/23	Total de ocorrências
Sistema el: el, els, del e dels	+10000	+10000	+10000	+10000	+10000	+10000	+60.000
Sistema el: nel, nels, aquel e aquels	1638	1498	2100	1631	1925	1715	10.507

[33] A coleta no *Twitter* foi realizada com tweets publicados no Brasil e de contas com configuração pública.

Sistema Ilu: ilu, ilus, dilu e dilus	582	1040	700	627	299	1198	4.446
Sistema Ilu: nilu, nilus, aquilu e aquilus	734	654	347	753	851	491	3.830
Sistema elu: elu, elus, delu e delus	8301	+10000	9780	7244	7316	2581	+45.222
Sistema elu: nelu, nelus, aquelu e aquelus	142	200	169	118	146	113	888
Sistema ile: ile, iles, dile e diles	1546	2399	2451	1373	1363	1140	10.272
Sistema ile: nile, niles, aquile e aquiles	3760	3800	3984	3544	3838	2500	21.426
Dados de controle: Ela, ele	+10000	+10000	+10000	+10000	+10000	+10000	+60000

Fonte: elaboração própria

As informações presentes na tabela acima correspondem aos dados coletados sem um tratamento de verificação e descarte de construções não relativas a uma terceira marca de gênero no PB. Ainda assim, é possível observar que os dados de controle não apresentaram qualquer variação de uso, ultrapassando mais de 10.000 realizações por dia, o que indica não haver concorrência entre as formas canônicas e as novas propostas de marcação pronominal.

Outrossim, ainda de acordo com a tabela, o sistema el, no subgrupo dos *nepronomes el, els, del, dels,* depois dos pronomes canônicos, foi o que apresentou um maior número de ocorrências. É também possível verificar, conforme os dados de ocorrências, que o sistema que apresentou um número maior de oscilação de ocorrências por coleta foi o sistema ilu, mais especificamente, no subgrupo dos

neopronomes ilu, ilus, dilu e dilus, com ocorrências entre 299 e 1198. Por outro lado, o sistema elu com os *neopronomes nelu, nelus, aquelu* e *aquelus*, foi o que apresentou um menor número de oscilação, marcando um número de realizações entre 118 a 200.

Ademais, a raspagem no *Twitter* também forneceu amostras de usos dos *neopronomes* pesquisados. Essas amostras foram disponibilizadas de forma aleatória, sem qualquer controle sobre a quantidade dessas informações em cada subgrupo de neopronome, ao todo foram fornecidas 1003 amostras. Assim, em cada coleta foram dispostos exemplos relativos às utilizações das palavras-chave pesquisadas, indicando também o nome do usuário que a publicou, o qual será mantido em sigilo em nossa pesquisa, para garantir a preservação da identidade dos envolvidos. Abaixo, segue a tabela referente ao quantitativo de amostras obtidas para cada subgrupo de neopronome.

Tabela 4: Quantitativo de amostras

Sistema de neopronome	Número de amostras de 01 a 15/12/22	Número de amostras no período de 16 a 31/12/22	Número de amostras no período de 01 a 15/01/23	Número de amostras no período de 16 a 31/01/23	Número de amostras no período de 01 a 15/02/23	Número de amostras no período de 16 a 02/03/23	Total de amostras
Sistema el: el, els, del e dels	26	19	20	10	20	10	105
Sistema el: nel, nels, aquel e aquels	32	23	20	30	20	30	155
Sistema llu: ilu, ilus, dilu, dilus	26	11	10	6	10	6	69
Sistema llu: nilu, nilus, aquilu e aquilus	5	13	11	11	11	14	65
Sistema elu: elu, elus, delu e delus	40	37	20	30	20	30	177
Sistema							

elu: nelu, nelus, aquelu e aquelus	25	18	17	30	17	30	137
Sistema ile: ile, iles, dile e diles	40	30	20	20	20	20	150
Sistema ile: nile, niles, aquile e aquiles	37	28	20	20	20	20	145

Fonte: elaboração própria.

Nessa perspectiva, a partir da leitura da tabela é possível observar que há um maior número de amostras para o sistema elu, no subgrupo dos neopronomes elu, elus, delu e delus, com um total de 177 construções. Enquanto o sistema ilu, com os neopronomes nilu, nilus, aquilu e aquilus, foi disponibilizado o menor número de amostras, totalizando 65 amostras para as seis coletas realizadas. Na tabela abaixo, é possível visualizar algumas das amostras coletadas.

Tabela 5: Exemplos das amostras coletadas

Sistema el: el, els, del e dels	“@xxxxxxxxx @xxxxxxxx @xxxxxxxxxx @xxxxxxxxx @ xxxxxxxxxx Sim, **els** sao malucos !”
Sistema el: nel, nels, aquel e aquels	“@xxxxxxxxx Sigilo o caralho, cadeia **nels”**
Sistema Ilu:Ilu, ilus, dilu e dilus	“@xxxxxxxxx Tu julgando **ilu** @xxxxxxxxx”
Sistema Ilu:nilu, nilus, aquilu e aquilus	"EU TO MALUCO **NILU** TRTEIA DAS IDEIA"

Sistema elu: elu, elus, delu e delus	“ACORDEI NE TALS E FUI NA COZINHA TOMAR UM CAFÉ E U @xxxxxxx VEIO CORRENDO ME ABRAÇAR PRA ME DAR BOM DIA, METI UM CHUTÃO **NELU** E JOGUEI NA PORTA, BOM DIA É O CARALHO, HOJE É DIA DE FINAL DA #IgnisCup MANÉ BOM DIA, PILHADONA E **ELU** VEM ME DAR BOM DIA https:xxxxxxxxxxxxx”
Sistema elu: nelu, nelus, aquelu e aquelus	“eu só queria ser tudo na vida delu. queria que minha voz e presença instigasse **nelu** um pertinente desejo de estar ao meu lado. porém não é o caso.”
Sistemaile: ile, iles, dile e diles	**“ile** quer um care que cuide bem **dile** e que trate **ile** como cinderelu, como cinderelu”
Sistema ile: nile, niles, aquile e aquiles	“xxxxx Me viu ontem e quase mandei a pqp Pensar q ano q vem talvez eu tenha q ver **aquile** bucho todos os dias Pqp”

Fonte: Elaboração própria.

Dessa forma, vale destacar que os dados presentes na tabela 3 e 4 relatam informações ainda iniciais. Assim, como já mencionado, os dados passaram por um processo de verificação e limpeza, sendo considerados para uma análise sintática, semântica, morfológica e um tratamento estatístico apenas os dados referentes à implementação de um terceiro valor de gênero.

4.1.2 Limpeza dos dados

O levantamento dos dados no *Twitter* possibilitou a coleta de informações importantes para a atual investigação, no entanto, por limitação da própria ferramenta alguns erros na coleta ocorreram. Nesse sentido, para realização de um estudo preciso do *corpus,* os dados coletados, mais especificamente, as amostras dos usos de *neopronomes*, passaram por um processo de limpeza, descartando toda construção não relevante para a atual pesquisa, ou seja, aquelas que não correspondem a um emprego não binário de gênero e de *neopronomes*.

Assim, de 1003 amostras coletadas, após o processo de limpeza dos dados, 364 apresentaram um emprego com um terceiro valor de gênero na classe de pronomes, o que constitui o nosso *corpus* de análise. Nessa etapa, foram observados também alguns padrões, característicos de cada sistema *neopronominal*, que conduziram a uma leitura não pertinente dos dados coletados para o escopo desta pesquisa.

Desse modo, o sistema el destacou-se por apresentar o maior número de dados com um uso não correspondente a uma proposta não binária. Nesse sentido, algumas características específicas desse sistema se sobressaíram, tal como: emprego dessas formas como variação de nomes e usos correspondentes a antropônimos. No primeiro caso foi encontrado, em grande número, a marcação de “dels”, como variação do nome “Deus”, ou seja, ““Meu Dels, que tristeza, a chave foi eliminada. Chorando horrores aqui”.

Outro contexto bastante pertinente nos dados do sistema el foi a marcação dos *neopronomes* como nome próprio. Assim, em “as playlists de meu amigo Van Nels no spotify são uma verdadeira obra de arte, sempre fico sorrisos” , o “nels”, que corresponde à forma *neopronominal* nesse sistema, apresentou um contexto de antronpônimos no PB. Com isso, nota-se que a semelhança com nomes pessoais (nels) e com formas de variações, já previstas no PB, como em “dels”, tendo em vista que o -l em posição de coda[34] pode ser vocalizado, conforme Cristófaro (2008), implicou em um grande número de construções não condizentes com o que se propõem como marca neopronomial.

Além disso, no sistema el, as amostras com outras formas pronominais, em número superior, não apresentaram qualquer indicativo de se tratar de um valor não

[34] Na estrutura silábica, a posição de coda é referente a consoante que fecha a sílaba.

binário, tendo em vista que em nenhum caso foi observado, por exemplo, a marcação de uma concordância nominal com um terceiro valor de gênero desencadeada por essas marcas de referenciação. Assim, por se tratar do apagamento da vogal final dos pronomes canônicos, observamos ainda a possibilidade de erro de escrita dos usuários. Diante disso, optamos por descartar o sistema el da nossa análise.

Ademais, no sistema ilu, a busca pelos *neopronomes* “dilu” e “nilu” mostraram muitos usos correspondentes a nomes pessoais, como em: “época de bbb é a época que a **nilu** fica ativa em todas as redes sociais” e “O aniversário da **dilu** vai ser no dia do aniversário da Stefany”. Nesses casos, a presença do artigo, anteposto às formas citadas, permite a sua classificação como nomes e não *neopronomes*. Nesse sistema, também se observa que o *neopronome* demonstrativo (aquilu) foi encontrado de forma predominante nas amostras como uma variação do pronome canônico “aquilo”. A explicação para tal variação está alicerçada na vogal final desse pronome, o -o, que sofre um processo de enfraquecimento da vogal, conforme Cristóforo (2008), realizando o som de [u], tal como em "O HoMi **bRanCu issU**, HoMi **bRanCu AqUiLu**".

Outrossim, no sistema ile, o *neopronome* demonstrativo “aquile” assemelha-se ao antropônomo “Aquiles”. Logo, o pouco uso desse *neopronome*, de acordo com os dados coletados, contabilizando apenas uma ocorrência desse *neopronome*, pode ter como causa a sua semelhança com o nome pessoal. Assim, foram encontradas muitas amostras equivalentes ao nome próprio: “@xxxxxxxx Vejo esse tema como um dos grandes calcanhares de Aquiles do Tarcisio. E ele ficar em silêncio não ajuda em nada.”.

Por outro lado, o sistema elu foi o único que não apresentou dados descartáveis para o interesse dessa pesquisa. Isto é, todas as amostras de usos do sistema elu, em todos os *neopronomes*, correspondem a uma marcação inovadora de gênero, e , portanto, a um *neopronome.*

Com base nos dados, é válido notar que algumas observações estruturais do sistema do PB, diante das propostas por uma ampliação dos valores de gênero e de marcas de referenciação, podem condicionar o avanço ou o estancamento dessas propostas, como aponta Schwindt (2020). Dessarte, a partir dos dados, é possível observar que a semelhança com vocábulos já existentes na língua parece não produzir uma distintividade e singularidades dessa formas, causando pouco ou

nenhum uso desses *neopronomes*. Ademais, outra questão relevante para o condicionamento de um uso limitado dessas formas pode ser observada pela relação da vogal final, responsável, em grande parte, por marcar o valor de gênero, com um fenômeno fonológico comum a língua, ou seja, o enfraquecimento da vogal final, com isso, o *neopronome* “aquilu” não apresenta usos, desfavorecido, possivelmente, por sua semelhança com o fenômeno citado.

Por fim, a partir da limpeza dos dados, o nosso *corpus* de estudo ficou constituído por 364 construções com *neopronomes* e marcas inovadoras de gênero. Dos 364 dados, 296 correspondem ao sistema elu (com ocorrências de todos os subgrupos de *neopronomes*), 45 ao sistema ile (sem ocorrências dos *neopronomes* nile, niles, aquile, aquiles) e 21 ao sistema ilu (com ocorrências de todo os subgrupos). Assim, na próxima seção os dados que formam o *corpus* da nossa análise serão discutidos e analisados com base nas variáveis selecionadas, objetivando alcançar uma compreensão sobre o uso de uma linguagem não binária no PB.

Discussão e análise

5. Sistemas *neopronominais*

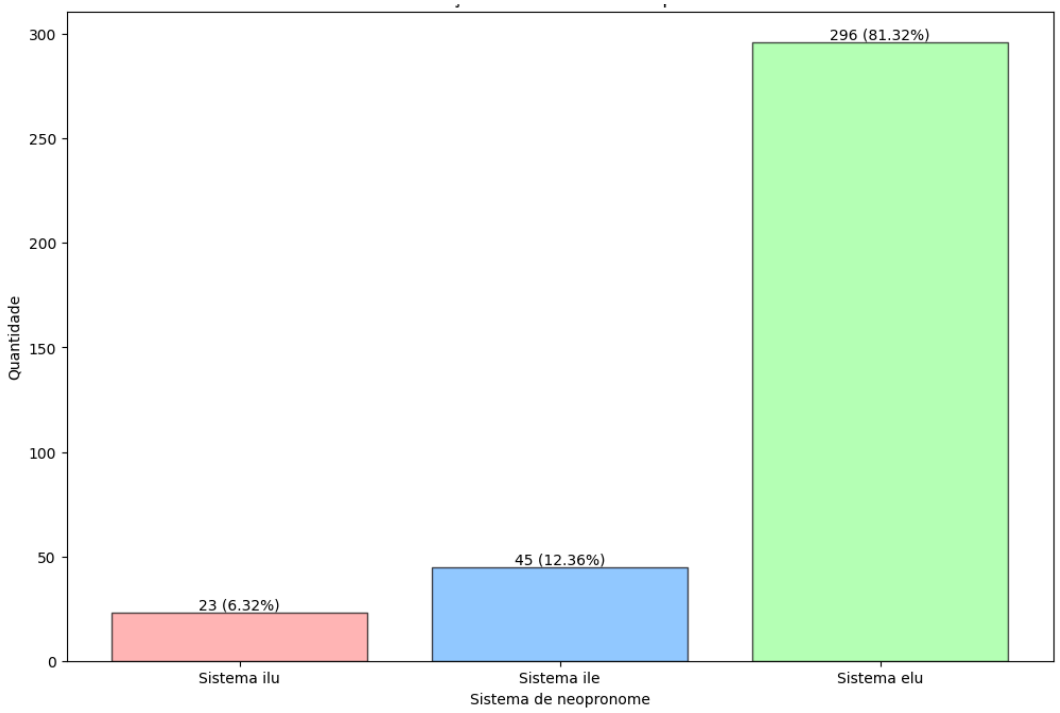
A partir de um estudo quantitativo dos dados coletados, com auxílio da plataforma *R*[35], para a construção de valores estatísticos, e do *Python*[36], para a elaboração de gráficos ilustrativos de algumas informações, os sistemas de *neopronome* elu, ile e ilu foram descritos e analisados com base nas variáveis adotadas, objetivando, com isso, estabelecer uma compreensão do fenômeno em estudo. Assim, os dados foram analisados com base na frequência de uso de cada sistema, no valor semântico (genérico ou especificado) dos *neopronomes*, na preferência de função sintática dos sistemas, na desinência não binária de gênero empregada e na coocorrência de sistemas *neopronominais*. Nesse sentido, essa seção é dedicada à discussão e à análise dos dados.

5.1 Proporção dos sistemas de *neopronomes*

Os sistemas de *neopronomes* elu, ile e ilu propõem, como já citado, a marcação de um terceiro valor de gênero nas formas de referenciação, ou seja, os *neopronomes*. Com base nisso, por possuírem um emprego relacionado ao cumprimento de uma mesma função no PB, referenciar identidades não binárias na língua, a informação da frequência de usos desses sistemas pode indicar qual sistema possui mais chances de uma possível implementação dessas formas na língua. Assim, o gráfico abaixo apresenta a proporção comparativa de usos dos sistemas de *neopronomes*:

Gráfico 1: Proporção de usos de sistemas de *neopronomes*[37]

[35] O tratamento estatístico dos dados na plataforma R foi realizado com auxílio do professor Dr. João Paulo Cyrino (UFBA), a quem agradecemos o apoio, a disponibilidade e a orientação.
[36] Para observar os dados a partir de linguagem de *Python* contei com a ajuda e orientação de Sávio Santos, mestrando em engenharia de software (UPE).
[37] Os gráficos em (1) e (2) foram gerados através do *Python.*



Fonte: Elaboração própria.

A partir do gráfico acima, observa-se que o sistema elu, com um total de 296 realizações, obteve um percentual de uso de 81,3%. O sistema ile, por sua vez, com o total de 45 realizações, contabilizou um valor de 12,4% de usos, enquanto, o sistema ilu, com 23 realizações, representou 6,3% de usos. Nesse sentido, o sistema elu apresentou um total de realizações bastante superior em relação aos outros dois sistemas de *neopronomes*.

Assim, a proporção de usos encontrados no sistema elu, em contraste com o sistema ile e ilu, possibilita verificar uma maior utilização dos *neopronomes* presentes nesse sistema. Para atestar a confiabilidade dessa informação, adotamos o intervalo de confiança de 95%. Nesse procedimento, realizado através da plataforma R, o cálculo da proporção dos sistemas de *neopronomes*, com base nas amostras coletadas, aponta se tal informação é representativa ou não dos usos de *neopronomes* no PB.

Dessa forma, a tabela 6 mostra a frequência de ocorrências dos sistemas de *neopronomes*, a proporção e os limites inferiores e superiores em um intervalo de confiança de 95%. Assim, a partir do cálculo da margem de erro, encontramos 4% para os valores no sistema elu, 3% para o sistema ile e 2% para o sistema ilu. Isso significa que há 95% de probabilidade de toda vez que for procurado por amostras de neopronomes no *twitter* ser encontrado uma proporção entre 76% e 85% de usos

para o sistema elu. Com isso, observa-se que os valores presentes no gráfico (1) apresentam um intervalo de confiança para a distribuição dos sistemas.

Tabela 6: Distribuição de sistemas de *neopronomes*, frequência, proporção e limites[38]

	Frequência	Proporção	Inferior	Superior
Sistema elu	296	0.81	0.77	0.85
Sistema ile	45	0.12	0.09	0.16
Sistema ilu	21	0.06	0.04	0.09

Fonte: elaboração própria

Diante disso, o sistema elu é o mais usado entre os sistemas de neopronomes, de acordo com os dados coletados no *Twitter*. Para compreender a maior relevância desse sistema, no que diz respeito à frequência de uso, podemos destacar como ponto fundamental a preservação da raiz dos pronomes canônicos. Isto é, os *neopronomes* do sistema elu atendem à uma alteração apenas na vogal final, substituindo as vogais finais dos pronomes canônicos -*a* e -*e* por -*u*, como pode ser visualizado na tabela abaixo.

Tabela 7: Pronomes canônicos x *neopronomes*

Sistema canônico	Ela/ele	Dela/ dele	Nela/ nele	Aquela/ aquele
Sistema elu	Elu	Delu	Nelu	Aquelu
Sistema ile	Ile	Dile	Nile	Aquile
Sistema ilu	Ilu	Dilu	Nilu	Aquilu

Fonte: Elaboração própria.

Nesse sentido, como pode ser visualizado na tabela 7, o sistema elu é o único que preserva a raiz dos pronomes canônicos, modificando apenas a informação

[38] As tabelas (6), (8) e (9) foram criadas em parceria com o professor Dr. João Paulo Cyrino (UFBA) e foram cedidas por ele para inclusão no trabalho, a quem agradecemos pela disponibilidade e realização dos testes estatísticos feitos na plataforma R.

referente ao gênero dessas formas, e, com efeito, construindo uma distintividade com os pronomes canônicos (Ela/Ele/Elu) por meio da alteração da vogal final. Nota-se ainda que o contraste entre esses pronomes e *neopronomes*, criado a partir da modificação da vogal final, indica que essas vogais finais desempenham o papel de marcar a informação de gênero nos pronomes de terceira pessoa. Com isso, além do *-a, o -e, e,* consequentemente, o *-u* do sistema elu, atribuem valores de gênero, contrariando a análise de Camara Jr. (1970) de que há apenas uma marca de gênero para os nomes no PB, o - *a* átono final.

Nos sistemas ile e ilu, por sua vez, destacados por apresentarem uma baixa frequência de uso, percebe-se uma alteração relacionada com a raiz dos pronomes canônicos. Assim, a distintividade desses sistemas de *neopronomes* com as formas canônicas não é confiada à aplicação de uma nova desinência de gênero, mas à condição de alomorfia da raiz dos pronomes canônicos (Ela/Ele/Ile), criando formas inovadoras de referenciação. Entretanto, a composição desses *neopronomes* assumem pouco contraste diante de alguns fenômenos e nomes próprios existentes na PB. Para observamos isso, levamos em consideração as seguintes construções:

9.“Fui responder o **Iles** na dm e não vi o buraco do chão, eu me espatifei todo”

10. “melhor coisa da quinta temporada de the nanny é o **niles** e a cc virando mais amigos”

11.“Paraaaaaaaaa Eu tô lendo a canção de **aquiles** e não quero sofrer antecipadamente https://xxxxxxxxxxxxxx”

12. “todo dia eu aperreando o juízo de **dilu”**

13. “4 Chopp mas eu queria **aquilu** lá”[39]

Em (9), (10) e (12), as formas que seriam correspondentes aos *neopronomes*, respectivamente, “iles” (*neopronome* pessoal), “niles” (forma *neopronominal* formada pela junção da preposição “em” e o *neopronome* pessoal do caso reto) e “dilu” (forma *neopronominal* formada pela junção da preposição “de” e o *neopronome* pessoal do caso reto), são encontradas como antropônimos. A evidência disso pode ser observada pela presença do artigo anteposto ao “ile” em (9), e em (10) e em (12) a presença da preposição “de” antecedendo “dilu”. Essas características denotam

[39] Os exemplos em (9), (10), (11), (12), (13) foram descartados do nosso *corpus* por não se aplicar a um emprego *neopronominal*.

que os exemplos citados não atendem a um emprego condizente com as formas *neopronominais*.

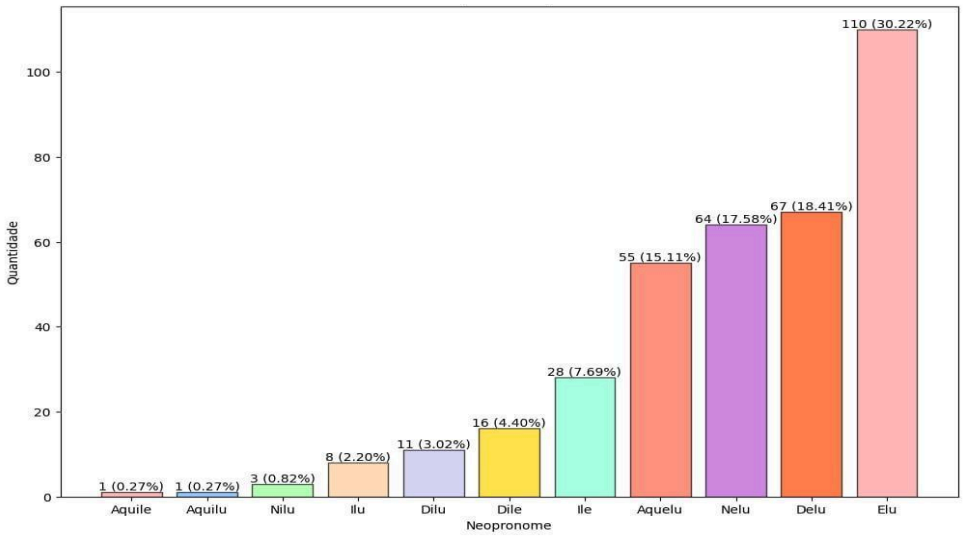
À vista disso, a coincidência de alguns *neopronomes* do sistema ile e ilu com nomes próprios da língua causa pouca distintividade, e, com isso, a adesão e a frequência de usos podem ficar comprometidas, como demonstra o gráfico (1). Além disso, percebe-se que no exemplo (11) “aquiles” é utilizado também como antropônomo do PB, como já mencionado, assim, a semelhança do *neopronome* demonstrativo do sistema ile - aquile - com o nome pessoal pode contribuir, portanto, para a pouca distintividade dessa forma, e, consequentemente, para pouca utilização dessa forma como *neopronome*.

Ademais, no sistema ilu destaca-se ainda o *neopronome* demonstrativo “aquilu” e sua relação com o fenômeno de enfraquecimento da vogal final do PB (Cristófaro, 2008). Dessa forma, em (13), observa-se que “aquilu” é utilizado não como um valor de referenciação não binária, mas como uma variação do pronome canônico “aquilo”, uma vez que este sofre o processo fonológico de enfraquecimento da vogal final -o. Com isso, o *neopronome* demonstrativo do sistema ilu assemelha-se com uma variação do pronome canônico.

Diante disso, com base no gráfico abaixo, observa-se que os *neopronomes* que apresentaram uma menor proporção de realizações, “aquilu” e “aquile”, estão relacionados com um fenômeno linguístico já previsto no sistema (enfraquecimento da vogal final) e com a similaridade composicional com nomes da língua. Dessa forma, assumimos a hipótese de que a pouca distintividade com formas e regras já existentes no sistemas da língua podem contribuir com a diminuição de chances para uma possível implementação desses *neopronomes.*

Gráfico 2: Distribuição dos *neopronomes*[40]

[40] Gráfico gerado através do *Python.*



Fonte: Elaboração própria.

Assim, em conformidade com Schwindt (2020), destacamos que o contraste entre essas formas inovadoras, os pronomes canônicos e os elementos linguísticos é importante para preservar o princípio de naturalidade, isto é, os contrastes, as regras e as restrições do sistema linguístico, assegurando a plausibilidade diante do sistema da língua. Ou seja, na naturalidade leva-se em conta restrições do próprio funcionamento da língua, nessa perspectiva, propostas como o *neopronome* “aquilu” apresentaria pouca naturalidade diante do fenômeno previsto de enfraquecimento da vogal.

Diante disso, o sistema elu em todos os seus *neopronomes* apresenta, em comparação com os outros sistemas, uma maior relevância na frequência de uso, como já citado. Dessarte, a preservação da raiz dos pronomes canônicos nesse sistema e a singularidade/distintividade marcada por uma nova desinência de gênero, *-u*, são destacados, nesta análise, como pontos fundamentais para uma maior proporção de uso desse sistema, e, consequentemente, uma maior chance de implementação desses *neopronomes* na língua.

Dessarte, a distintividade construída através da marcação de gênero pode possibilitar e permitir uma maior assimilação por parte dos usuários da língua desses *neopronomes*, tendo em vista que repercute um processo mais regular na língua, a flexão. Nessa perspectiva, os sistemas marcados pela alomorfia na raiz de pronomes canônicos podem exigir um maior esforço e uma menor distintividade quando comparados com nomes e processos já existentes na língua, favorecendo uma menor proporção de usos

5.2 Semântica: emprego genérico ou especificado?

A utilização de um novo valor de gênero nas marcas de referenciação insere na língua o reconhecimento de identidades negligenciadas no fazer linguístico, nessa perspectiva, os *neopronomes* produzem a *RI* dos sujeitos. Assim, a variável semântica é importante por permitir verificar se os empregos dessas novas formas estão relacionados com um valor genérico, referenciando identidades não binárias, femininas e masculinas, ou com um valor especificado, destinada apenas à marcação de identidades não binárias.

Dessa forma, para o estudo dessa variável, foi analisado, em cada amostra de neopronome, a relação do referente com oneopronome, observando, desse modo, se o neopronome estava vinculado a uma referenciação mais genérica, como em "Jesus como eu odeio homem cis hetero allo Perisexo **elus** são insuportáveis, **elus** tem o mesmo humor, as mesmas opiniões ruins, os mesmos posicionamentos, **elus** são chates para krlh, **iles** parecem ser a mesmo pessoa odeio iles.", em que os neopronomes "elus" e "iles" retomam uma ideia genérica de "homem cis hetero".

No valor especificado, por sua vez, foram enquadradas construções cujo o referente poderia ser recuperado na construção, como em "Gente, olha o meu sush com o meu namorado, o nome *delu* é Miyu, **elu** é rebelde e já fugiu várias vezes (nenhum de nós dois dá amor pra elu) https://t.xxxxxxxxxxxxxxxxxx", em que o emprego do "elu" retoma o nome "Miyu", marcando um uso especificado. Além disso, adotamos também como critério[41] o número dos *neopronomes*, ou seja, em construções em que não foi possível recuperar o referente textualmente, assumimos como o número singular[42] dos *neopronomes* como um valor especificado, tal como ocorre em ""xxxxxxxxxxx **Elu** tão comportadinhe quase não reconheci". Do mesmo modo, os *neopronomes* marcados para plural, sem possibilidade de recuperação do referente, foram classificados com valor genérico.

Tabela 8: Sistemas *neopronominais* x semântica

[41] Esse critério foi adotado diante da impossibilidade de recuperar o contexto de ocorrência de cada *tweet*. No entanto, destacamos que pesquisas futuras podem se fundamentar em contextos mais concretos, como entrevistas com usuários da linguagem não binária.

[42] Ressalta-se que a interpretação do emprego no singular dos *neopronome*s com um valor semântico especificado, não anula a possibilidade de análise de *neopronomes* no singular com valor semântico genérico em construções em que for possível recuperar o referente textualmente. O mesmo se aplica para marcações de *neopronomes* com valor genérico no número plural.

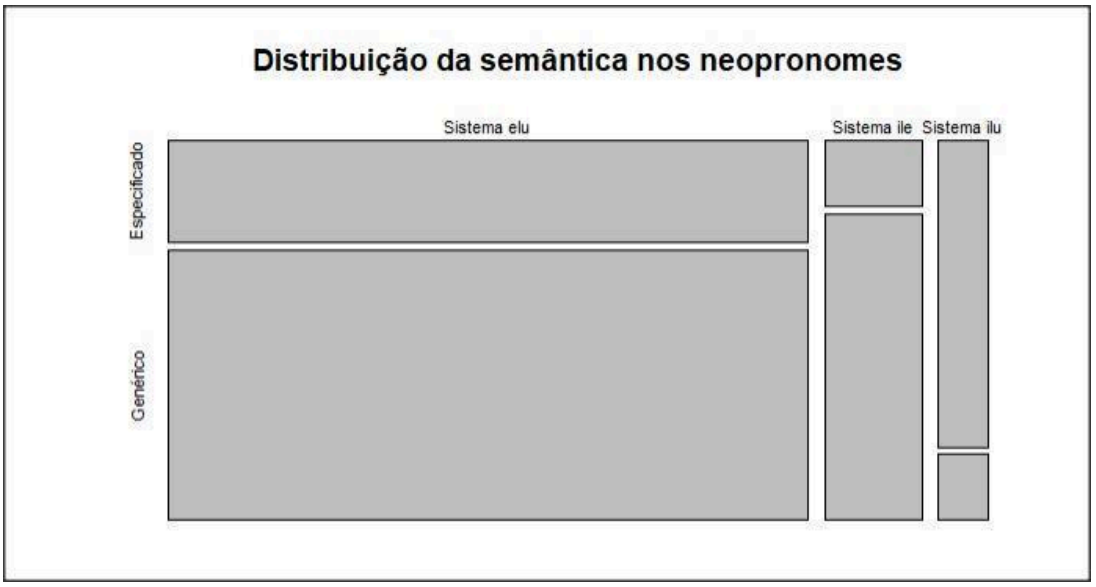
	Especificado	Genérico
Sistema elu	81	215
Sistema ile	8	37
Sistema ilu	19	4

Significância >0, 00000002
Fonte: Elaboração própria.

Na tabela 8, é verificada a relação entre os sistemas de *neopronomes* e a variável semântica, em seus valores “especificado” e “genérico”, destacando uma correlação entre esses. Assim, a partir do teste de qui-quadrado, através da plataforma R, foi observado um valor de significância próximo de 0, o que indica uma forte associação entre os sistemas de *neopronomes* e a variável semântica, confirmando, com isso, que há uma correlação entre as informações presentes na tabela.

Nesse sentido, com base na tabela, o valor genérico é bastante relevante para o sistema elu e para o sistema ile. Por outro lado, o sistema ilu tem destacado como preferência uma marcação mais especificada dos *neopronomes*. O gráfico a seguir explicita tais observações.

Gráfico 3: Distribuição da semântica nos sistemas *neopronominais*[43]



[43] Os gráficos em (3) e (5) foram criados em parceria com o professor Dr. João Paulo Cyrino (UFBA), a quem agradecemos pela disponibilidade e realização dos testes estatísticos feitos na plataforma R.

Significância >0, 00000002
Fonte: Elaboração própria.

Dessa forma, a partir da leitura do gráfico 3, é possível observar que os *neopronomes* são encontrados, em maior número, com um valor genérico no sistema ile e elu. Em contrapartida, o sistema ilu apresenta uma relação maior com o valor especificado. Observemos as construções a seguir:

14. “@xxxxxxx **ilu** ama uma caipirinha”
15. "EU TO MALUCO **NILU** TRTEIA DAS IDEIA[44]”

Os exemplos acima marcam utilizações de alguns neopronomes do sistema ilu. Nesses casos, verificam-se usos marcados para um valor especificado na variável semântica. Essa classificação foi aplicada seguindo o critério de número dos neopronomes, como citado acima, uma vez que não há como recuperar o referente desses exemplos. Dessa forma, o neopronome “ilu”, em (14), e “nilu”, em (15), exemplificam usos do valor do valor especificado encontrado de forma predominante no sistema ilu.

Por outro lado, no caso dos sistemas ile e elu, o valor semântico genérico se mostrou mais relevante, como mencionado. A seguir, exemplos dessas marcações:

16. “eu lembro que minha família já foi restringida de ver qualquer coisa minha nas redes, e hoje **elus** estão no meu AMIGOS PRÓXIMOS do insta onde se posta só o que se esconderia da família.”
17. “Oioi só pra avisar, aqui é @xxxxxxxxxxx_ , vamos ficar usando a continha dos nossos nenês de vez enquando pra ter certeza de que está segura pra **iles**, como eu sei que tem fiscal de unf se forem tirar alguma satisfação pfvr tirem com a gente.”

Dessa maneira, em (16), a utilização do neopronome “elu” (sistema ilu) retoma a palavra “minha família”, fazendo referência, com isso, a um emprego genérico nessa construção, uma vez que pode ser compreendido dentro do campo semântico do substantivo “minha família” identidades femininas, masculinas e não

[44] É importante ressaltar que os exemplos citados ao longo dessa seção fazem parte do nosso corpus de análise e foram utilizados preservando a escrita original encontrada nos *tweets*.

binárias. Em (17), o substantivo “nenês” é retomado pelo neopronome “iles” (sistema ile), cumprindo também com um valor também genérico.

Com isso, relacionando a variável semântica com proporção de *neopronomes* por sistemas (gráfico 1), observa-se que a maior parte dos *neopronomes* estão sendo utilizados com valor genérico, tal como indica gráfico 3, em que a largura de cada sistema é proporcional a frequência de usos desses sistemas e o cumprimento é marcado para ilustração do valor semântico que cada sistema realiza. Assim, o sistema “elu”, com maior proporção de usos, 81%, seguido pelo sistema ile, 12%, apresentam usos mais genéricos, enquanto o sistema ilu, com 6% de frequência de usos, representa em maior número um valor especificado. Em termos de valores absolutos, o sistema elu detém 215 usos genéricos e o sistema ile 37, por outro lado, o sistema ilu contém 19 usos especificados contra 4 genéricos. Com efeito, o valor genérico aparece como mais relevante para os usos de *neopronomes*, de forma geral.

Nesse sentido, é possível depreender que os *neopronomes* no PB estão sendo utilizados também como uma marca capaz de representar linguisticamente identidades binárias (masculino e feminino) e identidades não binárias. Pode-se, contudo, questionar se nesse plano o conceito de *RI*, proposto nesta pesquisa, encontraria no emprego genérico alguma problemática para a sua validação. O que compreendemos, no entanto, é que apesar de atingir um valor mais generificado, de acordo com os dados, os *neopronomes* marcam e referenciam na língua novas identidades, ultrapassando os limites do padrão binário. Dessa forma, revela-se que o valor masculino de gênero, forma não marcada (Camara Jr., 1970) e, consequentemente, utilizada com um valor genérico, não abrangem, em sua amplitude, uma referência que acolha identidades binárias e não binárias.

Em contrapartida, a marcação genérica dos *neopronomes* pode ainda despertar o debate e a problemática relativa ao favorecimento do apagamento da identidade feminina que muito lutou para o seu reconhecimento linguístico. Assim, para Freitag (2022), se o emprego inovador de gênero proporciona um comportamento generificado, o que se tem é a “troca de uma regra de uma hegemonia (o masculino supostamente neutro) por outra, o neutro agênero, ou a neutralização do gênero” (2022, p.70).

Essa discussão, que se forma a partir dos novos valores de gênero/ neopronomes e sua relação com uma referenciação generificada dos sujeitos,

ultrapassa o escopo dessa pesquisa[45]. No entanto, é pertinente notar que esse questionamento, construído com base em uma marcação objetiva de identidades na língua, reforça a nossa hipótese de que a referência dos sujeitos na língua está atrelada ao reconhecimento de suas identidades, cumprindo com o conceito de *RI*, dado que a marcação genérica pode causar um certo desconforto para grupos de identidades diferentes.

Diante disso, os *neopronomes* no PB têm apontado para uma realização mais genérica, inserindo na genericidade também identidades não binárias, além da feminina e masculina. Esses usos genéricos podem ocorrer, por sua vez, para fazer referência a um grupo, como em (16) ou ainda quando não se sabe o gênero/identidade de alguém: “To no show da potyguara b. mas eu nao sei nem os pronomes dilu”.

5.3 Função sintática

No estudo da variável função sintática, foram analisadas as funções relacionadas com o emprego dos *neopronomes* no PB, objetivando, com isso, verificar qual função tem sido mais utilizada nos empregos dos *neopronomes* e se há alguma preferência de função para cada sistema *neopronominal*. Assim, tomemos como ponto de partida a tabela 9:

Tabela 9: Função sintática dos *neopronomes*[46]

	Sistema elu	Sistema ile	Sistema ilu
Sujeito	29%	38%	17%
Vocativo	1%	0%	0%
Adjunto adnominal	16%	9%	17%
Adjunto adverbial	11%	9%	17%
Agente da	0%	0%	0%

[45] Pretendemos abordar em trabalhos futuros, um estudo sobre os usos de uma linguagem não binária e sua, possível, implicação no apagamento de identidades femininas na língua.

[46] A tabela é de autoria do professor Dr. João Paulo Cyrino (UFBA).

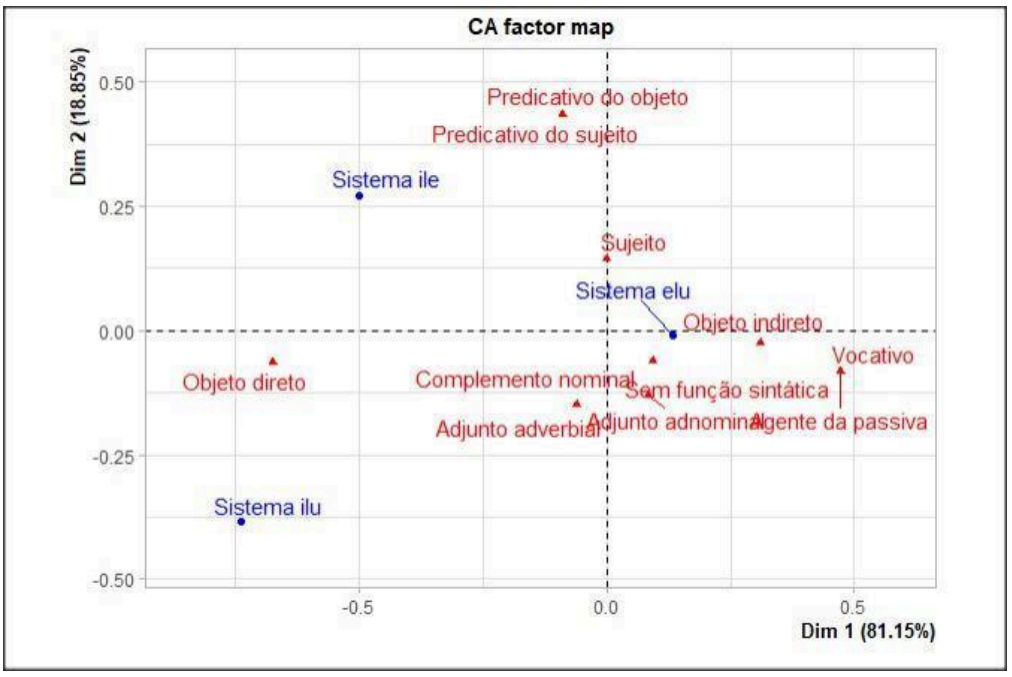
passiva[47]			
Complemento nominal	10%	7%	9%
Objeto direto	8%	24%	35%
Objeto indireto	19%	7%	4%
Predicativo do objeto	1%	2%	0%
Predicativo do sujeito	2%	4%	0%
Sem função sintática[48]	3%	0%	0%

Significância >0,0015[49]
Fonte: Elaboração própria.

Na tabela acima, é verificada a proporção de cada sistema em relação à função sintática[50] desempenhada pelos sistemas de *neopronomes*. Assim, observa-se que as funções sintáticas de maior relevância para esses sistemas são: sujeito e objeto direto. Para uma melhor observação dessas informações, levemos em consideração o gráfico a seguir:

Gráfico 4: Correspondência entre função sintática e sistema de *neopronome*[51]

[47] A função agente da passiva teve 1 realização no sistema elu, por isso consta na tabela, no entanto, na rodagem dos dados no R, a plataforma indicou 0% para essa função em todos os sistemas.
[48] Foram analisadas como "sem função sintática" construções como em "Elus e elus" e "@xxxxxxxxxx aquelus" em que não há possibilidade de classificação dentro das funções, uma vez que são marcadas pela ausência de verbo, não constituindo, dessa forma, uma oração.
[49] Em termos de significância, a tabela apresentada possui forte associação entre a função sintática e o sistema de *neopronome*.
[50] Foi utilizada a gramática normativa para a demarcação das funções sintáticas.
[51] O gráfico é de autoria do professor Dr. João Paulo Cyrino (UFBA).



Fonte: Elaboração própria.

No gráfico acima, há uma ilustração das informações presentes na tabela 9. Nesse gráfico, é realizada uma análise da correspondência, isto é, diferentes categorias são relacionadas, registrando, com isso, as que possuem uma relação de maior proximidade. Além disso, destaca-se que o nível de relevância das informações ilustradas nesse gráfico é interpretado pelo valor de dimensão, ou seja, dim 1 e dim 2, presente nos eixos do gráfico. Assim, quanto maior for o valor de dimensão, maior a relação entre as categorias. Nesse sentido, no gráfico 4 o eixo x, com dimensão de 81.15%, é o que possui maior relevância, assinalando uma forte correspondência entre as categorias.

Dessa forma, analisa-se que as funções sintáticas mais próximas de cada sistema de *neopronome*, com base no eixo x, apresenta uma maior relação com dado sistema. Dessarte, os dados mostram que há uma associação mais fraca da função de objeto direto com o sistema elu. Em oposto, as ocorrências de ile e ilu como objetos diretos são proporcionalmente mais frequentes do que as ocorrências dessa função no sistema elu. Logo, isso pode ser verificado também ao observarmos os valores em proporção de cada sistema (descrito na tabela 9): 8% dos *neopronomes* do sistema elu realizam a função de objeto direto, contrastando com 24% e 35% dos sistemas ile e ilu, respectivamente. Por outro lado, objetos indiretos são menos frequentes nos sistemas ile e ilu (7% e 4%, respectivamente).

Nos exemplos a seguir, é possível observar algumas construções marcadas para a função de objeto direto nos *neopronomes*:

18. “xxxxxxxxxx nem entendi isto pensei que fosse stay vindo divulgar **elus** no meu tweet”

19. "Jesus como eu odeio homem cis hetero allo Perisexo elus são insuportáveis, elus tem o mesmo humor, as mesmas opiniões ruins, os mesmos posicionamentos, elus são chates para krlh, iles parecem ser a mesmo pessoa odeio **iles**.”

20. “elu quer um care que admire **ilu**”

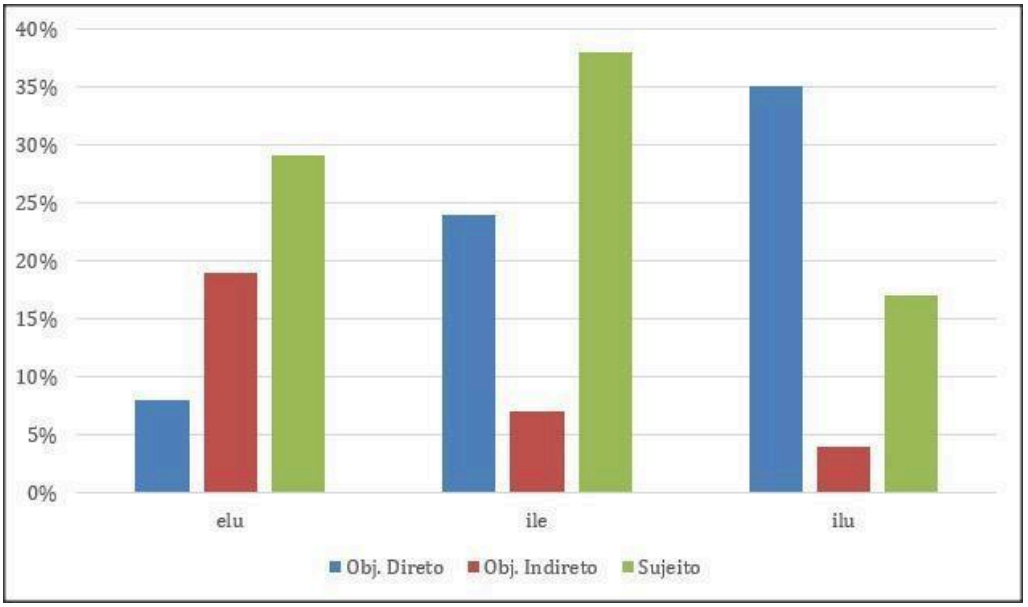
21.“Que já tem uma dificuldade imensa de aprender português eu mesmo já tive bastante dificuldade e tenho até hoje em algumas palavras imagina pessoa que tem autismo ou algum tipo de deficiência véi aff não concordo em querendo incluir **“diles” “iles”** a véi não me desse”

22. “xxxxxxxx Ele já está falando **lLu** e **diLu** ... meninEs… pessoEs?”

Assim, os exemplos de (18) a (22) demonstram alguns usos encontrados em cada sistema para a função sintática de objeto direto, como já citado. Nesse sentido, em (18) observa-se o emprego do sistema elu para a função sintática em questão, o mesmo se observa nos exemplos (19) e (21) para o sistema ile e em (20) e (22) para o sistema ilu. Os exemplos em (19) e (20), por sua vez, chamam atenção por realizarem coocorrência de sistemas distintos de *neopronomes*.

Nesse ponto, destaca-se que, em (19), o sistema elu é realizado sempre em função de sujeito, por outro lado, o sistema em coocorrência, sistema ile, desempenha na frase, além da função de sujeito, a função de objeto direto. O mesmo ocorre com o exemplo em (20), no qual o *neopronome* do sistema elu é realizado na função de sujeito, enquanto a função de objeto direto é marcada pelo *neopronome* do sistema ilu. Por conseguinte, as construções em (19) e (20) ilustram uma possível preferência para a realização da função de objeto direto pelo sistema ilu e ile, em contraste com o sistema elu.Tais informações podem ser atestadas também pelo gráfico a seguir:

Gráfico 5: função sintática x sistemas de *neopronomes*



Significância >0,001
Fonte: Elaboração própria.

Desse modo, com base nas informações descritas acima e no gráfico 5, é notado que a função de objeto direto aponta para uma maior frequência de utilização no sistema ilu e ile, em oposto ao sistema elu. À vista disso, apontamos que essa distinção de comportamento, entre esses sistemas, pode estar atrelada à formulação de um novo padrão na língua, a linguagem não binária.

Assim, a marcação de *neopronomes* de sistemas diferentes para funções distintas pode favorecer uma distintividade e clareza das funções desempenhadas pelos *neopronomes*. Isto é, por se tratar de uma marcação pronominal, a diferenciação desses *neopronomes*, em termos das funções sintáticas desempenhadas por esses, pode indicar que essa utilização, por parte dos usuários da língua, favorece uma distintividade desses *neopronomes* a depender da função sintática, reforçando, com isso, que não há aleatoriedade no fazer linguístico, dado que essas novas utilizações de *neopronomes* apontam para padrões específicos de utilizações, como a marcação de objeto direto mais relacionada com o sistema ilu e ile.

Do mesmo modo, verifica-se ainda que o sistema elu, como ilustrado no gráfico 5, apresenta uma relação maior com a função de sujeito e de objeto indireto. Abaixo alguns exemplos dessas utilizações:

23. “Bateu cansaço Vou pensar **nelus** e vou dormir Vai dormir vc tmb, eu sei q vc tá vendo meus tweets cachorre”

24. “Se **elus** se sentem como sendo de outra etnia, então **elus** são de outra etnia, é o sentimento que vale, não é mesmo? Não sejam transfobiques dizendo que não. https://txxxxxxxxxxxxxxxx”

No exemplo em (23), a realização do *neopronome* está atrelada à função de objeto indireto, função mais presente no sistema elu. Em (24), por outro lado, observa-se o emprego do *neopronome* com a função de sujeito. Com isso, levando em consideração o gráfico 5, a maior relevância para a função de objeto indireto do sistema elu pode estar associada à presença bastante relevante da função de sujeito, dado que os objeto indiretos, geralmente, possuem um traço semântico [+ animado], o que não ocorre com os objetos diretos, conforme aponta Duarte (2018).

É observado ainda que a função de sujeito se mostrou muito relevante, especificamente no sistema elu e ile. Nesse ponto, essa colocação pode estar associada ao fato de que a posição de sujeito no PB ocorre menos de forma oculta (Tavares Silva, 2008). Além disso, como se observa, no gráfico 2, houve mais realizações dos *neopronomes* pessoais do caso reto, em todos os sistemas, o que pode também estar relacionado com o maior número de sujeitos, dado que formas como “delu” ou nelu” não ocupam essa posição na língua.

Diante disso, o sistema elu marcado para a função de sujeito e objeto indireto, possui como contraste a função de objeto direto mais realizada nos sistemas ile e ilu. Essa diferença pode ser compreendida pela delimitação de um contraste mais expressivo no emprego dos *neopronomes* com relação a sua função sintática, como já mencionado.

5.4 Desinência não binária de gênero

O reconhecimento de novos padrões de identidade na língua fundamenta-se pela implementação de marcas de referenciação, os *neopronomes*, e pela ampliação de valores de gênero no PB, como já discutido. Nessa conjuntura, partindo da compreensão de que o gênero gramatical participa das relações de concordância das línguas (Corbett, 1991; Carvalho, 2020), adotamos a variável desinência de

gênero para atestar se os *neopronomes* produzem efeito na relação de concordância nominal, e, com isso, observar quais marcas estão sendo utilizadas para um terceiro valor de gênero no PB.

É válido ainda destacar que os efeitos de uma concordância não binária despertam muitos questionamentos no debate sobre a implementação de novos valores de gênero, dado que o PB se caracteriza por possuir uma morfologia rica, e, dessa forma, essa nova concordância poderia ter um maior custo para o processamento linguístico. Assim, para um melhor entendimento do que se encontra em questão no PB, levemos em consideração as informações encontradas nos dados.

Tabela 10: Desinência de gênero x sistema de *neopronome*[52]

	e	e, i	e, i, u	e, u	Não possui	Sem desinência de gênero	u
Sistema elu	0.20	0.01	0.00	0	0.76	0.01	0.01
Sistema ile	0.31	0.02	0.00	0	0.64	0.00	0.02
Sistema ilu	0.26	0.00	0.04	0	0.70	0.00	0.00

Significância > 0.0475

Fonte: Elaboração própria.

A tabela acima marca, em proporção, as desinências não binárias de gênero encontradas a partir da concordância nominal estabelecida com os *neopronomes* dos sistemas destacados. Assim, em primeiro momento, é importante ressaltar que as informações presentes, na tabela 10, apresentaram um valor de significância relevante para a variável em análise, confirmando haver uma associação entre a marcação de gênero empregada e o sistema de *neopronome*.

Diante disso, observa-se que o valor “não possui”, referente às construções que não apresentaram uma terceira desinência de gênero, foi o mais relevante para os três sistemas de *neopronomes*: sistema elu com 76% das ocorrências, sistema ile com 64% e sistema ilu com 70%. Com isso, indica-se que nos usos de

[52] Os valores destacados na tabela revelam as marcações utilizadas em uma mesma construção para marcar um valor não binário de gênero, ou seja, “e, i”, “e, u” e “e, i, u” aparecem como valores na tabela por terem sido utilizados juntos em um mesmo *tweet,* em diferentes palavras*,* como marca não binária de gênero. Além disso, foram marcadas como “não possui” as construções com valor de gênero no feminino, no masculino ou sem concordância nominal. Destaca-se também que foi incluído como “sem desinência de gênero” as construções marcadas com palavras comuns de dois gêneros, em que não houve uma indicação, recuperada pelo contexto, do gênero referido.

neopronomes, há uma maior porcentagem para uma relação de concordância nominal sem a presença de um terceiro valor de gênero, tal como demonstram os exemplos a seguir.

25. “@XXXXX @XXXXXXXXXX se já não... sonho de consumo **dilus**.”

26. “o tópico é os tkk dividir carro?vcs discutem por umas coisas ridiculas, no final **elus** n estão errados o tae&jk vivem grudados nessa era solo e vai saber onde eles andam juntos no off https://t xxxxxxxxxxxxxxx”

27. “xxxxxxxx @xxxxxxxxxx @xxxxxxxxxx @xxxxxxxxxx @xxxxxxx E ...SIM!!! Ela falou que **#ILES** foram OBRIGADOS a ASSINAR (me parece que o SENADO da época) para não irem PRESOS!!! De Simone Tebet a Requião!!!”

As construções acima exemplificam os casos que foram marcados para o valor “não possui” na variável de desinência não binária. Nesses exemplos, é possível verificar a concordância nominal desencadeada pelos *neopronomes* com o valor masculino, como se observa em (26), em que “errados” está relacionado com o *neopronome* “elu”, mas é marcado no masculino, e em (27), em que “obrigados” e “presos” referem-se ao *neopronome* “iles”. Em (25), no entanto, o *neopronome* “dilu” não desempenha qualquer relação de concordância nominal, enquadrando-se também com o valor “não possui”.

Ademais, ainda de acordo com a tabela 10, o “e”, como marca não binária, foi o segundo valor mais relevante nos sistemas. Assim, no sistema elu, houve 20% de construções com valor não binário marcado pelo -e, no sistema ile, foi observado 31% e no sistema ilu 26%.

Dessa forma, como se observa nos exemplos abaixo, em (28), o *neopronome* “aquelus” desencadeia uma concordância nominal com o predicativo do sujeito “selecionades” e com o sujeito “parceires”. Em (29) o predicativo do sujeito “respeitades” é marcado com um novo valor de gênero concordando com o *neopronome* “iles”. Em (30), “não-bináries” é também marcado para um novo valor de gênero, dado que estão relacionados com os *neopronomes* “elus” e “dilus”. Assim, nos exemplos a seguir é possível observar uma nova desinência de gênero no PB, relacionada com os *neopronomes*.

28. “ATENÇÃO, BOOKSTANS! O formulário para as parcerias do meu conto que lança dia 24 segue aberto e **aquelus** que forem **selecionades** como meus parceires levarão para casa lindos brindes digitais. +”

29. “xxxxxxx @xxxxxx_xxxxxx @xxxxxx **lles** precisam ser **respeitades****** Por favor pare de me ofender com sua linguagem cis hétera”

30. “xxxxxxxxxx @xxxxxxxxxxxxx Dois **não-binários** (**elus/dilus**) bateram em duas moças (elas/delas). #representatividade #direitosiguais”

Nessa conjuntura, observa-se que o -e tem se mostrado como uma marca mais propícia para a implementação de um valor de gênero no PB. Essa preferência pode ser compreendida pelo contraste que -e causa diante de alguns substantivos, especialmente, os substantivos sexuados, que, em sua maioria, variam em gênero por meio de marcas morfológicas (Rocha, 1998), como: menina/ menino/ menine. Assim, de acordo com Schwindt (2020), o -e, como marcado não binário de gênero, apresenta maior possibilidade do que marcas como “@” ou “x”, uma vez que não se restringe ao campo da escrita. O autor destaca também que o uso do -e encontra favorecimento no sistema linguístico por já fazer parte das relações morfológicas da língua, sendo utilizado como marcador de vogal temática.

Com base no exposto, o contraste encontrado no grupo dos substantivos sexuados e a menor limitação diante do sistema linguístico do PB (Schwindt, 2020), podem ser compreendidos como características favoráveis para a implementação do -e como novo valor de gênero, como aponta a tabela 10. Desse modo, é ainda válido ressaltar que substantivos do subgrupo dos animados , além de apresentarem maior possibilidade de flexionar gênero por meio marcas morfológicas (Rocha, 1998), é, possivelmente, também, o mais relacionado com a ampliação de novos valores de gênero baseado nos novos padrões de identidade, uma vez que este está relacionado com o traço semântico [+animado].

Diante disso, de acordo com os dados, o -e apresenta mais relevância para um valor não binário na língua. A presença dessa marca é ainda mais relevante no sistema ile (31%) e ilu (26%), ao passo que o sistema elu, o qual obteve mais frequência de usos, em termos gerais, marcou uma proporção menor, 20%. Com isso, essa informação pode indicar que, apesar de ter mais chances de implementação como terceiro valor de gênero, o -e é mais relevante para sistemas mais restritos de uso.

5.5 Coocorrência de sistemas

A variável coocorrência de sistemas foi adotada com o intuito de verificar se há utilização de mais de um sistema de *neopronome* em uma só construção, bem como se esses sistemas coocorrem com pronomes canônicos. Para verificar tal comportamento destacamos a tabela abaixo:

Tabela 11:Coocorrências x sistemas de *neopronomes*[53]

	Canônico	Não binário	Não binário e canônico	Não possui
Sistema elu	0.11	0.04	0.02	0.83
Sistema ile	0.00	0.27	0.02	0.71
Sistema ilu	0.04	0.09	0.13	0.74

Significância >0,000000008

Fonte: Elaboração própria.

Os dados presentes, na tabela 11, apresentaram uma significância bastante representativa, ressaltando, com isso, a existência de uma associação entre o sistema de *neopronome* e o tipo de coocorrência que desempenha. Destaca-se ainda que o critério adotado para a observação das coocorrências dos sistemas foi fundamentado na associação do *neopronome* com seu referente, assim, os casos em que apresentava um mesmo referente para diferentes sistemas foi analisado como coocorrência.

Dessa forma, com base na tabela acima, verifica-se que a maior parte dos *neopronomes* não coocorreram com outros sistemas pronominais e/ou *neopronominais*, marcando o valor “não possui” em: 83% para o sistema elu, 74% para o sistema ilu e 71% para o sistema ile. Algumas dessas realizações podem ser observadas nos exemplos abaixo:

31. “Só um copão de café pra **elus** https://xxxxxxxxxxxx”
32. “xx_xxxxxx Agora as leis será em **iles** todes a a puta que pariu”

[53] Na tabela o valor canônico refere-se às concorrências dos sistemas de *neopronomes* com os pronomes femininos e masculinos. O valor não binário marca a coocorrência com outro sistema de *neopronome*, e o valor não binário e canônico refere-se aos *neopronomes* que coocorrem com as duas possibilidades. Há ainda o valor “não possui” destinado aos casos em que não houve coorrências de sistemas.

33. “xxxx @xxxxxxx @xxxxxxxxxxxxx @xxxxxxxxxxxxx E vem sempre de um **ilu/dilu** . https://xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx”

Assim, em (31), (32) e (33) os *neopronomes* do sistema elu, ile e ilu, respectivamente, ocorrem de forma isolada, ou seja, sem coocorrer com formas pronominais de outros sistemas. Dessa forma, com base na tabela 11, o sistema elu foi o que apresentou uma maior frequência de realizações sem marcar coocorrência com qualquer outro sistema. Isso pode indicar que o sistema elu apresenta uma maior especificidade enquanto sistema, sendo assimilado pelos usuários do PB como um conjunto específico de *neopronome*, contrastado com os valores binários e outras possibilidades de marcação não binária, sistema ile e ilu.

Por outro lado, o sistema elu foi também o que apresentou uma maior percentagem (11%) de coocorrências com os valores canônicos (pronomes femininos e masculinos) na língua. Nessas realizações, foram observados os seguintes contextos de coocorrências:

34. “qm tem o mínimo de noção e humildade na trajetória, qr mais é q a nova geração supere a antiga msm. eu faço de td p passar os melhores conhecimentos q tenho pras minhas famílias pq quero q **elus** sejam a melhor versão **deles**. e q seja melhor q a minha. afinal, elus são o futuro.”

35. “Seu crush sabe que você tem crush **nele**/**nela**/**nelu**? httpsxxxxxxxxxxxxxx”

Com base nos dados, as ocorrências do sistema elu com o canônico demandam duas possibilidades. Nesse sentido, podem coocorrer com o sistema canônico na referenciação de um mesmo sujeito/objeto, tal como pode ser visualizado no exemplo em (34), em que o *neopronome* “elus” e o pronome masculino “deles” são marcados para retomada de “famílias”, ou podem coocorrer em uma utilização mais inclusiva da linguagem, em que há a marcação de diferentes valores pronominais para reconhecer e abarcar as diversas identidades, negando, portanto, uma marcação geral capaz de recuperar todos os valores de gênero, como pode ser visto no exemplo em (35).

Assim, para verificar qual dessas possibilidades encontrou mais relevância nas coocorrências com o canônico, partimos da observação dos dados coletados, analisando, em número absoluto, o quantitativo de cada uma dessas possibilidades,

atestando se há uma preferência nas coocorrências com o sistema canônico. Desse modo, foram registradas 16 ocorrências, semelhantes ao exemplo em (35), isto é, marcando uma realização inclusiva, e 17 ocorrências com uma coocorrência atrelada à referenciação de um mesmo sujeito/objeto, como em (34). Diante disso, destaca-se que é necessário um estudo mais aprofundado, com uma maior quantidade de dados para verificar se há uma preferência de coocorrência com o sistema canônico com algumas dessas duas possibilidades, tendo em vista que em termo de quantitativo houve uma diferença mínima entre esses registros[54].

Ademais, conforme aponta a tabela 11, o sistema ile chama atenção por apresentar um comportamento diferente em relação aos outros sistemas *neopronominais*, sendo o que menos ocorreu sozinho, com porcentagem de 71% de ocorrências sem coocorrer com outros sistemas. Além disso, esse sistema também foi o que mais coocorreu com sistemas não binários, com uma frequência de 27%, contrastando com 9% do sistema ilu e 4% do sistema elu. Abaixo alguns exemplos dessas coocorrências:

36. “o desejo **diles** o terror **delus**”

37. “xxxxxxxxx cuide bem **dile**, **elu** goste que repari no cabele **dile**”

38. “Não existe linguagem neutra. Não existe **ELU**. Não existe **DILE**. Não existe TODES. E AQUILES foi um guerreiro que lutou em TRÓIA. Não existe essa aberração linguística! Isso se chama ANALFABETISMO!”[55]

Nos três exemplos acima, é possível observar o sistema ile cooorrendo, em todos os casos, com o sistema elu, sistema não binário. Em (36), o *neopronome* “diles”, correspondente a forma *neopronominal* formada pela junção da preposição “de” e do *neopronome* pessoais do caso reto, coocorre com o *neopronome* (do mesmo subgrupo de *neopronome*) do sistema elu, “delus”. Em (37) e (38) “dile”, do sistema ile, coocorre com o *neopronome* pessoal “elu”, do sistema elu.

[54] O estudo mais aprofundado das ocorrências do sistema elu com o sistema canônico é importante, dado que permitirá compreender se há algum tipo de “esvaziamento” semântico desse novo valor, uma vez que cruza com o sistema canônico para um mesmo processo de referenciação ou retomada. Ou se essas coocorrências evidenciam valores distintos e bem marcados de gênero, causado apenas pela evitação de um uso genérico de algum desses valores.

[55] É relevante pontuar que o atual trabalho não levou em consideração usos metalinguísticos ou utilizações dessa linguagem como valor pejorativo, tendo em vista que não se constituiu como objetivo o contexto de uso dessas utilizações. Desse modo, foi analisado como uso de *neopronome* qualquer utilização, independente do propósito dessa marcação pelo usuário, dado que mesmo em contextos de pejorativos há uma marcação e um favorecimento desses novos empregos no PB.

À vista disso, a característica de se comportar com um número menor de coocorrências e de apresentar um maior percentual de coocorrências com o sistemas não binários pode ser um indício de que o sistema ile possua uma maior dependência de realização com outros sistemas *neopronominais*. Assim, destacamos que o estudo dessa variável requer um aprofundamento no quantitativo de dados e uma abordagem qualitativa, para que com isso se possa verificar em que contextos a coocorrência do sistema elu com o sistema canônico ocorre, bem como observar quais sistemas coocorrem mais juntos e sob quais condições, como função sintática. Assim, buscaremos responder essas questões em pesquisas futuras.

5.6 Considerações parciais

A análise dos sistemas de *neopronomes*, realizada nesta pesquisa, proporcionou uma compreensão acerca de um fenômeno ainda recente na língua e nos estudos linguísticos. Nessa perspectiva, a partir do estudo das variáveis destacadas, foram observadas algumas semelhanças e diferenças entre os sistemas elu, ile e ilu. Assim, nesta subseção faremos uma retomada das características gerais de cada sistema de *neopronome*.

- Sistema elu: foi o responsável pela maior porcentagem de frequência de uso, entre os três sistemas estudados, o que pode indicar uma maior possibilidade de implementação na língua. O sistema elu caracterizou-se também por apresentar um valor mais genérico nos empregos de *neopronomes*, com 215 realizações com valor genérico em um conjunto de 296 *neopronomes*. Ademais, destacaram-se nesse sistema a função de sujeito, no campo da variável sintática, a ausência de coocorrência com outros sistemas - na variável coocorrência de sistemas - com a porcentagem de 83%, e ausência de uma concordância nominal marcada com um terceiro valor de gênero no PB - variável de desinência não binária de gênero -, sendo assim, o sistema com uma menor proporção de marcas não binárias de gênero, com um percentual 20%.
- Sistema ile: foi destacada uma porcentagem de 12% de ocorrências, caracterizando-se como o segundo sistema com maior porcentagem de

realizações. As variáveis semântica e sintática (função) apresentaram uma semelhança com sistema elu, sendo o valor genérico e a função de sujeito mais predominante neste sistema. No entanto, na variável desinência não binária de gênero esse sistema apresentou o menor percentual para a ausência de um terceiro valor dessa categoria, com 64% dos usos, e um percentual de 31% para utilizações com o *-e* como valor inovador de gênero. Na última variável o sistema ile destacou-se também por apresentar o maior número de coocorrência, em específico, com outros sistemas não binários, com 27% de ocorrências para esses casos.

- Sistema ilu: apresentou uma menor proporção de usos, com o percentual de apenas 6% de ocorrências. Nesse sistema, o valor semântico especificado foi obtido como o mais relevante, em oposto aos outros sistemas. Além disso, a função sintática mais realizada por os *neopronomes* desse sistema foi a de objeto direto, diferenciando-se, mais uma vez, do sistema ile e elu. Na variável coocorrência de sistemas apresentou um comportamento mais propício para uma realização sem coocorrência, com 74% dos casos, sendo o segundo sistema que menos coocorre. Por fim, na variável designada para observar a relação dos *neopronomes* com novos valores de gênero, esse sistema foi o segundo com uma maior proporção de concordância não binária com o *-e*, e, com efeito, o segundo que apresentou uma menor proporção para uma ausência de marcas não binárias de gênero.

Assim, na tabela abaixo, foram resumidos os valores mais relevantes nas variáveis estudadas para cada sistema. Com isso, é possível observar, em linhas gerais, que o sistema elu e o sistema ilu apresentam a semelhança de possuírem um valor mais genérico nos usos dos *neopronomes*, bem como por se comportarem, em maior número, como sujeito. O sistema ile, por sua vez, como já citado, é o único que apresenta o valor especificado, como mais relevante, no campo semântico, o que pode estar associado com o uso ainda restrito desse sistema, tendo em vista o seu baixo percentual de ocorrência. Além disso, esse sistema foi o único que apresentou uma relação menor com a função sintática de sujeito e maior com a função sintática de objeto direto.

Tabela 12: Valores gerais dos sistemas de *neopronomes*

	Frequência	Valor semântico	Função sintática	Desinência não binária de gênero	Coocorrência de sistemas
Sistema elu	81%	Genérico	Sujeito	76%	81% de ausência
Sistema ile	12%	Genérico	Sujeito	64%	71% de ausência
sistema ilu	6%	Especificado	Objeto direto	70%	74% de ausência

Fonte: Elaboração própria.

Por fim, com base nos estudos realizados acerca dos sistemas de *neopronomes*, observa-se que o sistema elu possui uma maior chance de implementação no PB, levando em consideração a proporção de frequência desse sistema. Ademais, ressalta-se que os empregos de *neopronomes* no PB, com base nos dados, indicam um favorecimento para uma marcação mais genérica e com uma maior probabilidade de utilizações sem impacto na concordância nominal de palavras associadas com esses *neopronomes*, como indica a tabela 11. Entretanto, o *-e* como marca de desinência não binária tem se mostrado mais relevante nos casos em que há o estabelecimento de uma concordância nominal não binária, como demonstra a tabela 10.

Diante disso, destaca-se também que os sistemas apontam para uma marcação com um menor número de coocorrências entre os sistemas não binários de *neopronomes* e o sistema canônico, e uma maior relevância para a função de sujeito. Desse modo, nota-se que apesar das singularidades de cada sistema, as semelhanças desses, podem reforçar e indicar os contextos mais propícios para a utilização de *neopronomes* no PB. Assim, na próxima seção serão apresentadas as considerações finais desta pesquisa.

Considerações finais

O estudo realizado neste trabalho sobre o emprego de uma linguagem não binária no PB, marcada pelo uso de *neopronomes* e um terceiro valor de gênero gramatical, permitiu, com base nos usos dessas novas formas, verificar os contextos (semântico, sintático e morfológico) em que essas construções estão sendo empregadas na língua.

Nesse sentido, como ponto preliminar para esta pesquisa, a nossa fundamentação teórica foi constituída por estudos sobre o gênero gramatical (Camara Jr., 1970; Rocha, 1998; Corbett, 1991; Carvalho, 2020), a classe de pronomes (Benveniste, 1995) e o conceito de identidade (Hall, 2006). Assim, nesta revisão teórica a categoria de gênero é ressaltada como uma categoria complexa, com um desempenho diversificado e marcado por diversas compreensões, sendo essa formada por um processo exclusivamente formal (Camara Jr., 1970) ou constituída a partir de informações semânticas (Corbett, 1991).

Nos estudos acerca do gênero gramatical, foram também revisadas algumas gramáticas (normativas e descritivas), tendo em vista que esses textos têm sido tomados como base para as argumentações centrais mobilizadas para refutar usos de uma linguagem não binária em propostas e projetos de leis. Dessa forma, foi observado nessas gramáticas, de maneira geral, uma abordagem breve e concisa do gênero gramatical, restringindo-se ao encadeamento de como deve ser aplicado o gênero nas palavras, não contemplando, portanto, a complexidade do papel/desempenho dessa categoria na língua, diante, principalmente, da relação do gênero com o sexo e identidade dos sujeitos.

Ademais, nessa revisão, foi também evidenciado o estudo acerca da classe de pronomes, com o intuito de compreender a importância e as características que possibilitam a aplicação de novos valores de gênero nos pronomes, e, consequentemente, de novas formas de referenciação dos sujeitos, os *neopronomes*. Com isso, nota-se que os *neopronomes* estão ligados, exclusivamente, à terceira pessoa, o que pode ser evidenciado pela característica dessa pessoa ser a única a distinguir gênero e possuir uma referência objetiva, conforme proposto por Benveniste (1995). Por conseguinte, ressalta-se que o papel dos *neopronomes* encontra-se alicerçado na referenciação de sujeitos que não se sentem contemplados por valores binários no PB.

Outrossim, foi observado que a implementação de novos valores de gênero e dos *neopronomes* relaciona-se com as mudanças ocorridas no campo da identidade dos sujeitos. Assim, de acordo com Hall (2006), o conceito de identidade perpassa uma característica fixa, inata e imutável e chega na pós-modernidade com um padrão fluído e plural. Desse modo, considerando as modificações no campo da identidade e os atuais usos de uma linguagem não binária, propomos nesse estudo o conceito de *Referência identitária (RI).* Desse modo, essa *RI* atrela-se ao processo de referenciação dos sujeitos na língua, partindo do reconhecimento e da marcação linguística da identidade dos sujeitos.

Assim, neste trabalho, assume-se que as mudanças no campo social impulsionam e demandam para a língua novas necessidades, como é o caso da linguagem não binária. Nesse sentido, para verificar essas novas utilizações no PB, partimos de uma pesquisa exploratória, tendo em vista que esse fenômeno é recente e ainda pouco estudado, principalmente, quando se trata da análise de dados com usos de *neopronomes* no PB. Dessarte, a partir da constituição do *corpus* de estudo, formado através de um levantamento de dados no *Twitter* sobre os sistemas de *neopronomes* (elu, ile e ilu), foi possível analisar as utilizações e os contextos de usos de um valor não binário na língua.

Dessa maneira, conforme os resultados obtidos na análise dos dados, o sistema elu destacou-se por possuir uma maior relevância em proporção de usos, comportando-se, portanto, com maior chance de implementação no PB. Além disso, esse sistema foi o único que não apresentou amostras descartadas no processo de limpeza de dados. Assim, assumimos que a conservação da raiz dos pronomes canônicos, na composição desse sistema, constituindo-se pela alteração na vogal final, referente, possivelmente, ao valor de gênero, indica um contraste mais sistemático com a forma feminina e masculino.

Com base nisso, essa característica de preservação da raiz das formas canônicas pode estar relacionada com a maior proporção de usos desse sistema, ao passo que os sistemas ile e ilu, ao formar-se por um processo de alomorfia dos pronomes canônicos, produzem uma assimilação mais complexa e, por vezes, menos distintivas com alguns fenômenos e nomes já existentes na língua, o que pode ter resultado em uma baixa proporção de uso desses sistemas.

Além disso, verificou-se que o valor semântico genérico é predominante no sistema elu e ile, sendo, exclusivamente, mais especificado no sistema ilu. Assim, relacionando essa variável com a proporção de usos, a relação do sistema ilu e o valor especificado pode estar associado com uso mais restrito desse sistema diante dos outros sistemas *neopronominais*. Ademais, ressalta-se que, em número absoluto, o valor genérico foi o mais encontrado na marcação de *neopronomes* no PB, essa generificação, por sua vez, distingue-se do padrão masculino por inserir nesse uso de valor genérico identidades binárias e não binárias, o que não ocorre no emprego genérico do masculino.

No contexto sintático dos usos de neoponomes, a função de sujeito foi a que se mostrou mais significativa no sistema elu e ile. Por outro lado, a função de objeto direto apresentou uma relevância maior nos sistemas ilu e ile. Essa singularidade entre os sistemas e a função sintática desempenhada com maior frequência por um sistema de *neopronome* pode apontar para uma preferência de preenchimento de *neopronomes* de sistemas diferentes a depender da função que ocupa. Desse modo, o sistema ilu possui como preferência a marcação com objeto direto, enquanto o sistema elu como sujeito e objeto indireto.

Outrossim, na verificação de uma concordância nominal, desencadeada pelos *neopronomes*, com novos valores de gênero, foi observado uma maior proporção de usos sem o reflexo dos *neopronomes* no padrão de concordância da língua, seguido, assim, uma concordância com valores canônicos de gênero. No entanto, nos casos em que houve a marcação de um terceiro valor de gênero, sobressaiu o uso do *-e* no final de palavras, como marca distintividade de gênero no PB. Desse modo, assumimos a hipótese proposta por Schwindt (2020) de que o emprego do *-e* no final de palavras, como uma nova desinência de gênero, possui maior possibilidade de implementação como um valor não binário de gênero no PB, tendo em vista seu valor de distintividade, especialmente, no grupo dos nomes animados.

Ademais, com a variável de coocorrência de sistemas, foi observado um valor mais propenso para a não coocorrência entre os sistemas de *neopronomes* e/ou canônico. Contudo, o sistema ile e ilu apresentaram maior coocorrência com sistemas não binários, o mesmo não ocorreu com o sistema elu que apresentou um valor mais relevante para uma coocorrência com o sistema canônico. O sistema elu destacou-se também por ser o que menos coocorreu com outras formas pronominais, o que pode indicar um maior distintividade e especificidade desse

sistema enquanto valor pronominal no PB, sendo, possivelmente, mais assimilado como um valor diferente de outros sistemas de *neopronomes* e do sistema canônico.

À vista disso, destacamos que o sistema elu indicou maior possibilidade de implementação no PB. Com isso, os usos dos *neopronomes*, se levarmos em consideração o sistema com maior proporção de usos, evidenciam um comportamento semântico de valor mais genérico e com um terceiro valor de gênero marcado pelo -e no final de palavras.

Ressaltamos também que um estudo mais aprofundado de algumas variáveis como a de coocorrência de sistema de *neopronomes* se faz pertinente, dado que pode permitir compreender de forma mais clara a relação de maior coocorrência do sistema elu com pronomes canônicos, o que será realizado em trabalhos futuros. Além disso, o estudo da variável semântica, em situações em que o contexto seja possível de ser resgatado, como entrevistas com usuários dessa linguagem, revela-se como pertinente para o aprofundamento das análises realizadas nesse trabalho.

Por fim, a marcação de novos valores de gênero e os usos de *neopronomes* no PB evidenciam mudanças na categoria de gênero permeada por uma de atribuição semântica, isto é, marcando linguisticamente as identidades dos sujeitos. Nesse sentido, essa modificação dialoga com a hipótese de Corbett (1991) de que mudanças nos sistemas de gênero tendem a atender uma atribuição mais semântica dos sistemas.

Dessa maneira, apesar de ainda haver muitos questionamentos acerca dos usos de uma linguagem não binária no PB, esperamos que essa pesquisa possa contribuir com a construção científica da compreensão de um fenômeno recente na língua e nos estudos linguísticos do PB.

Referências

AKSENOV, A.T. 1984. **K probleme èkstralingvističeskoj motivacii grammatičeskoj kategorii roda** (Sobre o problema da motivação extralinguística da categoria de gênero), Voprosy jazykoznanija, v. 33, n. 1, p. 1-25.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**, 36. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

BECHARA, E. **Gramática Escolar da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENVENISTE, E. A natureza dos pronomes. In: _____. **Problemas de Linguística Geral**. São Paulo: Nacional, 1976. p. 277-283.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 3a ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARVALHO, D. da S. **Aspectos da morfossintaxe de gênero no português brasileiro.** Cuadernos de la ALFAL, v. 12, n. 2, p. 357-384, 2020.

CARVALHO, D. da S. **A domesticação da gramática de gênero**. 1. ed. Campinas: Pontes, 2021. v. 1.p 85-117.

CARVALHO, D. da S. **Quem é êla? A invenção de um pronome não binário.** In: FILHO, Fábio; OTHERO, Gabriel (org.), **Linguagem "neutra": língua e gênero em debate.** 1º ed. São Paulo: Parábola, 2022.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010. 768p.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48.ed. revisada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CENSO 2022. IBGE, 2022. Disponível em: https://censo2022.ibge.gov.br/pt/component/content/article/2012-agencia-de-noticias/noticias/35954-brasil-tem-207-8-milhoes-de-habitantes-mostra-previa-do-censo-2022.html#:~:text=O%20IBGE%20divulga%20hoje%20>. Acesso em: 15, jun. de 2023.

CHOMSKY, N. **The minimalist program.** Cambridge. The MIT Press,1955. (Current studies in linguistics series, 28).

COMBA, P. J. Programa de Latim, 1º volume: **Introdução à Língua Latina**. 14ª ed. Dom Bosco São Paulo, 1980.

CORBETT, G. G. **Gender**. Cambridge: Cambridge University Press. 1991. DOI: https://doi.org/10.1017/CBO9781139166119.

CORBETT, G. G. 2014. **Gender Typology**. In Greville G. Corbett (ed.), The

Expression of Gender, 87–130. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

COUTINHO, I. de L. 1962. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. **Nova gramática do Português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DESTEORIZA: **Linguagem além do gênero**. [Locução de:] Felipe Silva e Lés Ferreira. Entrevistados: Urse Lopes e Iran Melo. Local: Recife, Diretório de Comunicação da UFPE, 07 de junho de 2023. *Podcast.* Disponível em: https://open.spotify.com/episode/5BRC4G1WqKDgdzBz6v5sbw?si=NuARSoqhSM6loSYcub5c9Q. Acesso em: 25, jun. 2023.

DUARTE, M. E. Termos da oração. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (org.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 185-203.

ENAPOL 2023 - **Encontro des Alunes de Pós-Graduação em Linguística da USP**. 2023. Disponível em: https://www.fflch.usp.br/48263. Acesso em: 10 jul. 2023.

FREITAG, R. M. Ko.. **Conflito de Regras e Dominância de Gênero**. In: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel de Ávila (org.). **Linguagem "Neutra"**: língua e gênero em debate. São Paulo: Parábola, 2022. p. 53-71.

GUIA PARA LINGUAGEM NEUTRA (PT-BR). **Medium,** 2021.Disponível em: https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b. Acesso em: 01, junho de 2023.

GREENBERG, J. H. Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements. In: GREENBERG, Joseph H. (Ed.). **Universals of Human Language**. Cambridge, Massachusetts/London, England: MIT Press, p. 73-113, 1963.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-identidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JOVENS CONTAM COMO, QUANDO E POR QUE QUE USAM A LINGUAGEM NEUTRA. GZH comportamento, 2023. Disponível em:https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2023/02/jovens-contam-como-quando-e-por-que-usam-a-linguagem-neutra-clefpcih9001e017lzuhkpjlo.html Acesso em: 01, jun de 2023.

JESPERSEN, O. **The Philosophy of Grammar**. London: Allen and Unwin, 1994.
Kramer, Ruth. 2015. **The Morphosyntax of Gender**, Oxford, Oxford University Press. DOI: 10.1093/acprof:oso97801 99679935.001.0001

LABOISSIÈRE, P. Agência Brasil. **STF derruba lei que proíbe uso de linguagem neutra**.2023. Disponível

em:https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2023-02/stf-derruba-lei-que-proibe-uso-de-linguagem-neutra. Acesso em: 20 nov. 2023.

LABOV, W.. A motivação social para a mudança sonora. In: LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008. Cap. 1. p. 19-62. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso.

MANUAL PARA O USO DA LINGUAGEM NEUTRO EM LÍNGUA PORTUGUESA. Research Gate, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341736329_Manual_para_o_uso_da_linguagem_neutra_em_Lingua_Portuguesa. Acesso em: 01, junho de 2023.

PERINI, M. de A. **Gramática descritiva do português.** 4. ed. São Paulo: ed. Ética: 2005.

RESOL 900-2020. **GUÍA DE PAUTAS DE ESTILO DEL LENGUAJE INCLUSIVO**. 2020.Disponívelem:https://www.faecys.org.ar/resol-900-2020-guia-de-pautas-de-estilo-del-lenguaje-inclusivo/. Acesso em: 20 out. 2023.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, L. C. de A. 1998. **Estruturas morfológicas do português**, Belo Horizonte, Editora UFMG.

SÃO PAULO. SONAIRA FERNANDES (REPUBLICANOS).. **Projeto de Lei veda gênero neutro e determina uso correto das regras gramaticais da língua portuguesa**. 2022. Disponível em: https://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/projeto-de-lei-veda-genero-neutro-e-determina-uso-correto-das-regras-gramaticais-da-lingua-portuguesa/#:~:text=Tramita%C3%A7%C3%A3o%2C%20Geral%2C%20Not%C3%ADcias-,Projeto%20de%20Lei%20veda%20g%C3%AAnero%20neutro%20e%20determina%20uso,regras%20gramaticais%20da%20l%C3%ADngua%20portuguesa&text=Est%C3%A1%20em%20fase%20de%20tramita%C3%A7%C3%A3o,vereadora%20Sonaira%20Fernandes%20(REPUBLICANOS).. Acesso em: 15 nov. 2023.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHWINDT, L. C. **Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico**. Revista da ABRALIN, v. 19, n. 1, p. 1-23, 17 nov. 2020.

SILVA, C. R. T. **A natureza do Agr e suas impliações na ordem vs: um estudo comparativo entre o português brasileiro e o português europeu**. 2004. 618 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras - Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2004. Disponível em: https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/537/1/ClaudiaRobertaTavaresSilva.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.

TIAGO MALI. Poder 360. **58 projetos tentaram proibir linguagem neutra em 4 anos**.2023.Disponívelem:https://www.poder360.com.br/brasil/58-projetos-tentaram-proibir-linguagem-neutra-em-4-anos/. Acesso em: 13 maio 2023.

O GLOBO. **Pronome não binário 'they' é escolhido como palavra do ano pelo Dicionário Webster**. 2019. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/pronome-nao-binario-they-escolhido-como-palavra-do-ano-pelo-dicionario-webster-24131273. Acesso em: 10 nov. 2023.